

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VALÉRIA ALVES MELO

**AS FILHAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO: um estudo sobre a
educação católica (1915 – 1970)**



Dissertação de Mestrado

São Cristóvão – SE

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ – REITORIA DE PÓS – GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VALÉRIA ALVES MELO

**AS FILHAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO: um estudo sobre educação católica (1915 –
1970)**

Dissertação submetida ao Colegiado do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Educação sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento.

São Cristóvão – SE
2007

**AS FILHAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO: um estudo sobre a
educação católica (1915 – 1970)**

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento

Profª Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Profª Éster Fraga Vilas – Bôas Carvalho do Nascimento

Suplente

**A João e Djanira,
meus avós.**

Para o pesquisador não existem dogmas, verdades reveladas e absolutas, vale dizer que não há conhecimento absoluto e definitivo. Os conhecimentos são sempre relativamente sintetizados sob certas condições ou circunstâncias dependendo das teorias, dos métodos, das temáticas que o pesquisador escolhe para trabalhar. Mas, essas sínteses devem ter consistência e plausibilidade.

Bernadete Angelina Gatti

AGRADECIMENTOS

Realizar este trabalho exigiu dedicação e paciência, o que não impediu que nos momentos de descoberta tivesse sido extremamente agradável.

Em todas as fases da pesquisa, pude contar com inúmeras contribuições que, se não possibilitavam o aprimoramento da mesma, pelo menos ofereciam incentivo para continuar na busca.

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer ao Professor Doutor Jorge Carvalho do Nascimento. As suas imensas e indispensáveis contribuições desde a fase de definição do objeto de estudo. Fui sua aluna na graduação e, mesmo quando todos duvidaram, ele acreditou e estimulou ajudando a aguçar em mim o pensamento crítico e a persistência nos estudos. No mestrado, suas orientações representam o ponto de apoio necessário para seguir em frente e cumprir esta fase da vida.

A Professora Doutora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas devo muito. Suas dicas, as indicações de leitura, foram indispensáveis. Representa uma verdadeira referência nos estudos sobre educação feminina.

A Professora Doutora Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento que, com palavras de incentivo sempre empurrou para frente. Pelas leituras e pelas colocações preciosas.

Aos professores do Núcleo de Pós-Graduação em Educação que, cada um ao seu jeito, abriram novos horizontes.

As depoentes que abriram seus “baús de memórias” e compartilharam comigo momentos de muitas recordações e tamanhas emoções.

A Cristine pelos cuidados com a Língua Portuguesa.

As colegas Maestrelli e Gislândia pela ajuda indispensável na digitalização das imagens.

A Aparecida, funcionária do Colégio Nossa Senhora das Graças, pelo carinho, atenção, delicadeza, incentivo e confiança.

A todos os meus colegas de Mestrado e em especial a Elia pelo companheirismo, a Alessandra sempre atenta na localização das fontes, Nivalda pela confiança e Samuel pelo incentivo.

A amiga Lourdes por me estender à mão quando eu mais precisava.

Ao Prefeito Municipal de Cedro de São João, Marcos da Costa Santana, e todos os colegas da Secretaria Municipal de Educação desse município por compreenderem as inúmeras ausências e ao Prefeito Municipal de Nossa Senhora de Lourdes, Péricles Barbosa de Matos, pela possibilidade de afastamento integral para cursar o Mestrado.

A Édson, pelo carinho e atenção.

O meu reconhecimento também às instituições que viabilizaram a realização da pesquisa. Ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. À Secretaria de Estado da Educação através do Conselho Estadual de Educação na pessoa de Ana Angélica e da Inspeção Escolar do Estado de Sergipe na pessoa de Maria José pelos documentos consultados. Ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe pelos longos dias de busca. Ao Arquivo Público do Estado de Sergipe. A Biblioteca Central da UFS. A Biblioteca Central da UNIT. Ao Centro Dom José Palmeira Lessa. A Secretaria Municipal de Educação de Propriá. Ao Colégio Nossa Senhora das Graças e a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição.

Por fim, e de maneira muito especial a meus familiares, principalmente minha mãe Maria Lucí, pelas orações e pelo orgulho que sempre sentiu e a meu esposo Ireno, pelo incentivo e confiança mesmo quando eu mergulhava nos muitos momentos de imenso pessimismo.

RESUMO

O presente trabalho discute a educação feminina católica em Sergipe, tomando como base o Colégio Nossa Senhora das Graças, fundado em 1915, na cidade de Propriá, pela Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, para instruir as moças da região a partir dos princípios da fé e da moral cristã. Tem como objetivo principal discutir a trajetória desta instituição de ensino no período de 1915 a 1970, por representar dois momentos da maior importância: a instalação do Colégio e a adoção do ensino misto. O trabalho investiga a cultura escolar católica feminina no decorrer de 55 anos, com base na memória de ex-alunas e de ex-professoras, nos arquivos da própria instituição e da Secretaria de Estado da Educação, no Arquivo Público do Estado de Sergipe e na imprensa periódica.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Educação Feminina; Religião; Cultura Escolar; Moralidade; Disciplinamento; Ensino Católico.

ABSTRACT

The present work discusses the Catholic feminine education in Sergipe, taking as base Our School Mrs. of the Trunks, founded in 1915, in the city of Propriá, for the congregation of Immaculate Conceição's Hospitable Franciscan Sisters, to instruct the girls of the area starting from the beginnings of the faith and of the Christian morals. Has as main objective to discuss the path of this teaching in the period from 1915 to 1970, for acting moments of the largest importance: the installation of the school and the addition of middle teaching. The work examines the culture of catholic feminine education at pass 55 years, with base in memory of the students and teachers that there studied, in archives of institution and of the Secretary of State of the Education, in Public Archive of State of the Sergipe and in periodical printing.

Keywords: School; Feminine Education; Religion; School culture; Morality; Disciplinamento; Catholic Teaching.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	VI
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
LISTA DE SIGLAS.....	XII
LISTA DE QUADROS.....	XIII
LISTA DE IMAGENS.....	XIV
INTRODUÇÃO.....	17
I – A EDUCAÇÃO EM PROPRIÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	26
1.1 – Própria a “Princesinha do Baixo São Francisco”.....	26
1.2 - Instrução Pública em Propriá: as instituições.....	33
1.3 - A Educação feminina em Sergipe: um breve histórico.....	40
II – O PROJETO, A ORGANIZAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO COLÉGIO.....	47
2.1 – O Colégio Nossa Senhora das Graças e a Formação das Filhas da Elite.....	47
2.2 – A Congregação das Irmãs Hospitaleiras Franciscanas da Imaculada Conceição.....	58
2.3 – A Escola de Santo Antônio: caridade ou preconceito?.....	65
III – O COTIDIANO NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS.....	69
3.1 – O dia-a-dia.....	69
3.2 – As Instalações.....	75
3.3 – O Currículo.....	82

3.4 – As Festas.....	86
3.5 – As Práticas Religiosas na Escola.....	93
3.6 – O Regimento.....	96
3.7 – A Disciplina.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
FONTES CONSULTADAS.....	105
BIBLIOGRAFIA.....	113
ANEXOS.....	119

LISTA DE SIGLAS

CHESF – Companhia Hidrelétrica do São Francisco

CONFHIC – Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição

CNSS – Conselho Nacional do Serviço Social

MEC – Ministério da Educação e Cultura

CGC – Cadastro Geral dos Contribuintes

OSPB – Organização Social e Política brasileira

SRF – Secretaria da Receita Federal

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Relatório de Matrícula do Colégio Nossa Senhora das Graças do Ano de 1916 ao ano de 1925.

QUADRO II – Corpo Docente do Colégio Nossa Senhora das Graças para o ano de 1933.

QUADRO III – 1ª Turma de Alunas do Curso Técnico em Contabilidade do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1954.

QUADRO IV – Diretoras do Colégio Nossa Senhora das Graças (1915 – 1970).

QUADRO V – Distribuição Curricular por Série do Curso Técnico em Contabilidade do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1954.

QUADRO VI - Grade Curricular do Ensino de 2º Grau – Habilitação para o Magistério de 1º Grau do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1968.

QUADRO VII – Turma de Formandas do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Graças nos anos de 1948 e 1950.

LISTA DE IMAGENS

FOTO 01 (CAPA): Fachada do Colégio Nossa Senhora das Graças. 2006

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 02: Vista de Propriá na Década de 1940.

FONTE: Acervo Particular de Washington Luiz Prata

FOTO 03: Empresa de Fiação e Tecelagem Propriá. 2003

FONTE: Acervo Particular da Autora

FOTO 04: Feira Livre de Propriá no Centro Comercial da Cidade. 2006

FONTE: Acervo Particular da Autora

FOTO 05: Vista Panorâmica de Propriá e do rio São Francisco. 2006

FONTE: Acervo Particular da Autora

FOTO 06: Enchente do Rio São Francisco em Propriá. 1979.

FONTE: Acervo Particular de Washington Luiz Prata

FOTO 07: Colégio Estadual Coronel João Fernandes de Britto. 2006

FONTE: Acervo Particular da Autora

FOTO 08: João Fernandes de Britto.

FONTE: Acervo Particular da Família Britto.

FOTO 09: Fachada do Colégio Imaculada Conceição em Capela – SE. 2006

FONTE: Acervo Particular da Autora

FOTO 10: Fachada do Colégio Nossa Senhora das Graças em 1915.

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 11: Fachada do Colégio Nossa Senhora das Graças antes da grande reforma. 1954

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 12: Madre Maria Clara do Menino Jesus.

FONTE: Acervo Particular de Rejane Valente

FOTO 13: Padre Raimundo dos Anjos Beirão.

FONTE: Acervo Particular de Rejane Valente

FOTO 14: Sede da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição em Salvador/BA. 2006

Fonte: Acervo da CONFHIC

FOTO 15: Brasão da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. 2006

FONTE: Acervo da CONFHIC

FOTO 16: Fachada da Escola Gratuita de Santo Antônio.

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças.

FOTO 17: A Hora do Recreio no Colégio Nossa Senhora das Graças – O pátio.

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças.

FOTO 18: Fardamento de Normalista do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1944

FONTE: Acervo particular de Rejane Valente

FOTO 19: Fachada do Colégio Nossa Senhora das Graças em 1954.

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 20: Refeitório do Colégio Nossa Senhora das Graças.

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 21: Apresentação Artística. 1938

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 22: Apresentação Artística. 1938

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 23: Pátio do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1940

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 24: Construção da Capela do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1950

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 25: Desfile Cívico. 1960

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 26: Desfile Cívico. 1960

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 27: Desfile Cívico. 1960

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 28: Aluna com Beca de Formatura. 1948

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 29: Benção do Cristo da Capela do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1954

FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças

FOTO 30: Caderneta Escolar. 1948
FONTE: Acervo Particular de Marilena Almeida

INTRODUÇÃO

Esta proposta de trabalho vincula-se aos estudos sobre educação feminina propostos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares da Universidade Federal de Sergipe, dentro do eixo instituições educacionais.

Trata de um estudo sobre as práticas de cultura escolar de uma instituição de ensino católica, localizada no interior do Estado e que durante décadas dedicou-se exclusivamente à educação das mulheres.

O Colégio Nossa Senhora das Graças representa uma importante instituição de ensino do interior do Estado de Sergipe. É relevante uma investigação sobre ele, a fim de elencar elementos ainda desconhecidos na pesquisa educacional sergipana. Instituição de ensino que, ao longo de seus, ininterruptos, 91 anos, de funcionamento, oferece forte contribuição no cenário educacional do Estado, formando jovens nos moldes da religião, através da igreja católica, seguindo orientações das religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, cuja ordem tinha sede em Lisboa, Portugal.

O Colégio, que está inserido no contexto das escolas confessionais, representa o primeiro colégio católico exclusivamente feminino do interior do Estado de Sergipe. Iniciou suas atividades em 1915 e funciona até os dias atuais. Mesmo tendo mudado suas características, ainda representa um verdadeiro marco no processo educacional de Propriá e da região do baixo São Francisco. Anexo ao Colégio das Freiras, que foi construído para atender as filhas da elite ribeirinha, existia a Escola Gratuita de Santo Antônio, com o intuito de educar as meninas que não podiam pagar.

No período aqui investigado, de 1915 a 1970, ocorreram dois momentos da maior importância para a instituição: a instalação do Colégio e a adoção do ensino misto, ocasionando uma verdadeira mudança nos princípios da instituição, levando, a mesma, a se adaptar às exigências de cada época para continuar funcionando. A adoção da co-educação no Colégio Nossa Senhora das Graças representou uma verdadeira mudança na organização da escola pois, para se adaptarem às exigências e acompanharem a concorrência, as Irmãs Educadoras tiveram que adequar a estrutura de ensino.

O Colégio Nossa Senhora das Graças, a exemplo de muitos outros, surgiu com o propósito de atender as exigências de um período que começou a pregar uma formação feminina mais avançada, institucionalizada, saindo do seio da família para adentrar em ambientes escolares, mas, sem perder de vista os princípios da religião católica e da moral cristã, preocupados com a formação de mulheres cultas, doutrinadas, mães e esposas mais bem preparadas para cuidar de suas casas com um pouco mais de dedicação e perseverança.

Para a mulher, mesmo recebendo um tipo de instrução diferenciada daquela atribuída aos homens e, ainda que esta instrução tenha sido recebida no interior de instituições educacionais, o fato de sair do domínio dos pais representava uma certa independência feminina, uma vez que se aprendia uma profissão: o ofício de professora.

Em Sergipe, a exemplo do que acontece em todo Brasil, muitos são os estudos que se dedicam a analisar a educação feminina. Pesquisadores direcionam seu raio de ação para este foco através de artigos, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutoramento e livros.¹

¹ O artigo de Maria das Graças Azevedo, **A educação feminina em Roma**, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe no ano de 1949, representa um desses estudos. No ano de 1995, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas escreveu a dissertação de mestrado **Vestidas de Azul e Branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950), trabalho que, em 2002, tornou-se livro publicado pela Coleção Educação é História. No ano de 1999, demos conta de dois importantes trabalhos para o estudo da educação feminina em Sergipe, **Professora Thetis**: um vida, de Maria Nely Santos, e a dissertação de mestrado de Ana Carrilho Romero Grumennvaldt intitulada **A educação física, as normalistas e as professoras**: a educação física na Escola Normal de Sergipe. Uma outra parte da produção acadêmica para o estudo da educação feminina em Sergipe se deu no ano de 2002, através dos trabalhos de Nádja Cristina F. Barreto, **Biografia da professora Eleonora Leite Pereira**; de Maria Izaura Santos Carvalho, **Compromisso com a educação**: a trajetória da Professora Letícia Soares. O artigo de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, **Pesquisando a educação feminina em Sergipe na passagem do século XIX para o século XX**; o trabalho de Sandra Maria dos Santos, **A Trajetória Educacional em Capela**: a experiência das missionárias da Imaculada Conceição (1929-1954); e o estudo de Dayse Simone Silva, **A trajetória da Professora Izabel Tiuba**. Além destes, vale ressaltar, no ano de 2003, a dissertação de mestrado de Rosemeire Marcedo Costa, **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973) e a tese de doutoramento de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Já no ano de 2004, seis trabalhos serão destacados: o artigo de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, **Professora Penélope Magalhães**: memórias de uma viajante; **A Construção do Feminino**: imagens e representações de educação sergipana na primeira metade do século XX, escrito por Maria Helena Santana Cruz, Amy Adelina C. de F. Alves e Ana Maria V.; **Escola Normal**: a aurora do Império (1871-1901) de Cristina de Almeida Valença; a dissertação de mestrado de Úrsula Rangel Goothuzen, **Docência e Luta na Literatura Modernista**: a educação feminina nos romances “Simão Dias” e “Estradas da Liberdade” de Alina Paim (1928-1958); o trabalho de Valéria Alves Melo, **Literatura, Dogmas Religiosos e Educação Feminina**: o romance Cenários de Uma Vida de Flora do Prado Maia; o artigo de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, **Vestígios de Dr^a Laura Amazonas**: aspectos da condição feminina em Sergipe e a dissertação de mestrado de Valéria Carmelita Santana Souza intitulada **A “Cruzada” Católica**: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX, defendida no ano de 2005. Os trabalhos aqui destacados servem apenas como referências; não há uma análise mais aprofundada sobre os mesmos, visto que este não é o objetivo deste trabalho.

O Colégio das Freiras de Propriá era tido como o melhor colégio da região, onde se tinha o melhor ensino, além do rigor, pois os pais buscavam para as suas filhas um ensino que oferecesse continuidade à educação recebida em casa, um ensino que pregasse a obediência, os bons costumes, os dotes domésticos e a educação religiosa católica. Não era somente pelos ensinamentos científicos que os pais procuravam a instituição para matricular suas filhas, mas, sobretudo, pela segurança que ela representava para as famílias e as “moças de família”.

Ao me propor estudar as práticas educativas desta instituição de ensino, não posso deixar de considerar que estas são civilizatórias. O discurso a respeito do processo civilizador, tal como formulado por Nobeit Elias, é indispensável para entender as relações humanas, bem como a instituição escolar, que é compreendida como um espaço privilegiado de transformação do homem em ser cultural. Isto significa dizer, como afirma Costa, que das finalidades da educação, a mais importante é transformar o homem em ser social.²

A compreensão da cultura escolar, descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar, condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, conforme determinado por Dominique Julia³, requer que se tenha clareza de conceitos como: representação, defendido por Roger Chartier, ao demonstrar a importância da escola na vida, inclusive, de suas alunas; vigilância e disciplinamento, discutidos por Michael Foucault e que ajudam a compreender as ações normativas aplicadas na instituição e controle social, também de Foucault, que ajuda a entender como e porque essas normas disciplinares eram implementadas na escola.

No campo da educação, a Igreja Católica criou mecanismos de reação à forte expansão do protestantismo, sendo que, na perspectiva pedagógica, os católicos criaram uma vasta rede de escolas, no início do século XX, o que pode ser entendido como uma das estratégias para deter a expansão do movimento evangélico. Voltadas, em sua maioria, para a formação da dedicada mãe de família, estas instituições religiosas católicas desenhavam a finalidade primordial da educação da mulher, que não estava pautada nela mesma, mas fora dela, em sua extensão: os filhos. Isso porque, a educação feminina era pensada no sentido de responsabilizá-la pelos homens do amanhã. De outro modo, não se explicaria o surgimento de

² Cf.: COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903 – 1973). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2003. (Dissertação de Mestrado).

³ Cf.: JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 – 43, jan. / jun., 2001.

várias instituições escolares católicas em Sergipe, durante a primeira metade dos anos 1900, como é o caso do Colégio Nossa Senhora das Graças em Propriá.

Os colégios de freiras, entregues em sua grande maioria a religiosas vindas de outros países, ofereciam educação escolar e transmitiam a doutrina católica, afastando a população de ameaças como, por exemplo, a protestante.⁴

Segundo Nascimento⁵, a implantação de escolas protestantes e a disseminação das idéias, objetivos e metas destas escolas, acabou obrigando o clero católico a rever algumas de suas posições para com a sociedade brasileira.

Independente dos princípios religiosos que o caracterizava, o que verdadeiramente interessa à história do Colégio Nossa Senhora das Graças é o entendimento dos serviços prestados à sociedade ribeirinha, sob os princípios de formação da mulher. Nesse sentido, a busca pelo entendimento desta instituição pressupõe que se tinha uma compreensão da vida das pessoas em Propriá e região, especialmente durante o período proposto aqui neste estudo.

A necessidade de criar escolas como o Colégio Nossa Senhora das Graças perpassa pela idéia de institucionalização da educação feminina, que estava posta desde o final do século XIX. Naquela época, foram tomadas algumas medidas, no sentido de formar mestres e mestras, surgindo, assim, a Escola Normal, aberta para ambos os sexos e que depois passou, exclusivamente, a ser uma escola para moças, por acreditarem que elas estariam mais aptas para a principal tarefa destas escolas: formar o homem do amanhã, atividade mais próxima dos cuidados maternos do que das funções masculinas⁶. Em Sergipe, a Escola Normal feminina foi intensificada em 1877.

A Escola Normal, em Sergipe, possibilitou o rompimento da tradição da mulher cursar apenas o curso primário, atentando para o papel decisivo da instituição escolar na formação intelectual feminina.⁷

Desde criança, a menina deveria ser educada para ser uma boa mãe e uma esposa dedicada. Assim, o magistério estava mais próximo dessa função de mãe e torna-se o curso

⁴ Cf.: COSTA, Rosimeire Marcedo. op. Cit., p. 15.

⁵ Cf.: NASCIMENTO, Éster Fraga Vilas-Boas Carvalho do. **A Escola Americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886 – 1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED/UFS, 2004. (Coleção Educação é História, 1).

⁶ “Fossem liberais, democráticas ou conservadoras, as forças políticas movimentaram-se para controlar as instituições educativas e seus agentes e impor-lhes de modo definitivo a forma escolar como a mais adequada e eficaz para ministrar instrução e conformar a sociedade”. Cf.: HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação Brasileira**: leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 61.

⁷ Cf.: COSTA, Rosemeire Marcedo. op., cit, p.19 .

mais procurado pelas moças; muito embora, isso não significasse que todas fossem exercer a função. Como afirma Costa⁸, a maioria destas moças se contentavam com o privilégio de adquirir um diploma.

No Colégio Nossa Senhora das Graças havia uma grande preocupação com a disciplina. Cobrava-se, fundamentalmente, a manutenção da ordem através da vigilância constante do comportamento das alunas. Toda permanência das meninas na escola estava envolta em um rígido controle por parte das freiras. No Colégio, a grande preocupação era a preservação das boas maneiras, mas sem descuidar da aprendizagem e dos princípios religiosos.

A religiosidade era uma das principais finalidades da instituição. Era necessário formar moças com princípios doutrinários, determinados pela igreja católica, para com isso promover a manutenção do catolicismo, ampliando o número de representantes da Igreja.

O trabalho desenvolvido pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, em terras sergipanas, possibilitou um avanço considerável no que se refere à instrução feminina e à firmiação dos preceitos religiosos cristãos. Algumas instituições criadas e mantidas pelas Irmãs Portuguesas se fortaleceram e, até hoje, representam grandes marcos no que se refere ao processo ensino-aprendizagem.

Ao estudar o Colégio Nossa Senhora das Graças, procuro seguir a linha dos trabalhos existentes sobre instituições escolares católicas, que tomam como dispositivos fundamentais a educação feminina e a cultura escolar. Esta cultura escolar consiste em modos de pensar, de agir, definidos pelos padrões sociais e controlados de perto por esses mesmos padrões através de mecanismos disciplinares.

A incorporação dos novos conceitos da história cultural na pesquisa educacional é uma discussão que não é tão nova, pois no Brasil alguns pesquisadores como Clarice Nunes e Marta Maria Chagas de Carvalho, dentre outros, já desenvolveram muitos trabalhos com a preocupação de desvendar o universo da escola pelas práticas realizadas em seu interior e na sociedade.⁹

A partir desse raciocínio, é possível situar as fontes utilizadas, tanto para a obtenção dos dados como para a classificação das mesmas, em dois grupos: orais e escritas.

⁸ Cf.: Id. p. 19.

⁹ Cf.: COSTA, Rosemeire Marcedo. op. cit. p.22.

As escritas comportam tanto os documentos oferecidos pela instrução, tais como o livro de registro do corpo docente do Colégio Nossa Senhora das Graças, o livro de crônicas da escola, um histórico, álbuns de fotografias, ofícios, atas da Congregação, quanto aqueles que estavam em poder de ex-alunas, como carteiras escolares, agendas, poesias e, também, fotografias diversas. Foi possível, ainda, detectar e fazer uso de documentos pertencentes à Secretaria de Estado da Educação, localizados na Inspeção Escolar, Regimentos, Decretos e Resoluções; e ao Arquivo Público do Estado de Sergipe, como atas, relatórios de inspeção escolar dentre outros.

Por fim, a imprensa periódica serviu como um importante subsídio para descrever as festas, os eventos e também para medir o grau de importância que tinha o Colégio das Freiras de Propriá para sociedade sergipana.

Dos jornais consultados, dois foram fundamentais **A Cruzada**, que aparece como o principal veículo da imprensa católica em Sergipe¹⁰ e, também, o jornal **Correio de Propriá**, também vinculado à imprensa católica na região do baixo São Francisco. Neles, pude perceber os anúncios e a importância que era dada aos eventos promovidos pela escola.

Os jornais são subsídios de fontes muito relevantes também, porque retratam a vida econômica, político-social da comunidade envolvida, possibilitando a releitura dos acontecimentos e a oportunidade de entendê-los melhor.

Os [...] impressos têm grande relevância tanto para os seus produtores, que provavelmente se serviram deles para executar o processo de *civilização* desejado, como para o pesquisador que pode encontrar neles indícios capazes de elucidar alguns pontos que a análise exclusiva do conteúdo dos impressos pode negligenciar. Sua investigação também apresenta indicativos que corroborem as abordagens transmitidas através dos conteúdos, demonstrando a harmonia existente entre os discursos e os dispositivos constitutivos da materialidade.¹¹

O outro grupo de fontes utilizadas foram aquelas denominadas orais, ou mais especificamente, os depoimentos gravados. A contribuição de tais relatos, ou depoimentos, para este estudo foi inestimável e, pode-se dizer que face aos objetivos propostos, e às

¹⁰ Cf.: SOUZA, Valéria Carmelita Santana. **A “Cruzada” Católica**: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. São Cristóvão: NPGED/ Universidade Federal de Sergipe, 2005. (Dissertação de Mestrado). p. 10.

¹¹ Cf.: SANTOS, Ana Luzia. **Educação na Imprensa Católica**: as representações do Jornal *A Defesa* sobre a formação da juventude (1961-1969). São Cristóvão: NPGED/ Universidade Federal de Sergipe, 2006. (Dissertação/Mestrado). p.35.

condições oferecidas, constituíram a principal fonte para a obtenção dos dados e a concretização deste trabalho.

Portanto, foram coletados depoimentos de cinco ex-alunas, duas irmãs, dentre elas a mais antiga na instituição hoje e a atual Madre Superiora e uma ex-professora. Logo que a possível entrevistada concordava em conceder o depoimento, era deixado à sua escolha o dia, o local e o horário em que ocorreria o encontro. Talvez por isso, grande parte dos depoimentos tenham sido coletados nas próprias residências das informantes. As entrevistadas foram, então, o ponto de apoio sobre o qual os objetivos da pesquisa e os marcos temporais da mesma se sustentaram.

Para Meihy, os procedimentos da História Oral devem passar por uma concepção social, por um projeto, por gravações, por textualizações e por um elaborado processo de transcrição. Será a partir de suas idéias que fundaremos tanto as idéias de interpretação/leitura como as de uma História Oral que vá aos poucos se tornando uma outra maneira de compreender o presente, nós mesmos e os outros.¹²

Outras fontes foram localizadas nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no Arquivo Público do Estado de Sergipe, nos arquivos da Inspeção Escolar da Secretaria de Estado da Educação, na Secretaria Municipal de Educação de Própria, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, na Biblioteca do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, na Biblioteca da Universidade Tiradentes, no acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças em Propriá e da sede da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição em Salvador – BA, no Centro Dom José Palmeira Lessa. Além desses, foram também consultados acervos particulares, como os de Rejiane Valente, ex-professora da instituição, Zenaide Vieira, Socorro Prudente e Marilena Almeida, ex-alunas do Colégio Nossa Senhora das Graças.

Resumidamente, pode-se dizer que houve a preocupação de contextualizar a instituição pesquisada social e historicamente, a fim de que fosse possível entender o significado de certos agentes, como comportamentos, atitudes e o peso dos conteúdos normativos. Foram utilizadas todas as fontes disponíveis para a obtenção de informações que enriquecessem a problemática pesquisada, eis a razão da menção a fontes orais e escritas, úteis justamente pela complementariedade que apresentam, na medida em que os documentos podem trazer dados e detalhes que dificilmente seriam obtidos com os relatos. Estes últimos,

¹² Cf.: CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. São Paulo, Edições Loyola, 1999. p.14.

forneceram informações extremamente importantes para os objetivos da pesquisa. Informações que, ou não foram mencionadas na documentação disponibilizada, ou foram omitidas na documentação negada.

Foi a partir do emprego de fontes escritas diversas e da coleta de depoimentos com pontos de vista divergentes que aspectos contraditórios da realidade do Colégio Nossa Senhora das Graças emergiram.

Levando-se em consideração os objetivos da pesquisa, o tema proposto foi subdividido em três capítulos.

O primeiro capítulo procura descrever a educação em Propriá, no início do século XX, período de implantação do Colégio Nossa Senhora das Graças e, para tanto, foi necessário discorrer sobre a cidade de Propriá, procurando situar a vida política, econômica e social para que se conheça o cenário que receberia uma instituição tão importante como o Colégio das Freiras. Também, foi necessário identificar a instrução pública nesta cidade, no início do século XX, e perceber as carências dessa instrução, as quais podem ter oferecido as possibilidades reais de implantação de um colégio privado, religioso, para meninas e, acima de tudo, suntuoso como um verdadeiro “cartão postal” para a cidade. Por fim, o primeiro capítulo faz um breve levantamento sobre a educação e escolarização feminina em Sergipe, com o intuito de se compreender o percurso que escolas como o Colégio Nossa Senhora das Graças teria que passar para adquirir representatividade e respeito.

O segundo capítulo tem por objetivo tratar do projeto, da organização e da consolidação do colégio, tomando como base a preocupação em formar as filhas da elite ribeirinha com moralidade e princípios éticos-religiosos pois, a escola foi construída para ser frequentada por meninas que pudessem pagar pela sua permanência na mesma. Neste capítulo, também mereceu destaque a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, ordem religiosa portuguesa que administra a instituição até os dias atuais. Nesse ponto, faço um histórico sobre essa ordem e os motivos que trouxeram essas freiras para o Brasil. As “Irmãs Franciscanas”, como ficaram conhecidas, fundaram, em terras brasileiras, algumas instituições de ensino que são identificadas neste trabalho. Ainda neste capítulo, é demonstrada uma parte do Colégio Nossa Senhora das Graças que muitos preferem não falar: A Escola Gratuita de Santo Antônio, instituição de ensino construída para abrigar, como alunas externas, meninas que desejassem receber instrução pelas irmãs, mas que não dispunham de recursos financeiros para pagar. As irmãs colocavam à disposição das famílias

ribeirinhas menos abastadas 50 vagas para que suas filhas pudessem estudar. Entretanto, não foi possível descobrir os critérios de escolha dessas alunas.

O terceiro capítulo descreve o cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Graças, explicitando, especialmente a partir da memória de suas ex-alunas, como era o dia-a-dia na escola, as instalações, o currículo e as festas. Em seguida, aborda, a questão do currículo, mesmo tendo sido omitidas várias informações sobre o mesmo. Na seqüência, foram analisadas as práticas religiosas que vigoravam na instituição, enfatizando a devoção e a obediência a Jesus Cristo exigidas às alunas. Neste capítulo, também se discute acerca do regimento escolar e da disciplina exigida na escola, o que funcionava como um mecanismo de controle da instituição sobre suas alunas, pois o que estava em pauta, no colégio, não eram unicamente as condutas e sim refrear a curiosidade.¹³

¹³ Cf. MARGOTO, Lilian Rose. **Igreja Católica e a Educação Feminina nos Anos 60: o Colégio Sacré – Coeur de Marie** (Vitória – 1960 / 1969). Vitória: EDUFES, 1997. p. 18.

I – A EDUCAÇÃO EM PROPRIÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XX

1.1 – Propriá a “Princesinha do Baixo São Francisco”

A cidade de Propriá teve origem no início do século XVII, quando no local, situado ao norte do Estado, à margem direita do rio São Francisco e perto do rio Propriá, foi instalada uma missão jesuítica sob o comando do chefe indígena Pacatuba

Muitos afirmam que antes que os jesuítas fundassem uma missão para a catequese de índios, na região de Propriá, teriam estado, nesse território, os franceses, com o interesse de comercializar com os indígenas que habitavam a faixa de terra que margeava o rio São Francisco.¹⁴ Após ser fundada a missão, surgiu um agrupamento populacional nas proximidades, em um local denominado “Urubu de Baixo”, nome primitivo de Propriá.

Essas terras estavam situadas entre os rios Sergipe e São Francisco, em território que havia sido doado, em 9 de abril de 1590, como sesmaria, por parte de Cristóvão de Barros a seu filho Antônio Cardoso de Barros. Nos fins da primeira metade do século XVII, D. Guiomar de Melo, viúva de Antônio Cardoso de Barros, doou essas terras a seu genro, Pedro Abreu de Lima. Este, depois da morte da esposa, cedeu estas terras aos jesuítas, aos carmelitas e outra parte aos filhos. Pedro Gomes de Abreu, filho mais velho de Pedro Abreu de Lima, foi morar numa região mais baixa. Esta parte ficou conhecida como “Urubu de Baixo”. Por conta da proximidade com o rio, das várzeas férteis e da proximidade com a Vila de São Francisco, atual Penedo, em Alagoas, Urubu de Baixo se desenvolveu consideravelmente.¹⁵

Em virtude de suas favoráveis condições geográficas, Propriá progrediu rapidamente e, em 18 de outubro de 1718, foi escolhida como Sede da Freguesia pelo então Arcebispo Primaz D. Sebastião Monteiro da Vide da Bahia, libertando-se da Vila Nova do São

¹⁴ Informações adquiridas nos registros da CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale o São Francisco/ Distrito de Propriá–SE.

¹⁵ Cf. Id.

Francisco, hoje Neópolis, recebendo a denominação de Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo.¹⁶

Em 1800, a Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo já possuía cerca de 4000 habitantes, isso de acordo com os registros da época¹⁷, e começava a aparecer como o maior centro comercial do interior do Estado, recebendo o título de “Meca” da região. Em 1º de agosto desse mesmo ano de 1800, Antônio Pereira de Magalhães e Paços, Ouvidor-Geral e corregedor da Comarca de Sergipe D’el Rei, apresentou ao Capitão-General e administrador da Bahia, Dom Fernando José Portugal, uma solicitação para que transformasse a Freguesia em Vila. No ano seguinte, mais precisamente em 05 de setembro de 1801, a Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo foi elevada à categoria de Vila, mudando também a denominação de Urubu de Baixo para Propriá, tendo sido instalada com muita festa, em 07 de fevereiro do ano de 1802. Imediatamente, foi construído um pelourinho de pau redondo em frente à capela de Santo Antônio como sinal de autonomia.¹⁸ Ficou estabelecido os seguintes limites:

Ao Norte o rio São Francisco, ao Sul a divisa do Japarutuba do Termo de Santo Amaro das Brotas, ao Nascente a Vila – Nova e ao Poente o limitado Gerão do sertão, a partir do distrito de Jacobina.¹⁹

Posteriormente, por volta de 1808, em pleno gozo de sua autonomia, a Vila de Propriá já ultrapassava, demograficamente, a Vila Nova, localidade que outrora a comandava territorialmente e politicamente, que, como já foi explicitado, atualmente constitui o município de Neópolis.

Em 1821, a agora Vila de Santo Antônio de Propriá perdeu boa parcela de seu território em virtude da criação da Freguesia de São Pedro de Porto da Folha, ficando, assim, com 14 léguas de extensão, às margens do São Francisco, das 40 léguas que então possuía. Essa parcela de terra constitui atualmente os municípios de Porto da Folha, Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Gararu, Itabi, Nossa Senhora de Lourdes e parte de Canhoba.

¹⁶ Cf. ARAGÃO, Carlos Roberto Britto. **Propriá 200 anos**: notas e fotos do bicentenário. Aracaju: Sociedade Semear. 2002, p. 16.

¹⁷As fontes aqui localizadas dizem respeito a decretos, atas, resoluções, escrituras públicas e portarias governamentais localizadas no Arquivo Público do Estado de Sergipe e nos registros adquiridos através do **Álbum Fotográfico e Comercial de Propriá** de autoria de João Fernandes de Brito.

¹⁸ Cf. Id.

¹⁹ Cf. MENEZES, Otávio (Org.). **Álbum Fotográfico e Comercial de Propriá**. Propriá/Sergipe: Impressora Guarani. 1952, p. 05.

Em 09 de maio do ano de 1854, no governo de Inácio Joaquim Barbosa, através da Resolução Provincial nº 379, a então Vila de Santo Antônio de Propriá torna-se sede da comarca de Vila Nova. Em fevereiro de 1857, pela Resolução Provincial nº 461, a circunscrição judiciária de Vila Nova passou a se chamar Comarca de Propriá.²⁰

No ano de 1859, o imperador Dom Pedro II, em companhia da Imperatriz Tereza Cristina, realizou uma viagem às Províncias do Nordeste brasileiro tendo no dia 16 de outubro deste mesmo ano, desembarcado em Propriá, destacando que a Vila de mais de 3000 habitantes possuía algumas casas boas, como alguns sobrados, além de uma fábrica de descascar arroz, com máquina a vapor,²¹ o que denotava ares de estimado progresso.

Em 11 de abril de 1872, através da Resolução Provincial nº 930, Propriá perdeu uma outra parcela de suas terras, correspondente, atualmente, ao município de Aquidabã e que abrangia terras que correspondem nos dias atuais, ao município de Gracho Cardoso, Malhada dos Bois e Muribeca. Mais uma vez, o comando administrativo de Propriá é afetado, porém, a sua importância regional não foi comprometida.

Em 21 de fevereiro de 1866, através da Resolução Provincial nº 755, Propriá foi elevada à categoria de cidade.



FOTO 02: Vista de Propriá na década de 1940. FONTE: Acervo Particular de Washington Luiz Prata. AUTORIA: Desconhecida

²⁰ Cf. ARAGÃO, Carlos Roberto Britto. op. cit., p.20.

²¹ Cf. Ibid., p. 18.

O nome Propriá recebe várias explicações. Moradores mais antigos da cidade e circunvizinhança afirmam ser derivado de um peixe muito comum na região chamado “piauí”. Através da abundância deste tipo de pescado e da conhecida “pesca do paupiau” ou “puropiau”, a localidade teria recebido esse nome. Por outro lado, pesquisadores afirmam corresponder ao “popiá”, o punhal, o ferrão, o dente de cobra.²²

Atualmente, o município de Propriá está localizado ao norte do Estado de Sergipe, a uma distância de 98 Km da capital Aracaju, limitando-se ao norte com o Estado de Alagoas, separado pelo rio São Francisco; a leste, com os municípios de Santana do São Francisco, Neópolis e Japoatã; ao sul com o município de Cedro de São João e ao oeste com o município de Telha.

Ao longo de sua história, Propriá se desenvolveu muito. Por volta dos anos de 1900, o processo industrial começou a ganhar força, tendo sido registrada a inauguração de inúmeras usinas de beneficiamento de arroz. Mas foi com a instalação da Empresa de Fiação e Tecelagem Propriá, em 1913,²³ que a cidade ganhou destaque, tendo beneficiado, também, os municípios circunvizinhos que produziam a matéria-prima necessária: o algodão.

Seus fundadores, os coronéis Francisco Porfírio de Britto, João Fernandes de Britto, Manoel Joaquim de Souza Britto e Josino Menezes, abriram as portas da Indústria Têxtil de Propriá com um saldo de 3.600 fusos, 231 teares e 370 operários, produzindo zepheres, brins, bulgarianas e algodãozinho. Já em 1930, a Empresa de Fiação e Tecelagem Propriá possuía uma produção anual de 4.600 fardos, contando com 580 operários, dos quais 390 eram mulheres. Na década de 1940, a Indústria Têxtil de Propriá contava com um quadro funcional de mais de 1000 operários. A grande maioria continuava sendo composta de mulheres que paravam de estudar para ajudar nas despesas familiares. Sua produção crescia em igual proporção, pois abastecia, com seus tecidos de algodão, o mercado local e até mesmo de outros Estados.²⁴

Com a implantação da indústria têxtil e o número muito grande, para a época de operários, o comércio se desenvolveu para atender a clientela, que efetuava suas atividades comerciais sempre às sextas-feiras e aos sábados, dias da semana nos quais eram efetuados os respectivos pagamentos contratuais.

²² Cf.: Id.

²³ Cf.: O estudo realizado pelo Instituto Euvaldo Lodi (1986) aponta a fundação da indústria de Propriá para o ano de 1913, enquanto que o pesquisador Carlos Roberto Brito Aragão apresenta 1914 como data oficial.

²⁴ Cf.: MELO, Valéria Alves. **Memórias da Indústria Têxtil em Propriá** (1940 / 1979). São Cristóvão: DHI/Universidade Federal de Sergipe, 2002. (Monografia / Licenciatura em História). p.10.



FOTO 03: Empresa de Fiação e Tecelagem Propriá. 2006. FONTE: Acervo particular da Autora.
AUTORIA: Júlio César Santos

Segundo relatos, as feiras livres eram mais movimentadas e duradouras e as casas comerciais renovavam seus estoques freqüentemente. Isso porque o fluxo de vendas ocorria à vista, devido às boas condições de vida da população, fruto do grande desenvolvimento econômico vivido pela cidade ribeirinha de Propriá e pelos municípios vizinhos.

Contudo, é importante afirmar que as principais atividades comerciais do município de Propriá estavam relacionadas à Empresa de Fiação e Tecelagem Propriá e à feira livre. Ou melhor, era no dia do pagamento do salário dos operários da indústria que a feira conquistava grande fluxo de consumidores e isso aquecia, consideravelmente, o comércio atacadista e varejista local.²⁵

²⁵ Cf. Ibid., p. 10.



FOTO 04: Feira Livre de própria no Centro Comercial da Cidade. 2006. FONTE: Acervo Particular da Autora. AUTORIA: Júlio César Santos.

Inúmeros acontecimentos importantes ocorreram com a implantação da Indústria Têxtil de Propriá. Um exemplo disso são as inúmeras construções habitacionais que foram erguidas nas imediações da referida empresa, bem como variadas casas comerciais que foram inauguradas para atender esta crescente população que se formava. É possível afirmar que muitas famílias de agricultores abandonaram suas atividades, migraram para Propriá em busca de emprego na Empresa de Fiação e Tecelagem Propriá e, alguns deles, eram pessoas com pouca instrução educacional, já que a indústria têxtil de Propriá acolhia, desde trabalhadores, homens e mulheres chefes de família, e, inclusive, menores de idade, os quais abandonavam os bancos escolares para contribuir no sustento da família.²⁶

Por outro lado, o crescimento demasiado proporcionava muitos problemas gerados por uma urbanização mal planejada. Não havia nenhum tipo de planejamento. As ruas eram sem calçamento. A luz elétrica, oferecida a partir de uma usina movida com geradores, era

²⁶ Cf. Ibid. p. 12

extremamente deficiente. A energia elétrica era de baixa qualidade, produzida por geradores a diesel, que só funcionavam à noite e, assim mesmo, por poucas horas. Essa situação só foi definitivamente resolvida com a chegada da energia gerada pela CHESF, a partir do ano de 1957.²⁷ Porém, vale ressaltar que clubes recreativos foram construídos para oferecer lazer aos operários os quais eram cada vez em número maior

Ao que tudo indica, Propriá, a exemplo de muitas outras localidades, não estava suficientemente preparada para receber tantas e tão repentinas mudanças, o que possibilitou inúmeros problemas. Contudo, conseguiu avançar tanto a ponto de receber, entre as décadas de 1940 e 1960, o título de “Princesinha do Baixo São Francisco”, devido a sua beleza e importância sócio-econômica no Estado de Sergipe. Tornou-se município pólo do baixo São Francisco e conquistou seu local de destaque.

Através da Lei Imperial nº 1015 de 04 de outubro de 1928, o atual município de Cedro de São João se torna independente de Propriá, e fazendo parte de seu território o município de São Francisco de Assis. Novamente, Propriá perde território e área de comando direto em função do desenvolvimento rural e de sua própria região. Mas, continua sem perder a sua importância como centro regional e continua em ascensão.²⁸



FOTO 05: Vista Panorâmica da Cidade de Propriá e do Rio São Francisco. 2006. FONTE: Acervo Particular da Autora. AUTORIA: Júlio César Santos.

²⁷ Cf. MELO, Marcos. **Propriamente Falando**. Aracaju / Sergipe: Editora do Conde, 2003, p. 75.

²⁸ ARAGÃO, Carlos Roberto Britto. p. 26. op. cit., p. 26.

O prestígio de Propriá não impediu que o município mergulhasse em uma imensa crise ocasionando a perda do status de segundo maior centro comercial do Estado de Sergipe, o que despertou a atenção da imprensa local.

Constitui motivo de prazer, uma visita à próspera Princesa do São Francisco. A cidade progrediu vestiginosamente nesses últimos anos. Cresceu, desenvolveu-se, embelezou-se. Mas fomos encontra-la a braços com uma crise tremenda. Seu comércio, o maior do interior, num marasmo inquietante. O cais do porto apenas abriu uma perspectiva do que poderia ser. (...), sem falar na Matriz, de tão belas tradições e tão querida ao povo de Propriá. O ritmo de progresso da cidade sanfranciscana não deve ter solução de continuidade.²⁹

Com o passar dos anos, as sucessivas perdas territoriais e do comando administrativo, o surgimento de novos centros locais e regionais, a perda da importância do transporte marítimo, a atenção voltada para o rodoviário, trágicas administrações públicas, entre outros fatores, colaboraram para a decadência e estagnação do município.³⁰ Porém, tudo isso não conseguiu apagar o brilho desta cidade, que ainda continua sendo centro regional do baixo São Francisco.

1.2 – Instrução Pública em Propriá: as instituições

O grande desenvolvimento ocorrido no município de Propriá, especialmente nas primeiras décadas do século XX, obrigava as autoridades locais a pensar com mais cuidado nas mudanças que deveriam executar, principalmente na estrutura social da população. Tal estrutura deveria prezar por uma melhor qualidade de vida e uma educação mais vasta.

A cidade é a materialidade das infinitas possibilidades trazidas pelo progresso, que, por mais paradoxal que seja, ergue-se sobre um amontoado e ruínas. Este espaço, ora sombrio, ora luminoso, engendrou novas formas de sentir, perceber e viver, uma espécie de evolução histórica dos sentidos.³¹

²⁹ Jornal **A Cruzada**. 02 de agosto de 1947, p. 02.

³⁰ Cf.: ARAGÃO, Carlos Roberto Britto. op. cit. p. 38.

No início do século XX, a cidade de Propriá contava com algumas instituições educacionais, em sua maioria vinculadas ao setor público. Por representar um importante centro sócio-econômico, recebendo o título de segunda maior economia do Estado de Sergipe, estando atrás apenas da capital Aracaju, o município ficou, portanto, bem servido de instrução. A instrução pública era oferecida em 14 escolas, no início dos anos 1900, distribuídas em 11 aulas e 3 escolas gerenciadas pelo Estado, além da escola particular e da escola gratuita mantidas pelas “Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição” que se dedicaram, em ambas, a educar meninas.

A partir dos anos de 1910, a popularização do cinema, do rádio e da imprensa, em geral, trazia para o debate outras perspectivas para o ser mulher. A educação pública, antes dirigida preferencialmente aos homens, estendia-se às mulheres, fosse como espaço de trabalho, fosse como local de formação geral e profissional.³²

No início do século XX, dentre as escolas públicas mantidas pelo Estado e pelo Órgão Municipal, localizadas em Propriá, apenas uma destinava-se para o atendimento das meninas, a Escola Gratuita de Santo Antônio, também fundada e mantida pela Congregação Hospitaleira da Imaculada Conceição, no ano de 1916. Além disso, os arquivos do Estado de Sergipe dão conta de algumas escolas para meninos, espalhadas pelo município e, nesse sentido, podemos citar a escola pública para o sexo masculino, dirigida pelo professor Juvenal José de Souza, a qual recebeu, no dia 07 de julho do ano de 1919, a visita do inspetor da instrução pública, Ascelino Argollo, tendo o mesmo declarado em seu relatório de inspeção que a referida escola não dispunha de boas condições físicas. Possuía uma matrícula, no ano de 1919, de 33 alunos. Porém, atingia uma frequência média de apenas 22 alunos.³³

Também naquele mesmo ano de 1919, Ascelino Argollo, Inspetor de Ensino, visitou outra instituição para o sexo masculino no município de Propriá, dirigida por D. Rosa Theresa de Cunha Mello. No relatório, fora registrado que em virtude das cheias do rio São Francisco, o que acontecia com uma certa frequência, a escola teve que funcionar em um local que não preenchia as condições higiênicas necessárias ao bom funcionamento do estabelecimento, tendo o mesmo sugerido a transferência da escola para outro lugar mais salubre.

³¹ MORARCHA, Carlos. **A reinvenção da Cidade e da Multidão** – Dimensões da Modernidade Brasileira: a escola nova. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1989, p. 91.

³²SOUZA, Valéria. op. cit., p. 70.

³³ Arquivo Público do Estado de Sergipe. E₆ Cx. 1179.

Muitos eram os transtornos que as cheias do rio São Francisco trouxeram para o município de Propriá e seus moradores. Registros apontam que as maiores enchentes ocorreram em 1906, 1919, 1926, 1949, 1960, 1979 e 1983; mas, devido à grande extensão do rio, não eram as cheias sobre Propriá que determinavam as enchentes mas, sim, as chuvas que aconteciam nas cabeceiras e que eram razoavelmente previstas e esperadas em Propriá. Assim, não foram registradas grandes tragédias provocadas pelo súbito aumento na vazão do rio, mesmo acontecendo enchentes com uma frequência considerável. No entanto,

Semanas decorriam e a cidade preparava-se, a atividade econômica migrava para a área mais elevada, as casas ribeirinhas eram abandonadas e as pessoas abrigavam-se na parte alta da cidade. Não se deve afirmar que as enchentes não traziam nenhum prejuízo econômico à cidade, mas os danos físicos e econômico não eram a face mais marcante.³⁴



FOTO 06: Enchente do Rio São Francisco em Propriá. 1979. FONTE: Acervo Particular de Washington Luiz Prata. AUTORIA: Desconhecida.

³⁴ ARAGÃO, Carlos Roberto Britto. op. cit., p. 62

A questão da higiene aproximada do fazer pedagógico, vai influir na elaboração da necessidade de um espaço próprio para a escola.³⁵ Os relatórios apontam para o Plano de Organização do Ensino em Sergipe, publicado por Helvécio de Andrade, então Diretor Da Instrução Pública no Estado de Sergipe, no ano de 1935. Segundo ele,

Feita a escolha do local, segundo a densidade da população, o prédio deve obedecer ao seguinte plano mínimo. Casa isolada por áreas laterais ou fronteiras, servindo para recreios, jogos e outros exercícios escolares adotados nos programas – jardinagem etc, salas de aula de 10 metros sobre 7, piso estanque, altura de 3 metros se não forradas e 3 e meio se forradas, longas janelas a 1 metro do piso e 2 pelo menos de altura, com portas, venezianas e bandeiras de vidro no alto; água abundante e esgoto suficiente. E' o mínimo a exigir. Inútil por supérfluo aduzir argumentos, já tantas vezes repetidas, sobre a necessidade da escola alegre e saudável.³⁶

Essas condições exigidas, provavelmente, não condiziam com a realidade da maioria dos espaços onde funcionavam essas escolas no Estado de Sergipe no início do século XX, o que foge à regra no município de Propriá.

No que se refere à escola pública para o sexo masculino, dirigida pelo Professor Francisco Antônio dos Santos, o inspetor destaca que, diferentemente das escolas citadas na página anterior, o prédio estava situado em um dos pontos mais higiênicos da cidade e, mesmo assim, exigiu atestado de vacina de cada aluno, bem como de todas as “moléstias contagiosas”, pois a sala de aula onde se exerciam os trabalhos escolares era um espaço muito “acanhado”, o que restringia as atividades e colocava em risco qualquer doença entre os alunos. Esta escola possuía 14 carteiras americanas, um quadro negro, um relógio e uma banca-escrivaniha. Faltava a ela, no que se refere à análise feita pelo Instrutor de Ensino, todos os recursos materiais indispensáveis ao aparelhamento da escola moderna, além de ratificar a idade avançada do professor que, por esse motivo, também não acompanharia os métodos mais “modernos” de ensino, aplicados no momento.³⁷

³⁵ Cf. FARIA Filho, Luciano Mendes. Instrução Elementar no Século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA Filho, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003. p. 147.

³⁶ ANDRADE, Helvécio de. **Plano de Organização do Ensino em Sergipe**. Aracaju, Editora – Casa A’Vila, 1935. p. 09.

³⁷ Quanto às demais instituições de ensino público existentes no município ribeirinho de Propriá, no início do século XX, não foi possível obter informações precisas em virtude do processo de catalogação, no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) no momento de conclusão deste trabalho, dos documentos doados pelo Conselho de Educação.

As reformas implementadas no ensino em Sergipe, por inspiração das idéias que se irradiaram a partir de São Paulo, entusiasmaram os principais intelectuais da educação e muitas lideranças políticas. Contudo, não beneficiaram todo o estado. Seus resultados foram sentidos apenas em Aracaju e em outros centros urbanos importantes do Estado, como as cidades de Capela, Estância, Lagarto e São Cristóvão. Na zona rural e na maior parte dos municípios a situação continuou muito difícil.³⁸

Já na década de 1950, o município de Propriá contava com as seguintes instituições educacionais: no Ensino Primário, o Grupo Escolar João Fernandes de Britto, mantido inicialmente pelo município; o Grupo Escolar Graccho Cardoso, mantido pelo Estado, 37 escolas municipais e seis mantidas por particulares. Quanto ao Ensino Secundário, existia o Ginásio Nossa Senhora das Graças, dirigido pelas irmãs religiosas franciscanas; o Ginásio Diocesano, sob a direção do Cônego José Curvelo Soares; uma Escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), entidade de direito privado, superintendida pela Confederação Nacional do Comércio; uma Escola Remington Oficial (Datilografia) e uma Escola de Corte e Alta Costura, mantida por particulares.³⁹

Em se tratando das escolas públicas oferecidas no município de Propriá, tanto pela rede municipal como pela rede estadual de ensino no início do século XX, a falta de informação, por parte dos órgãos responsáveis, é um empecilho para que pudesse descrevê-las. Foi possível apenas conhecer dados sobre parte delas como, além das já aqui mencionadas, o Grupo Escolar João Fernandes de Britto, hoje Colégio Estadual Coronel João Fernandes de Britto, instituição de ensino fundada no dia 02 de abril de 1925, na gestão do governador Graccho Cardoso, que se encontra em pleno funcionamento até os dias atuais. Nesse mesmo período, Hercílio Britto, importante industrial da região ribeirinha do baixo São Francisco, exercia o cargo de prefeito da cidade de Propriá. Hercílio Britto foi um grande influenciador da instrução no município.

Estudos bibliográficos indicam que havia uma forte preocupação com a criação de grupos escolares em Sergipe, principalmente, porque seria necessário dispor de muitos recursos financeiros, além da alegação de que iriam dificultar o acesso das crianças da periferia, visto que os grupos escolares ficariam localizados em áreas mais centrais. O alto

³⁸ Cf. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Escola no Espelho: São Paulo e a Implantação dos Grupos Escolares no Estado de Sergipe. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares, Cultura Escolar Primária e Escolarização da Infância no Brasil (1893 – 1971)**. Campinas / São Paulo: Mercado de Letras. 2006, p. 159.

³⁹ Cf. MENEZES, Otávio (Org.). op. cit., p. 08.

custo das obras dos grupos era devido à sua monumentalidade.⁴⁰ Para tanto, foi proposto que se criassem os grupos escolares, mas, não extinguissem as escolas isoladas, que continuavam funcionando na maioria das localidades sergipanas, especialmente na zona rural e na maioria dos municípios do Estado de Sergipe. Contudo, estes grupos escolares se estabeleceram, no início do século XX, com arquiteturas imponentes, embelezando as cidades e retirando dos cofres públicos numerosas quantias de dinheiro para a edificação destas escolas.



FOTO 07: Fachada atual do Colégio Estadual João Fernandes de Britto. 2006. FONTE: Acervo Particular da Autora. AUTORIA: Júlio César Santos.

O Grupo Escolar João Fernandes de Britto recebeu este nome em homenagem a uma pessoa de muita relevância no município, principalmente no que se refere aos esforços voltados para a educação. Sobretudo, quero aqui destacar a sua influente participação no processo de instalação do Colégio Nossa Senhora das Graças, em terras proprienses, para atender as moças de toda região, bem como da Escola Gratuita de Santo Antônio, também destinada às meninas.

Foi justamente João Fernandes de Britto, graduado em ciências jurídicas e sociais, ensaísta político e orador, que, deputado federal e estadual e também um dos sócios fundadores da Empresa de Fiação e Tecelagem Propriá que, em apoio ao Padre Antônio

⁴⁰ Cf. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. op. cit., p.158.

Cabral, um dos responsáveis pela vinda das irmãs franciscanas, ofereceu condições, inclusive financeiras, para a instalação e permanência destas em Propriá. João Fernandes de Britto, considerado o maior líder político da região, tanto viabilizou a viagem das freiras, vindas de Portugal, como doou recursos para a construção do Colégio Nossa Senhora das Graças.

Pode também ser citado o Grupo Escolar Brigadeiro Eduardo Gomes, fundado no início do século XX, situado à rua Lopes Trovão, que contava com uma matrícula inicial de 31 alunos, todos homens.



FOTO 08: João Fernandes de Britto.
FONTE: Acervo Particular da Família Britto.
AUTORIA: Desconhecida

Mediante os documento consultados no Arquivo Público do Estado de Sergipe, foi possível perceber que, em todas as visitas realizadas pelos Inspectores de Ensino às escolas públicas do município de Propriá, no início do século XX, em dia de feira livre na cidade as atividades escolares eram colocadas em segundo plano, porque em muitas destas instituições os inspetores não encontraram nenhum aluno sequer.

Outro aspecto muito evidenciado pelos inspetores era a necessidade da aquisição de determinados instrumentos dentro das salas de aula, como, por exemplo, o relógio e alguns mapas para auxiliar as aulas de Geografia, além de sólidos geométricos e outros objetos escolares, indispensáveis na aplicabilidade de métodos de ensino que se aproximassem da moderna orientação pedagógica no período em destaque. Segundo Helvécio de Andrade, Diretor da Instrução Pública, se o ensino era obrigatório, também deveria ser para o Estado o fornecimento de instrumentos que possibilitassem o bom andamento das atividades escolares.⁴¹

Helvécio de Andrade representou em Sergipe o entusiasmo que contaminou os governos dos demais estados em face das reformas que se irradiaram a partir de São Paulo, pela visibilidade que estas ganharam na opinião pública, em função do seu caráter moderno, que se exprimia por meio de um discurso de racionalidade técnica dos profissionais de educação.⁴²

Outro ponto bastante debatido por Helvécio de Andrade, quanto ao ensino público em Sergipe, diz respeito à organização interna das escolas que, consoante a matrícula permitida ser de 50 alunos para cada sala, o mobiliário deveria constituir-se de pelo menos 25 carteiras duplas, um relógio, banca secretária para o professor, os livros necessários para o bom desempenho das aulas, uma ou mais cadeiras, um armário. O material didático deveria constituir-se de um ou dois quadros negros, giz branco e de cores, contadores, parker, quadros de linguagem, tornozinhos coloridos, mapas do Brasil, de Sergipe, planisférios, sistemas de peso e medidas, coleções de seres vegetais e animais, que poderiam ser substituídos por quadros murais, material para desenho e trabalhos manuais, inclusive construções.⁴³

Mas, a realidade era completamente outra. As escolas funcionavam em qualquer lugar que estivesse disponível, o mobiliário era insuficiente, visto existir, em alguns casos, 42 alunos freqüentando e apenas 14 carteiras duplas, acomodando, dessa forma, apenas parte dos alunos. Não há indícios de funcionamento em dois turnos. Para muitas destas escolas, o quadro negro “estragado” era o único equipamento que dispunha o professor. Segundo Helvécio de Andrade, o nosso mal em matéria de instrução pública é a falta de organização e não de método. Dava-se pouca atenção às questões educacionais.⁴⁴

⁴¹ Cf.: ANDRADE, Helvécio de. op. cit., p.10.

⁴² NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. op. cit., p 156.

⁴³ Cf Id.

⁴⁴ Cf. ANDRADE, Helvécio de. A Escola e a Nacionalidade. Aracaju, Emp. Typ. D’ O Luctador. 1931, p. 03.

1.3 – A Educação Feminina em Sergipe: um breve histórico

Em 15 de outubro de 1827, foi instituída uma Lei Imperial que se preocupou, fundamentalmente, em prescrever a criação, em todo o território brasileiro, de escolas de primeiras letras nas cidades, vilas e lugares mais populosos. A partir daí, a mulher passou a adquirir o direito legal à educação pública. Porém a citada lei distinguia a educação masculina da educação feminina, através do currículo que seria aplicado em cada um dos casos. Assim, foram instituídas as cadeiras de primeiras letras para o sexo feminino, as quais deveriam ser providas, de maneira especial, por mulheres. Mas, para funcionar, essas cadeiras de primeiras letras para meninas deveriam ser julgadas convenientes pelo então Presidente da Província.

Segundo Maria Thetis Nunes, somente em fevereiro de 1831, quatro anos após a criação da Lei Imperial, foram instituídas em Sergipe, mais precisamente em Estância, Propriá e Laranjeiras, cadeiras públicas para o sexo feminino.

O patriarcalismo dominante fizera que nunca o problema fosse enfrentado, que também era do país, como atestam os relatos dos viajantes estrangeiros que aqui passaram, e que se impressionam com a situação da mulher reclusa no interior dos lares.⁴⁵

Foi também a Lei Imperial, instituída em 1827, que tornou oficial, no Brasil, o método lancasteriano ou mútuo de ensino, que apresenta como característica principal o fato de utilizar os próprios alunos, os mais avançados, como auxiliares dos professores. Esta mesma Lei determinava que os conteúdos curriculares aplicados aos meninos deveriam ser obrigatoriamente diferenciados em relação aos conteúdos curriculares previstos para as meninas.

Nesse aspecto também é necessário notar que, muito embora essa Lei determinasse salários iguais, a diferenciação curricular acabava representando uma distinção na renda dos professores e das professoras, pois a inclusão da geometria no ensino dos meninos implicava outro tipo de remuneração no futuro, uma vez que para as mulheres o básico era ler, escrever, bordado e costura aprendizado crucial à formação da mãe e da esposa e não da profissional.

Luis Siqueira afirma que,

⁴⁵NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 47.

[...] na Província sergipana, a defesa do método mútuo ocorreu antes da Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, em meados desta década, com o presidente Manuel Cavalcante, quando esboçou para as autoridades imperiais seu projeto de instrução para a Província sergipana. Na proposta do administrador, pretendia-se criar uma escola de primeiras letras em um dos conventos da capital sergipana para aplicar o referido método.⁴⁶

No ano de 1834, funcionavam em Sergipe 29 escolas de primeiras letras. Destas, 25 eram destinadas ao sexo masculino, sendo que as quatro cadeiras destinadas, inicialmente, ao sexo feminino se mantinham⁴⁷, não havendo, portanto, um aumento no que se refere ao oferecimento de vagas às mulheres.

Entretanto, a garantia de acesso ao ensino público não impediu que, por muito tempo, a mulher recebesse, tanto no recanto do lar como nas instituições de ensino, em sua grande maioria escolas religiosas, a educação que lhe era atribuída, sempre fundamentada na moral e nos princípios cristãos, o que era, inclusive, privilégio para as mais abastadas.

Antes do funcionamento de colégios privados para moças, em Sergipe, as famílias abastadas costumavam educar suas filhas em suas próprias casas, com professores particulares e preceptoras. A outra alternativa era a de enviar as moças para os conventos. Elas aprendiam a ler, escrever e contar, além da doutrina cristã. Ademais desses conteúdos, tinham aulas de Etiqueta, Piano, Francês e Habilidades Culinárias.⁴⁸

Diante desta perspectiva educacional religiosa, a educação feminina, mediante os princípios da época, deveria obedecer padrões de “moralização”, atitude necessária à formação da família brasileira, pois à mulher caberia a incumbência de ser dócil, uma vez que elas têm uma casa a governar, marido a fazer feliz e filhos a educar na virtude.⁴⁹

E é justamente nessa ótica, citada por Jorge de Souza Araújo (1999), que os colégios de educação católica feminina foram instituídos no Brasil e, conseqüentemente em Sergipe, como é o caso do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em Aracaju no ano de 1903, sob a liderança das irmãs Sacramentinas, que funcionou durante 70 anos, encerrando suas atividades no ano de 1973, tendo sido a primeira instituição católica de ensino para meninas

⁴⁶SIQUEIRA, Luis. **De La Salle a Lancaster**: os metodos de ensino na Escola de Primeiras Letras sergipana (1825-1875). São Cristóvão: NPGED / Universidade Federal de Sergipe, 2006. (Dissertação de Mestrado). p. 214.

⁴⁷ Cf.: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Pesquisando a educação feminina em Sergipe na passagem do século XIX para o século XX. In: **Revista do Mestrado em Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. v. 4. jan./jun., 2002. p. 48.

⁴⁸ COSTA, Rosemeire Marcedo.op. cit., p. 54/55.

⁴⁹ ARAUJO, Jorge de Souza. **Perfil do Leitor Colonial**. Salvador: UFBA; Ilhéus: UESC. 1999, p. 167.

no Estado; o Colégio Imaculada Conceição, inaugurado em Capela no ano de 1929, sob os cuidados da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição; o Colégio Sagrado Coração de Jesus, inaugurado no dia 1º de março de 1936, na cidade de Estância, sob a direção das irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição e o Colégio Nossa Senhora das Graças, fundado em 1915, na cidade ribeirinha de Propriá, representando a primeira escola, do interior do Estado de Sergipe, criada para atender exclusivamente a meninas em regime de internato, de externato e semi-internato, também sob a direção das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição.

A Igreja procurou estabelecer uma estratégia de “reforma pelo alto”, voltando-se prioritariamente para a formação da elites e dos filhos das classes dominantes através da implantação de uma rede de estabelecimentos de ensino [...] em todo o país.⁵⁰

Todas as escolas citadas são instituições de ensino edificadas em ambientes que representam verdadeiros “palácios do saber”. A estrutura exuberante chamava a atenção e despertava o desejo de pais e alunas.



FOTO 09: Fachada do Colégio Imaculada Conceição em Capela/SE.2006. FONTE: Acervo particular da autora. AUTORIA: Elizabeth Santos.

⁵⁰ Cf. SOUZA, Valéria Carmelita Santana.op. cit., p. 07.

⁵¹ O Colégio Imaculada Conceição, localizado na cidade de Capela, também representa uma importante instituição de ensino confessional católico feminino do Estado de Sergipe.

Nesse sentido se faz necessário notar que as escolas femininas católicas representam um modelo de sociabilidade e moralidade dentro das exigências referentes ao momento próprio. Eram instituições que formavam as “boas moças”, na sua maioria filhas de famílias abastadas e solicitadoras de moralidade, fundada nos princípios marianos de boa mãe e esposa devota.

O início da República aponta para a necessidade de educação da mulher, vinculando-a à modernização da sociedade, a higienização da família e à formação dos futuros cidadãos. A ênfase na escolarização feminina vinculava-se à função social de educadoras das filhas.⁵²

Neste contexto acerca de escolarização feminina, pode-se elucidar que mesmo quando a mulher sai do seio da família e passa a receber instrução educacional dentro de instituições fechadas, católicas, o chamado internato, como foi durante muito tempo o Colégio Nossa Senhora das Graças, continua obedecendo a determinados preceitos sociais, os quais eram diretamente determinados pela religião, como por exemplo, a distinção curricular entre o ensino masculino e o ensino feminino.

O currículo estabelecido para a mulher, dentro dos estabelecimentos de ensino, deveriam atender às expectativas da sociedade da época; e esses padrões sociais estavam totalmente controlados pela religião através da Igreja Católica, maior responsável pela educação das filhas da elite, o que não foi diferente na região ribeirinha do baixo São Francisco, com a implantação do seu “Colégio das Freiras”.

O Colégio não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de habitus que exige uma ciência de governo transcendendo e dirigindo, segundo sua própria finalidade, tanto a formação cristã como as finalidades disciplinares.⁵³

Logo, a Igreja viu a possibilidade de discutir acerca dos “novos” papéis assumidos pelas mulheres em todos os aspectos da vida social e profissional. No entanto, para muitos, a mulher deveria saber conservar a modéstia, a serenidade e o respeito, unindo, assim, inúmeros e consideráveis esforços para disciplinar toda iniciativa que pudesse ser considerada como uma ameaça à ordem familiar.⁵⁴

⁵² FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. op. cit., p. 50.

⁵³ JULIA, Dominique. cit., p. 22

⁵⁴ SOUZA, Valéria Carmelita Santana. op. cit., p. 61.

Os argumentos religiosos pregavam uma formação para as filhas de famílias privilegiadas economicamente, voltada para o ensino da leitura, da escrita, de noções básicas da matemática, não esquecendo do piano e do francês, além do complemento pautado nas habilidades com os bordados, a costura e a culinária, tudo levando em consideração a formação cristã, indispensável à educação feminina.

Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar, de alguma forma a muitos grupos sociais, a afirmação de que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, para elas a ênfase deveria recair sobre a formação moral e a constituição do caráter, já que seu destino primordial, como esposa e mãe exigiria, acima de tudo, uma moral sólida, bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro.⁵⁵

A necessidade de fundar instituições, como o Colégio Nossa Senhora das Graças, estava determinada desde o século XIX. Neste período, foram pensados alguns mecanismos para formar professores e professoras, ao serem criadas as primeiras escolas normais para homens e mulheres. Posteriormente, estas escolas transformaram-se quase que exclusivamente em escolas para moças, pois, nestas escolas normais, aprendia-se o ofício de preparar os homens do amanhã, tarefa mais próxima dos dotes maternos do que dos princípios norteadores da educação destinada aos meninos.

Em Sergipe, a Escola Normal surgiu no ano de 1870, mas somente ganhou instalações próprias no ano de 1911, em um edifício localizado próximo à catedral, no centro de Aracaju. Mais tarde, a instituição foi transferida para outro prédio, na periferia da cidade.⁵⁶

A possibilidade dada às jovens, de freqüentarem um curso normal, representava uma das poucas oportunidades de continuar estudando, além, é claro, de conseguir uma profissão socialmente aceita para a mulher a de professora.

A passagem da mãe educadora para educadora profissional foi conflitiva e teve como uma das principais características, enquanto a definição da tarefa docente, a inclusão da idéia de vocação. A mulher estava inserida em uma situação na qual os valores sociais limitavam sua incorporação no mercado de trabalho e restringiam suas oportunidades educativas.⁵⁷

⁵⁵ Ibid., p. 63.

⁵⁶ Cf.: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. op. cit., p.49.

⁵⁷ VALENÇA, Cristina de Almeida. **Entre Livros e Agulhas**: representações da cultura escolar feminina na Escola Normal em Aracaju (1871 – 1931). Aracaju: Nossa Gráfica, 2005. p. 39.

Porém, o avanço da mulher na educação estava envolto de muitos cuidados por parte da família, que através de uma série de princípios norteadores de modelos de comportamento perpassavam as fronteiras de uma formação puramente literário-científica que era oferecida pelas instituições. Por isso, a Escola Normal não podia dar a estes princípios um valor inferior àqueles referentes à moral e bons costumes.⁵⁸

Esta característica representava uma exigência maior em relação à cobrança dos pais e da sociedade em que estavam inseridas como um todo, no que dizia respeito à conduta das alunas, pois elas haveriam de ser modelo, porque eram “moças de família”. Nesse caso a escola servia como uma referência para a incorporação de uma moralidade pautada em padrões materializados nas cobranças referentes ao cumprimento de normas disciplinares e condutas morais.

Mas, para que essa educação feminina, com todas as suas representações imbuídas com disciplinamento e mecanismo de controle, pudesse ser estudada, foi crucial perceber, a partir da Nova História Cultural, todo o acervo de fontes que, disponíveis nas instituições escolares, bem como nos arquivos oficiais e nos arquivos particulares como diários, cadernos, cartas, fotografias, atas escolares, impressos, livros, revelariam práticas selecionadas pela “censura moral” e pela sociedade para as mulheres, ao longo do tempo, pois elas deveriam produzir sensibilidades, disciplinar maneiras e apurar liberdades. Na verdade, o que estaria em pauta não era definir luzes do saber, mas disciplinar as condutas e barrar a curiosidade.

Com o advento da República, a escolarização feminina é visivelmente ampliada em todo o Brasil, a partir do aumento de vagas, tanto nas escolas públicas como nos colégios particulares femininos, e ainda nas escolas mistas, oferecendo maiores possibilidades às mulheres, no que se refere ao aprimoramento educacional.

⁵⁸ Cf. Ibid., p. 79.

II - O PROJETO, A ORGANIZAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO COLÉGIO

2.1 – O Colégio Nossa Senhora das Graças e a Formação das Filhas da Elite

No dia 21 de novembro do ano de 1914, durante a festa da apresentação de Nossa Senhora, o Cônego Antônio dos Santos Cabral, então vigário de Propriá e futuro Arcebispo de Belo Horizonte, dirigiu-se à cidade de Penedo, no Estado de Alagoas, para solicitar à Madre Maria da Circuncisão, Delegada Geral da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição no Brasil, o envio de algumas religiosas para abrirem uma escola em sua terra natal, voltada para a educação das moças da região. Não tendo encontrado a Madre, e insistindo nesse propósito, o Cônego Cabral voltou, no dia 18 de dezembro do mesmo ano àquela cidade alagoana e, tendo conseguido uma resposta positiva, afirmou: “Bendita República Portuguesa que mandou para o Brasil as religiosas”.⁵⁹

A instituição escolar que seria fundada, teria como orago⁶⁰ Nossa Senhora das Graças, não só por causa da devoção à Santa, mas, também porque, o Colégio foi edificado numa pequena elevação, onde havia uma capelinha antiga de nome Santa Cruz das Graças, a virgem da Medalha Milagrosa e, em virtude da qual, podemos detectar estampado na fachada atual do prédio da instituição, tanto a imagem de Nossa Senhora das Graças como da medalha contendo as iniciais da congregação. Nesse sentido, a imagem de Maria viria fortalecer as imagens de mãe e mulher, utilizadas aqui como sinônimos de abnegação, pureza e sacrifício.

O Colégio Nossa Senhora das Graças teria por fim proporcionar a suas alunas, uma esmerada educação religiosa, além de sólida instrução literária, social e patriótica.

A demanda por este tipo de ensino para as mulheres é reforçada, na escrita das Irmãs Hospitaleiras⁶¹, quando relata que houve uma procura considerável das famílias ribeirinhas, logo que as freiras chegaram a Propriá, e que essa procura cresceu consideravelmente durante os anos seguintes.

⁵⁹ Mensagem da Diocese de Própria pelos 50 anos da instituição.

⁶⁰ Orago significa protetor, defensor.

⁶¹ Livro de Crônicas do Colégio Nossa Senhora das Graças.1932

No bojo desta demanda, transparece a compatibilidade entre o que o Colégio ofereceria e o que os pais, verdadeiramente, esperavam da educação das filhas, enfatizando que a preocupação maior era, sobretudo, com a moral e os bons costumes, mais do que com o ensino propriamente dito.

O Colégio Nossa Senhora das Graças foi fundado no dia 18 de dezembro do ano de 1914, porém, só começou a funcionar em 15 de janeiro de 1915. A instalação da instituição foi uma iniciativa do pároco de Propriá, o Reverendíssimo Monsenhor Antônio dos Santos Cabral, e contou com o apoio de muitas lideranças políticas locais. Muitas gerações de mulheres, algumas da mesma família, freqüentaram o Colégio das Freiras de Propriá.

Ao longo de seus 91 anos ininterruptos de pleno funcionamento, o Colégio passou por inúmeras reformulações, com o intuito de se adequar às exigências de cada época. De Colégio Nossa Senhora das Graças passou a denominar-se Educandário Nossa Senhora das Graças. Com a equiparação, passou, depois, para Ginásio Nossa Senhora das Graças, voltando à denominação original. A escolha do nome da escola foi dado em virtude da localização onde ela fora edificada, próximo à Igreja de Santa Cruz das Graças.

Através do Decreto 167 / 33, o Colégio Nossa Senhora das Graças foi equiparado à Escola Normal Rui Barbosa de Aracaju. Já em 21 de dezembro de 1946, a escola recebeu, pela Portaria Ministerial nº 703, autorização para funcionamento do Ensino Secundário, e pelo Decreto nº 579 / 61, foi outorgado mandato ao Ginásio Nossa Senhora das Graças, para ministrar o curso Pedagógico. O Decreto 759 / 61 autorizou o funcionamento do Curso Pedagógico, em três anos e o acréscimo do 4º ano do referido curso, e através da Portaria Ministerial nº 1.092 / 51, foi concedido reconhecimento do Ministério da Educação e Saúde. Pela Resolução nº 20 / 74, foi concedida autorização para funcionamento do 4º ano do Curso Pedagógico, sendo que, pela Resolução nº 41 / 77, recebeu o reconhecimento do Curso de Estudos Adicionais. A Resolução nº 167 / 80 aprovou o regimento da instituição e a Portaria nº 1.092 / 81 concedeu reconhecimento ao Ginásio Nossa Senhora das Graças. A Resolução 167 / 80 aprovou o Regimento Interno.⁶²

⁶²Informações concedidas pela Inspeção Escolar do Estado de Sergipe em setembro de 2006.

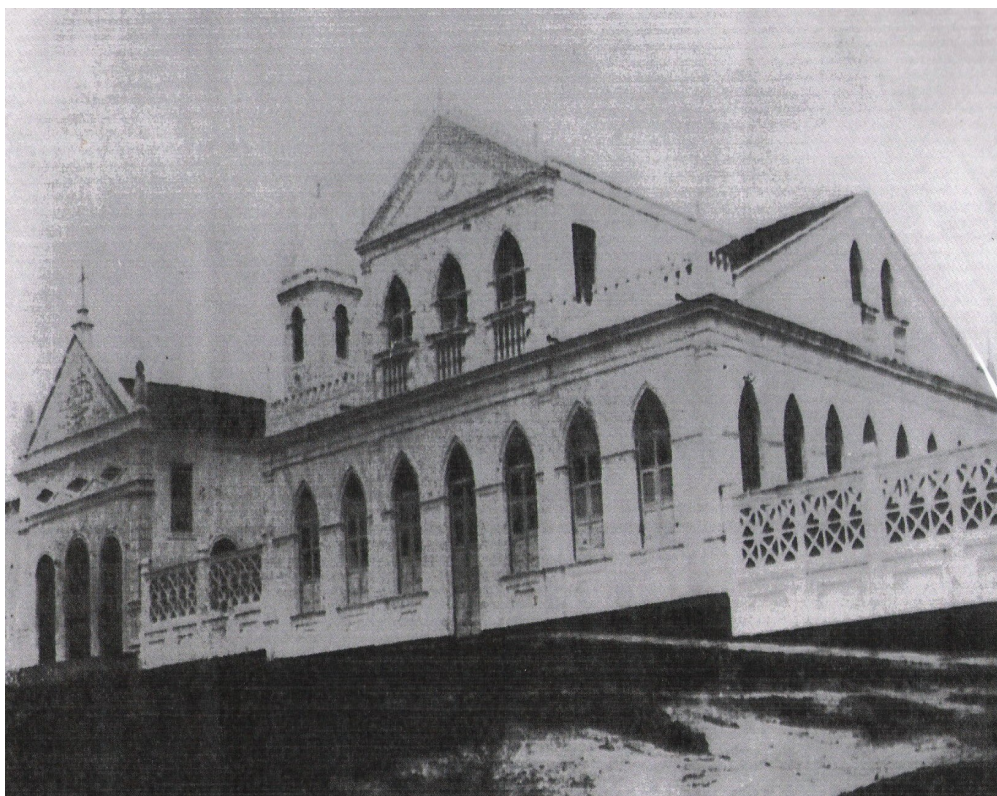


FOTO 10: Fachada do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1915. FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida

Em meio às festividades de inauguração, foi notificado que o Colégio ficaria sob a inteira responsabilidade de uma ordem religiosa franciscana portuguesa, a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleira da Imaculada Conceição, que chegou, ao Brasil, em 28 de junho de 1911, e em Propriá, no ano de 1914.

O movimento de chegada das congregações religiosas no Brasil obedeceu a uma dupla determinação: a instabilidade política na Europa e a estratégia da Igreja Católica Brasileira, no sentido de estreitar seus laços com o Vaticano⁶³. Contudo, o aspecto fundamental a ser considerado no presente trabalho é que, algumas das ordens que se instalaram no Brasil foram responsáveis pela fundação de uma ampla rede de ensino, dirigida, principalmente, às chamadas elites.

A instalação de uma rede escolar, movimentando vultuosos recursos financeiros e humanos, deslocando congregações religiosas da Europa para o Brasil, apoiava-se em uma teoria cujo eixo de sustentação era atribuir à chamada “crise do mundo moderno” aos considerados “princípios errôneos” da filosofia racionalista e da política liberal, divulgados pela educação leiga

⁶³Cf.: MARGOTTO, Lílian Rose. op.cit., p. 61.

e, como contrapartida, a solução dessa suposta “crise” através da educação católica.⁶⁴

O Colégio Nossa Senhora das Graças, a exemplo de muitos outros, surgiu com o propósito de atender às exigências de um período que começou a pregar uma formação feminina mais avançada, institucionalizada, saindo do seio da família para adentrar na escola, mas, sem perder de vista os princípios da religião católica e da moral cristã, preocupados com a formação de mulheres cultas, porém, doutrinadas, ou melhor, mães e esposas mais bem preparadas para cuidar de suas casas com um pouco mais de dedicação e perseverança.

Desse modo, essa educação visava formar mulheres mansas, religiosas, caridosas, humildes, modestas, silenciosas e obedientes, mulheres disciplinadas no corpo e no espírito. Para isso, o Colégio seguia princípios pedagógicos muito antigos, que consistiam no amor, no respeito e no exemplo, bem como algumas orientações de ordem disciplinar, como a vigilância, a disciplina e as punições.

Os colégios de freiras, entregues, na maioria das vezes, a religiosas vindas de outros países, ofereciam educação escolar e transmitiam a doutrina católica, afastando a população de ameaças, como por exemplo, a protestante.⁶⁵

O Colégio Nossa Senhora das Graças foi fundado, atendendo o fim primordial de oferecer formação integral à juventude feminina, procurando formar a personalidade e inculcar os princípios básicos do amor à Religião, à Pátria e à Família.

Além disso, propunha acentuar, nas jovens, a consciência da honra, as responsabilidades do dever e, ainda, adestrar as alunas para a família e para a sociedade, com uma formação intelectual à altura de sua futura e nobre, para a época, missão de mulheres católicas brasileiras: primeiro, ser dona de casa, esposa e mãe e, depois, a mãe dedicada, a esposa prezada, mas, sobretudo, a profissional eficiente.⁶⁶

O movimento que emergiu em favor da escolarização das mulheres, movido pela Igreja, na maioria das vezes católica, não representou uma ruptura brusca com a imagem profundamente pessimista a respeito da natureza feminina, alimentada até então. O ensino ministrado às meninas, no Colégio das Freiras de Propriá tinha, por objetivo, inicialmente, promover uma separação muito grande do mundo, somada a uma incontestável obediência e

⁶⁴ Cf. SOUZA, Valéria Carmelita Santana. op. cit., p. 42.

⁶⁵ Cf. COSTA, Rosemeire Marcedo. op. cit., p. 15.

⁶⁶ Estatuto do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1945.

uma humildade sem limites, preocupada em proporcionar uma educação integral, favorecendo o corpo e o espírito.

O Colégio Nossa Senhora das Graças, em consonância com o artigo 1º das Leis nº 4.024 / 61 e nº 5.692 / 71, tem por finalidade proporcionar a suas educandas, uma formação integral, através de atividades e estudos que as torne capaz de compreender os direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, da família, do Estado e da Comunidade. Demonstrar sentimentos de justiça e responsabilidade. Revelar sentimentos cívicos e religiosos que contribuam para o fortalecimento da unidade nacional e solidariedade.⁶⁷

Assim, esse novo direcionamento que, o ensino para mulheres passou a ter, trouxe um programa de estudos mais voltados para aspectos de ordem prática e mundana: aprendia-se o que seria útil na vida cotidiana de uma mulher casada. Nas lições de caligrafia, por exemplo, aprendia-se a redigir com letras claras e bonitas e as aulas de boas maneiras demonstravam mais do que qualquer outra disciplina, o quanto as religiosas estavam formando moças para frequentarem a sociedade e não, essencialmente, para serem freiras. Mesmo assim, algumas alunas, como Cecília Barros (Irmã Inês do Santo Cordeiro), Eliza Aragão (Irmã Maria Serafina do Divino Amor) e Maria de Lourdes do Nascimento (Irmã Maria Cecília do Menino Jesus), fizeram-se membros da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição.

Nesta perspectiva, além das disciplinas obrigatórias, ensinavam Francês, Piano, Bandolim e Violino, Religião, Instrução Moral e Cívica, Desenho Linear, Arte Decorativa, Bordado e Trabalhos Manuais, desde a costura mais simples até os labores mais finos e artísticos.⁶⁸

Fica evidente o lugar que o Colégio Nossa Senhora das Graças ocupou diante da sociedade ribeirinha, como um espaço no qual valores tomavam corpo a partir das disciplinas ensinadas, do comportamento exigido àquelas que dele faziam parte, bem como da organização do espaço escolar, que deveria, antes de mais nada, inculcar nas educandas regras de boas maneiras, de higiene e de cordialidade, predicados indispensáveis na sociedade.

O pensamento conservador da Igreja Católica conseguia opor obstáculos à educação e profissionalização das mulheres, sob o argumento da necessidade de se preservá-las moralmente e mantê-las ao abrigo dos desvios de conduta

⁶⁷ Regimento Interno do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1956. Artigo 5º. (fragmentos cedidos pela instituição).

⁶⁸ Mensagem da Diocese de Própria pelos 50 anos da instituição.

que o excesso de instrução possibilitar [...]. Educar essas jovens significava ensinar corte e costura, pois ler e escrever pouco lhes valeria no futuro.⁶⁹

Costa afirma ainda que, uma das novidades da Primeira República, no que se refere à educação, foi a criação dos Grupos Escolares que incluía no projeto, edifícios suntuosos, símbolos do moderno. Os Grupos Escolares seriam agrupamentos que unificariam, sob o mesmo espaço, séries, classes, controles, novos sujeitos de uma outra organização educacional, sob um projeto de modernização de ensino e da própria cidade.⁷⁰

A instituição dos grupos escolares produziu ótimos resultados, à vista dos quais não havia dúvida a respeito da conveniência de novas criações. Edifícios apropriados, dotados de vastas salas, compartimentos acomodados aos diversos fins, oficinas para trabalhos manuais, campos para exercícios de ginástica, móveis adequados, professores capazes, disciplina rigorosa, metódica distribuição do ensino, inspeção rigorosa, direção inteligente, permitem contar entre os melhores, os serviços desses estabelecimentos à causa da instrução pública do estado.⁷¹

A instalação de escolas, tanto públicas como privadas, em edifícios imponentes, condizia com o momento de transformação que passava o país. No caso específico do Colégio Nossa Senhora das Graças, mesmo no período de sua instalação, quando ainda não possuíam prédio próprio, as irmãs buscaram instalações luxuosas e que exercessem um certo destaque na sociedade. O primeiro edifício que abrigou as religiosas e as primeiras 54 alunas era denominado pela comunidade local como “casarão dos morcegos”, por ser uma construção antiga. Registros da própria instituição confirmam que este casarão fora construído acerca de 40 anos antes da abertura da escola, ou seja, por volta de 1875. O Colégio continua funcionando, até os dias atuais, na mesma localidade.

Por outro lado, além da suntuosidade e da localização privilegiada, procuravam um ambiente salubre⁷², arborizado, com boa luminosidade, não apenas para atender às exigências legais, mas, também, para convencerem os pais de família que o ambiente escolar era digno

⁶⁹ COSTA, Rosemeire Marcedo. op. cit., p. 26. op.

⁷⁰ Cf.: PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**. Campinas / São Paulo: Autores Associados, 2002.

⁷¹ Cf. Ibid., p. 125.

⁷² “O espaço - escola não é apenas um continente em que se acha a educação institucional, isto é, um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais, no qual se situam os atores que intervêm no processo ensino-aprendizagem, para executar um repertório de ações. A arquitetura escolar é também, por si mesma, um programa, uma espécie de discurso que institui, na sua materialidade, um sistema de valores como os de ordem, disciplina, vigilância.” (FRAGO, Antônio Vinão e ESCOLANO, Augustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade**: a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga. Rio de Janeiro: DP e A, 1998. p. 26).

de suas filhas e estava pronto para oferecer uma educação que desse continuidade àquela recebida em casa, com disciplina e conforto e que se equiparasse àquela oferecida na escola da capital.



FOTO 11: Fachada do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1954. FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida.

Nos anúncios publicados na imprensa, as Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição não economizavam nas referências que faziam acerca do aspecto físico do colégio, destacando, constantemente, o quanto as acomodações da escola eram devidamente apropriadas.

Mesmo havendo uma pequena oscilação, a matrícula do Colégio continuou a crescer e o motivo principal teria sido o respeitado corpo docente que ali lecionava. Todas as professoras, até meados da década de 1930, eram membros da congregação, com uma rara exceção das aulas ministradas pelo pároco da cidade. O respeito e a dedicação das irmãs conquistavam a confiança de um número cada vez maior de famílias e a escola fortalecia sua importância e prestígio mediante a comunidade sergipana.

QUADRO I
RELATÓRIO DE MATRÍCULA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
DO ANO DE 1916 AO ANO DE 1925.

ANO	MATRÍCULA	FREQÜÊNCIA
1916	46 alunas	40 alunas
1917	48 alunas	44 alunas
1918	60 alunas	58 alunas
1922	87 alunas	70 alunas
1923	87 alunas	69 alunas
1924	75 alunas	61 alunas
1925	74 alunas	68 alunas

FONTE: Livro de Registro e Mapas das escolas Particulares. APES. E⁶ 879.

O quadro acima demonstra um aumento relativo na matrícula do Colégio, demonstrando a credibilidade adquirida pelas irmãs educadoras em terras propriaenses, mesmo tendo identificado que, entre os anos de 1923 e 1925, houve uma queda de 14,94%. No geral, o número de alunas matriculadas cresceu.

Educando numa dimensão integral e fraterna, o Colégio Nossa Senhora das Graças propunha um ensino pautado nas aulas de Língua Portuguesa, Latim, Francês, História do Brasil, Geografia, Trabalhos Manuais, Desenho, Canto Ofeônico, Religião e Economia Doméstica.⁷³

As atividades artísticas, executadas na escola, estimulavam os pais a reconhecerem que o Colégio das Freiras de Propriá representava a melhor instituição de ensino dedicado à mulher, do interior do Estado. Tais atividades, que se vinculavam ao canto, ao piano, aos trabalhos manuais e às dramatizações teatrais, tanto atraíam a comunidade para dentro da escola como ajudavam a intensificar o prestígio alcançado pelas Irmãs Hospitaleiras, o que era complementado pelos anúncios na imprensa e pelo respeito de suas alunas na região ribeirinha do baixo São Francisco e em outras localidades de Sergipe e de Estados vizinhos.

Dentro da escola não eram aceitas alunas que apresentassem reputação duvidosa ou que tivessem sido excluídas de outros estabelecimentos, o que prova o rigoroso processo seletivo daquelas que iriam freqüentá-lo. Contudo, é possível entender as exigências do Colégio para seleção da clientela como requisito à necessidade de preservar, não somente a moral das alunas, mas também, a própria imagem da Instituição. A seleção da clientela era definida por critérios estabelecidos pelas Irmãs, mas que estavam totalmente de acordo com

⁷³ Caderneta Escolar do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1948.

uma imagem a ser mantida pelas alunas, com relação à imagem refletida pelo Colégio na sociedade: fé, obediência e boa conduta moral.

A adoção de determinados critérios, que atuam como parâmetros de conduta em uma instituição, obedece a um corpo de conhecimentos reconhecidos como válido. A partir dessa afirmativa, Berger e Luckmann⁷⁴ esclarecem que qualquer desvio, em relação ao corpo de conhecimento adotado, faz com que o sujeito seja considerado como participante de um status social inferior.

Uma das principais mudanças, ocorridas na administração da escola, aconteceu durante a gestão da Irmã Dora de Santíssima Trindade, que durou sete anos. Ela conseguiu a equiparação do Colégio Nossa Senhora das Graças à Escola Normal Rui Barbosa, através do Decreto Lei nº 167, de 11 de julho de 1933. Ser equiparado à Escola Normal Rui Barbosa, além de ser uma exigência legal era, ainda, a demonstração de prestígio e a conquista de méritos para a instituição. Por outro lado, significava conquistar o direito de continuar formando, com legitimidade, as filhas da elite ribeirinha, tendo como referência um estabelecimento de relevante destaque no Estado.

É crucial elucidar que a trajetória escolar das meninas assistidas pelo Colégio Nossa Senhora das Graças, encerrava-se com o curso primário, o único oferecido desde a fundação da escola. Depois disso, as alunas voltariam para suas casas, sendo que, a implantação do Curso Normal, em 1933, representava a permanência dessas meninas na vida educacional, o avanço da instrução e o aperfeiçoamento profissional.

A equiparação das escolas particulares à Escola Normal Rui Barbosa foi uma das inovações introduzidas pelo Regulamento de Ensino de 1931, com vistas a dotar os cursos de formação de professores de um caráter mais técnico. Foi obra do médico e diretor da Instrução Pública Helvécio Ferreira de Andrade a elaboração de tal Regulamento. Ele fora nomeado para a função por Augusto Maynard Gomes, que assumiu o cargo de Interventor de Sergipe no período de 1930 a 1935. Disposto a implantar ações modernizadoras na política educacional, Helvécio Ferreira de Andrade defendia os princípios da Escola Nova e suas ações privilegiaram o projeto escolanovista.⁷⁵

Para que as escolas particulares fossem equiparadas, deveriam possuir, além de outras coisas, prédios adequados, organizar o currículo de acordo com a Escola Normal, tanto no que se refere às disciplinas como aos programas, aos métodos de ensino e ao processo de exame,

⁷⁴ Cf.: BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomás. **A Construção social da realidade**. 3ª ed. Petrópolis. Vozes, 2004. p. 93.

⁷⁵ COSTA, Rosemeire Marcedo. op. cit., p. 41.

principalmente de admissão; deveria, também, assumir as despesas no que se refere à fiscalização do Estado.

QUADRO II
CORPO DOCENTE DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS PARA O ANO DE 1933

NOME DOS PROFESSORES	CATEGORIA	MATÉRIA QUE LECIONA
Irmã Maria Carmélia Gonçalves	Catedrática	Música
Irmã Maria Branca do Coração Imaculado	Catedrática	Aritmética, Desenho, Educação Física
Irmã Maria Silvia de Lourdes	Catedrática	Francês e Geografia
Irmã Maria das Chagas	Catedrática	Trabalhos Manuais
Padre Antônio de Barros Padilha	Catedrático	Português
Irmã Dora de Santíssima Trindade	Substituta	Música
Irmã Maria Carmélia Gonçalves	Adjunta	Francês e Português

FONTE: Livro de Registro do Corpo Docente do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1933.

Todos os professores pertenciam à Igreja. Ou eram membros da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, ou eram padres.

Uma nova reforma no ensino do Colégio Nossa Senhora das Graças aconteceria no ano de 1954, quando começou a funcionar o Curso Técnico em Contabilidade para alunas internas e externas. Mesmo não dispondo de nenhum documento normativo no Conselho de Educação e na Inspeção Escolar, este curso representou uma nova conquista para as irmãs e suas alunas.

A reforma republicana da instrução pública instituiu nos dispositivos legais o exame como atividade sistemática e contínua no ensino primário, submetendo-o a uma série de normatização. Um capítulo inteiro é dedicado e ele no Regimento Interno das Escolas Públicas do Estado de São Paulo de 1894. Por este regulamento, foram estabelecidos exames públicos a serem realizados por bancas examinadoras compostas pelo inspetor do distrito, como presidente, por dois examinadores por ele nomeados e pelo respectivo professor da escola ou classe.⁷⁶

⁷⁶ SOUZA, Rosa Fátima de . **Templos de Civilização**: a implantação da Escola Primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 242.

Não foi só nas escolas públicas os exames tornaram-se rituais de grande projeção. Também as escolas privadas, como o Colégio Nossa Senhora das Graças, adotou esta prática. Para ingressar e permanecer no curso, as meninas eram submetidas a provas orais sob a coordenação de uma banca composta de três membros, dois examinadores e um presidente geralmente da Congregação.

Compunha o currículo de tal curso aulas de Língua Portuguesa, Matemática, Língua Inglesa, Elementos de Economia, Contabilidade, Mecanografia, Biologia, Física e Química, Organização e Técnica Comercial, Prática Jurídica Comercial e Ciências Naturais. O curso ficou registrado nos documentos da instituição como Escola Técnica de Comércio Nossa Senhora das Graças.

QUADRO III
1ª TURMA DE ALUNAS DO CURSO TÉCNICO EM CONTABILIDADE DO
COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1954

Elizabete Santos
Enecila Santos
Jeanette Ramalho Luz
Leusteni Lopes Prado
Maria Helena Mello
Maria Iluminata Carvalho
Maria José Aguiar Melo
Maria Tereza Francisca
Sônia Ramalho Luz

FONTE: Livro de Atas das Provas Orais do Curso Técnico em Contabilidade do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1954

O Curso Técnico em Contabilidade do Colégio Nossa Senhora das Graças deixou de funcionar, no ano de 1959, por falta de alunas matriculadas no mesmo. A maioria das alunas preferiam fazer o Curso Normal, visto que este lhes dava um maior prestígio social, através de uma profissão legitimada para a mulher, a de professora.

O mais importante é destacar que o Colégio das Irmãs Franciscanas trouxe, tanto para Propriá como para os municípios próximos, um ensino de qualidade, possibilitando às mulheres da região oportunidades relevantes para o desenvolvimento educacional feminino e, conseqüentemente, para o desenvolvimento escolar da região do baixo São Francisco.

2.2 – A Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição

Em meados de outubro de 1910, quando ocorreu a Proclamação da República Portuguesa, deu-se o início a uma revolução com grandes consequências para a Igreja Católica. Esta revolução gerou uma violenta perseguição aos religiosos, que tiveram de abandonar os seus conventos e refugiarem-se em outros países.

No Brasil, durante a Primeira República, a Igreja Católica sofreu as consequências do ensino e a perseguição das forças liberais. Em resposta àquela situação, ampliou-se a entrada das congregações no país, como ação do bispado e a colaboração da elite rural, num processo iniciado ainda durante a segunda metade do século XIX.⁷⁷

O Convento das Trinas, Sede Geral da Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição em Lisboa, foi bombardeado e, posteriormente, assaltado. As irmãs tiveram que ser levadas para o Arcenal da Marinha daquela mesma cidade, com o intuito de se refugiarem e protegerem sua integridade física e moral.

Inicia-se assim, sua expansão pelo mundo, procurando dar continuidade aos fins da ordem, que seriam a prática dos Conselhos Evangélicos, à maneira de São Francisco de Assis, buscando a plena realização humana e sobrenatural de seus membros e o bem espiritual e material ao próximo, através da corrida cristã, propondo-se, para atingir aqueles objetivos, assistência à saúde, promoção social, dedicando-se ao ensino em seus vários graus e outras atividades filantrópicas que permitam o cumprimento de suas finalidades.⁷⁸

As irmãs conseguiram abrir, em 1º de janeiro do ano de 1911, a primeira casa da Congregação, na cidade espanhola de Tuy, abrigando, gradativamente, as religiosas refugiadas que ainda se encontravam em Portugal, bem como as que vinham de Luanda, na África, e de outros pontos atingidos pela revolução.

Foi com tais propósitos que as Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição chegaram ao Brasil, mais precisamente em Belém do Pará, onde foram recebidas e hospedadas pelas Religiosas Concepcionais, hoje Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, que as trataram, segundo relatos, com muito carinho e generosidade.

⁷⁷ Cf. Ibid., p. 33.

⁷⁸ Estatuto da Congregação. 1935.



FOTO 12: Madre Mª Clara do Menino Jesus
FONTE: Acervo particular de Rejane Valente
AUTORIA: Desconhecida



FOTO 13: Padre Raimundo dos Anjos Beirão
FONTE: Acervo particular de Rejane Valente
AUTORIA: Desconhecida

Madre Maria Clara do Menino Jesus e Padre Raimundo dos Anjos Beirão foram os fundadores da Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Raimundo Maria Ferreira da Silva Beirão nasceu em Lisboa, freguesia do Socorro, a 08 de março de 1810. Filho de Francisco Antônio Ferreira da Silva e de Raimunda de Jesus Maria José Beirão. Aos 16 anos, entrou para os Franciscanos da Terceira Ordem Regular, vestindo o hábito de noviço no Convento de Nossa Senhora de Jesus, às Mercês, e tomando o nome de Frei Raimundo dos Anjos, foi ordenado sacerdote em 1833.

De família pobre, a 15 de junho do ano de 1843, na Quinta do Bosque – Amadora, perto de Lisboa, nasce Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque, filha de Nuno Tomás de Mascarenhas Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque e de Maria da Purificação de Sá Ferreira.

Ainda criança, experimenta a dureza da orfandade. Quase sem familiares para acolhê-la e após alguns anos no Internato da Ajuda, vai morar no Palácio dos Marqueses de Valada, onde continuou a preparação para o meio social.

Apesar de ser tratada como filha, sobretudo pela Marquesa que era amiga de seus pais, Libânia sente em si uma força íntima que a impele a um ideal maior: a Vida Religiosa. Entra no Recolhimento de São Patrício e troca os luxuosos vestidos pelo hábito simples de Religiosa, recebendo o nome de Irmã Maria Clara do Menino Jesus.

Feito o seu noviciado em Calais na França, onde professou no dia 14 de abril de 1871, regressa a Portugal e, em uma cerimônia solene, presidida pelo Padre Raimundo dos Anjos Beirão que a apoiou e a orientou, assume o cargo de Superiora de todas as companheiras que, com ela, também se congregaram. Nasce, assim, no dia 03 de maio desse mesmo ano de 1871, aquela que viria a chamar-se oficialmente a Congregação das Irmãs Hospitaleiras dos Pobres pelo Amor de Deus, depois, Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas e, hoje, Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição.⁷⁹

A Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição, também conhecida como Irmãs Hospitaleiras ou Franciscanas Hospitaleiras, é uma instituição da Igreja Católica Apostólica Romana, fundada em 03 de maio de 1871, na cidade de Lisboa, Portugal. Seus membros chegaram ao Brasil no dia 28 de junho de 1911, e se constituíram em sociedade civil, conforme o Decreto Brasileiro em 18 de outubro de 1945.

Todas as religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição no Brasil estão integradas juridicamente em duas sociedades civis distintas denominadas de Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição – Província do Sagrado Coração de Jesus, com sede em São Paulo, Estado de São Paulo e a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição – Província de Santa Cruz, com sede na cidade de Salvador, estado da Bahia, na rua Alto do Bonfim, nº 01, Bairro Monte Serrat, Distrito da Penha.

⁷⁹ Informações adquiridas no Colégio Nossa Senhora das Graças.



FOTO 14: Sede da CONFHIC 2006. FONTE: Acervo particular da CONFHIC. AUTORIA: Desconhecida

Segundo o Estatuto apresentado, a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição – Província de Santa Cruz, é uma sociedade de direito privado, sem fins lucrativos, filantrópica, e tem como finalidade criar, congregar, dirigir e manter instituições que visem a beneficência, a promoção humana, a educação, a cultura, a evangelização, o ensino e a assistência. Possui registro no Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas em Salvador – BA, no Livro A-2, às Folhas 48 – 50, sob o número de ordem 2.042 de 1º de dezembro de 1967, também no Conselho Nacional do Serviço Social (CNSS) do MEC, desde 1968, pelo processo nº 202.296 / 68, no Cadastro Geral dos Contribuintes (CGC) da Secretaria da Receita Federal (SRF) do Ministério da Fazenda (MF), sob o número 15.233.646 / 0001 – 94 e na Secretaria de Finanças da Prefeitura de Salvador sob o número 000634 / 001 – 21.



FOTO 15: Brasão da CONFHIC.⁸⁰ 2006.
FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida.

No dia 10 de setembro de 1911, quatro irmãs da Congregação seguiram para Monte Alegre, em Belém do Pará, onde fundaram o Colégio São Francisco. Em 12 de setembro do mesmo ano, mais seis irmãs partiram para instalar o Colégio Santo Antônio, agora em Alencar, também no Pará. No mesmo ano de 1911, outras irmãs da Congregação Hospitaleira da Imaculada Conceição seguem para Itacoatiara, no Amazonas, para, a pedido de Dom Frederico Brício de Souza, fundar o Colégio Pio X. E, assim seguiram as irmãs educadoras, instalando-se em diversas partes do Brasil, disseminando seus dogmas por muitos Estados.

⁸⁰ Cf. O Brasão da Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição é um escudo de lisonja, forma usada pelas damas da época, esquartelado em aspas. No 1º quartel, de prata, existe as cinco chagas sangrentas em vermelho, simbolizando as chagas de São Francisco que eram, noutros tempos, as armas franciscanas, usadas em Portugal. No 2º, de azul, existe uma estrela de 5 pontas de prata. As cores prata e azul são as cores próprias da Imaculada Conceição. No 3º, também azul, uma lucerna de ouro, acesa de vermelho. A estrela acima da coroa representa Maria Imaculada e sua realeza, a Lucerna acesa é símbolo de caridade em que devem arder aquelas que se dedicam particularmente ao serviço dos doentes e necessitados. No 4º, de prata, a cruz de Cristo de vermelho, que representa a obra missionária, uma das características da congregação. Abaixo, listel de prata, com divisa em preto contendo a frase: LUCERE – ET – FOVORE que indica o lema de uma Irmã Franciscana Hospitaleira: luzir pelo exemplo da sua vida e pela sua palavra com suavidade.

Além destes estabelecimentos já citados, e de sua Sede Social, o Convento da Sagrada Família em Salvador, a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC) – Província de Santa Cruz é mantenedora das seguintes instituições ou dependências: Organização Fraternal São José em Salvador – BA, Centro Assistencial São Francisco de Assis em Dias d’ Ávila – BA, Hospital Sagrada Família também em Salvador – BA, Hospital São Vicente de Paula⁸¹ em Propriá – SE, Instituto Educacional Nossa Senhora de Fátima em Campo Formoso – BA, o Colégio São José da Ação Fraternal de Itabuna em Itabuna – BA, o Colégio Patrocínio de São José em Aracaju – SE, o Colégio Nossa Senhora das Graças em Propriá – SE, o Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância – SE, o Colégio Imaculada Conceição em Penedo – AL, o Ginásio Sagrado Coração de Maria em Mossoró – RN e o Colégio Normal São Francisco de Assis em Arapiraca – AL.⁸²

Integraram ainda a estrutura organizacional da Congregação as seguintes instituições, embora cada uma delas possua personalidade jurídica independente própria: Casa da Criança Dr. João Moura em Campina Grande – PB e o Centro de Assistência Social Pio XII em Salvador – BA.

O Estatuto da CONFHIC destaca que são sócias todas as religiosas professoras na Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, integradas a ela, que forem admitidas pela Diretoria ou Assembléia Geral e devidamente registradas no Livro das Sócias.

São deveres das sócias, entre outros: colaborar na realização dos fins institucionais da CONGREGAÇÃO. Manter conduta compatível com os objetivos sociais da mesma. Respeitar e cumprir este estatuto e as decisões da Diretoria e da Assembléia Geral. Zelar para que os bens sociais sempre estejam a serviço dos objetivos da CONGREGAÇÃO.⁸³

⁸¹ No dia 18 de janeiro de 1918, foram trazidas três religiosas para assumirem os trabalhos internos do Hospital São Vicente de Paula em Propriá, a Irmã São Leonardo, a Irmã Maria da Semeiro e a Irmã Auxiliadora, dependentes da Superiora do CNSG, que até o dia 22 de novembro de 1954, funcionou no edifício que hoje é propriedade da Diocese, quando foi transferido para o Hospital regional de Propriá, construído pelo Governo Federal e cedido com direitos e posse à Sociedade São Vicente de Paula. Por sua grande pobreza, o Hospital só podia receber de 8 a 10 doentes, mas as Irmãs começaram a fazer curativos nos pobres. Além disso, as Irmãs reuniam o povo para a oração diária do terço, do qual participavam famílias inteiras e, aos domingos, davam catecismo a crianças, preparando-as para a Eucaristia. Só em 1927, a comunidade hospitalar se tornou independente do Colégio, tendo como Superiora a Irmã Maria da Redenção, substituída 2 anos depois por Irmã São Paulo. O Hospital continua em funcionamento, mesmo com muitas dificuldades. Mantém convênio com o Estado e com os municípios da região ribeirinha do baixo São Francisco. Acervo particular da CONFHIC.

⁸² Estatuto da Congregação. 1935

⁸³ Id.

Seguindo tais princípios é necessário destacar que as iniciadoras do trabalho educacional em Propriá foram nove religiosas da Congregação que se chamava, então, de Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas e, hoje, Imaculada Conceição. Seus nomes são conservados tanto nas crônicas do estabelecimento como na lembrança de muitas pessoas, como ex-alunas e membros da própria Congregação. São elas: Irmã Maria Carolina de Apresentação, portuguesa, que foi eleita Superiora, Irmã Maria Constantina de São José; Irmã Glória; Irmã Maria de São Paulo; Irmã Maria de Chantal; Irmã Imaculada; Irmã Maria Estela, Irmã Cacilda e Irmã Maria dos Santos Justos.

O cargo de diretora do Colégio Nossa Senhora das Graças era função de prestígio e, até o ano de 1998, apenas membros da congregação assumiram esta função, visto que tal cargo constitui uma escolha, pela própria congregação, como uma missão.

QUADRO IV
DIRETORAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS (1915 – 1970)

PERÍODO DE ATUAÇÃO	NOME
1915 – 1917	Irmã Carolina de Apresentação
1918 – 1921	Irmã Rosa de São Luiz
1922	Irmã Rosa Maria de São Francisco
1922 – 1928	Irmã Leocádia de São Bernardo
1929 – 1932	Irmã Rosário do Espírito Santo
1933 – 1939	Irmã Dora de Santíssima Trindade
1940 – 1945	Irmã Cândida de Maria Imaculada
1946 – 1950	Irmã Maria Aldete
1951 – 1953	Irmã Glória de Maria Imaculada
1954 – 1955	Irmã Maria Augusta de São José
1956	Irmã Margarida da Eucaristia
1957 – 1961	Irmã Inês de Maria Imaculada
1962	Irmã Maria Cecília d' Assunção
1963	Irmã Maria Cândida de Jesus Hóstia
1964 – 1968	Irmã Maria da Conceição Aparecida
1969	Irmã Maria de Lourdes e Silva
1970	Irmã Maria de Lourdes Martins Barroso

FONTE: Livro de Registro do Corpo Docente do Colégio Nossa Senhora das Graças. De 1915 a 1973.

Segundo o estatuto, a Congregação não remunera seus membros, nem os da diretoria, tampouco as suas sócias. Não distribui lucros, dividendo, ou vantagens de qualquer espécie, aplicando, integralmente, os recursos adquiridos na manutenção dos objetivos institucionais. Assim, a Congregação não responde pelos compromissos assumidos pelas instituições

mantidas, a não ser nos casos em que, expressamente, tenha declarado fazê-lo, mediante instrumento idôneo, na forma da lei.⁸⁴

2.3 – A Escola de Santo Antônio: caridade ou preconceito?

O Colégio Nossa Senhora das Graças destinava-se a meninas que pudessem pagar qualquer tipo de mensalidade para sustento do mesmo. Porém, com o prestígio alcançado pelo Colégio e o respeito adquirido pelas irmãs, outras pessoas da comunidade local e circunvizinhança também queriam dar instrução de boa qualidade moral e intelectual a suas filhas. Mas, não possuíam condições financeiras e, por isso, ficavam impedidas de matriculá-las no Colégio das Freiras.

Com o intuito de sanar este problema, as Irmãs foram, logo no ano de 1916, abrindo a Escola de Santo Antônio, uma instituição gratuita. O problema, então, estendeu-se para a separação: de um lado, as filhas da elite e, do outro aquelas, mais desprovidas socialmente. Ao que tudo indica, as alunas das duas instituições eram educadas por membros da mesma congregação; porém, de maneira diferenciada, acabavam não mantendo muito contato e deixando transparecer, atualmente, que as oportunidades, os cuidados e as atenções derivavam da condição social de cada uma das alunas.

Diferenças, distinções, desigualdades [...] A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos, tornando aqueles que nela entravam distintas dos outros, os que a ela não tinha acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.⁸⁵

⁸⁴ Cf. Id.

⁸⁵ LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis – Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004, p.57.

O espaço onde funcionou a Escola de Santo Antônio era um ambiente muito simples. Dentro do mesmo espaço do Colégio, diferentemente da suntuosidade que este deveria apresentar, já que para a instalação do mesmo foi escolhido um local de destaque, sendo este local o ponto mais alto da cidade e o prédio um casarão de grande porte, justamente para atrair a atenção dos pais de família e incentivá-los a matricular suas filhas lá, para exercer uma determinada concorrência com a escola da capital, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, e assim, convencer a sociedade de que, na região ribeirinha do baixo São Francisco, suas filhas teriam o mesmo rigor e a mesma qualidade da instituição que funcionava em Aracaju.

A escola gratuita para meninas não dispunha de tamanha suntuosidade, mas, representava uma oportunidade para aquelas que gostariam de estudar e não dispunham de recursos financeiros para pagar.



FOTO 16: Fachada da Escola Gratuita de Santos Antônio.
FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças.
AUTORIA: Desconhecida

A Escola Gratuita de Santo Antônio mantinha o curso primário, oferecendo, aproximadamente, 50 vagas às crianças com faixa etária de 9 a 15 anos, e que necessitavam de seus serviços. Funcionava em um prédio nos fundos do Colégio Nossa Senhora das Graças

e recebia alunas apenas em regime de externato. Ensinava-se, além das disciplinas básicas no momento: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências Naturais, Práticas de Trabalhos Domésticos e de Trabalhos Manuais.

O Inspetor de Ensino Ascelino Argollo, visitou no dia 07 de junho do ano de 1919, a escola gratuita para o sexo feminino de Propriá, tendo constatado e prescrito em seu relatório que os livros regulamentares da instituição estavam bem escriturados. Neste ano de 1919, foi constatado, no Livro de Registro e Mapas das Escolas Particulares⁸⁶, que a escola contava com uma matrícula de 50 crianças; porém, apesar da frequência média ser de 42 alunas, no dia da visita somente 11 alunas estavam em sala de aula, por motivo de ser dia de feira na cidade.

Também no relatório de visita, o inspetor ressalta o fato de que, tendo assistido aos exercícios escolares, teve a impressão de que os esforços da diretora e a inteligência da professora, bem como o seu desempenho e dedicação, correspondem ao adiantamento de suas discípulas.⁸⁷

O método de ensino adotado, ao que tudo indica, aproximava-se da moderna orientação pedagógica. Além de outras, o inspetor destaca a utilização da “Calligraphia Vertical” e da Geographia” e ainda, a “Lição de Coisas”, todas ensinadas com a utilização do quadro negro. Faz alusão a necessidade de um relógio, de mapas geográficos, sólidos geométricos, bem como outros objetos escolares que viessem ajudar no desempenho das aulas. O mobiliário era composto de quatorze carteiras americanas e um quadro negro. A sala, na qual funcionava a escola, na versão do inspetor, preenchia as condições reclamadas pela higiene: ampla, arejada e muito asseada.

Apesar do Colégio Nossa Senhora das Graças confirmar a existência da Escola Gratuita de Santo Antônio em alguns relatórios e poucos documentos detectados no Arquivo Público do Estado de Sergipe, os membros da Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição não falam sobre o mesmo. O silenciamento, sobre a instituição, estende-se para outros órgãos oficiais do Estado, a ponto de não ser detectado nenhum regimento, grade curricular, estatuto, ou até mesmo fichas de matrículas das alunas. Muitos confundem esta escola com o Colégio Cenecista Santo Antônio, que foi fundado bem depois. Apenas uma depoente confirma ter ouvido falar sobre esta escola, uma vez que a sua mãe foi aluna, não

⁸⁶ O motivo da escola estar no Livro de Registro e Mapas das Escolas Particulares se deve, provavelmente, ao fato de estar vinculada, diretamente, ao Colégio das Freiras.

⁸⁷ Termo de Visita, APES, E⁶ 1179.

oferecendo informações detalhadas, deixando uma verdadeira lacuna, tanto para os 91 anos da presença das Hospitaleiras, em terras propriaenses, dedicando-se à instrução, como para a historiografia educacional sergipana.

III – O COTIDIANO NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

3.1 – O dia-a-dia na Escola

O dia de atividades no Colégio Nossa Senhora das Graças, para as internas, começava muito cedo com a distribuição de funções. Contudo, as atividades de cada grupo, dentro da instituição, eram diferenciadas. Enquanto umas iam estudar, outras cuidavam dos afazeres domésticos, mas, o certo é que todas as ex – alunas sentem muito orgulho da escola e relembram, com entusiasmo, os momentos vividos no colégio. Todas as alunas falam de um período muito válido, de muito aprendizado e das oportunidades que foram oferecidas a elas após a saírem da escola. Era motivo de *status* social ter sido aluna do Colégio Nossa Senhora das Graças, não apenas por ser uma escola privada, mas, sobretudo, pelo respeito que as irmãs conquistaram da sociedade.

As alunas internas levantavam às 6:00 horas da manhã e logo se reuniam para rezar. Depois, as tarefas eram distribuídas pela Irmã Prefeita.⁸⁸ O grupo era dividido da seguinte forma: algumas alunas ajudavam na limpeza do refeitório, outras limpavam as salas de aula e, um outro grupo de alunas ia ajudar na cozinha. Estas atividades duravam até as 7:30 horas, quando as internas tomavam banho, vestiam o uniforme, tomavam café e iam assistir aula, no período que durava das 8:00 até as 12:00 horas, quando, então, preparavam-se para almoçar.

Logo após o almoço, as alunas retomavam as atividades domésticas até as 14:00 horas. Participavam das aulas de reforço, as chamadas bancas, que duravam até as 17:00 horas. Nesse momento, preparavam-se para o jantar e tinham que, posteriormente, arrumar o refeitório. Somente após o jantar, tinham alguns momentos de recreação e conversavam, tocavam violão, brincavam. Às 21:00 horas, recebiam a ordem para se recolher, era hora de dormir, o que deveria acontecer sem reclamações ou conversas paralelas no dormitório. A fiscalização exercida durante todo o dia era mantida no dormitório. Durante as horas em que estavam dormindo, as alunas do Colégio Nossa Senhora das Graças tinham a companhia de

⁸⁸ Irmã responsável pela distribuição e pela fiscalização das tarefas domésticas executadas na escola.

uma das Irmãs, que também dormia no quarto com elas. Para garantir a privacidade das freiras, as mesmas ocupavam um espaço, no quarto, que era separado por divisórias de madeira.

Sobretudo, algumas entrevistadas revelam que essas atividades não eram exercidas por todas as internas de maneira unificada e igualitária. Citam que existiam algumas diferenças entre as que possuíam melhores condições financeiras e as desprovidas dessas condições. Enquanto umas limpavam, cozinhavam, lavavam, passavam, outras aproveitavam todos os momentos para estudar, para ler e para fazer aulas de reforço, catecismo e outras atividades.⁸⁹

No horário das aulas, as alunas exerciam atos de civismo, executando o Hino Nacional, todos os dias, sempre enfileiradas, antes de entrar na sala de aula, o que era seguido por orações. Mas, era o recreio o momento mais divertido, uma vez que as meninas desfrutavam do espaço livre que a escola possuía. Gostavam de ficar no pátio, que era rodeado por muitas árvores e lá, enquanto umas brincavam de roda, pulavam corda, jogavam amarelinha, peteca ou corriam, outras aproveitavam o tempo livre para cantar, tocar violão ou, simplesmente, conversar. Mas, mesmo assim, os períodos que antecediam às férias eram os mais empolgantes, porque as alunas internas começavam a fazer as malas para visitar os familiares.

Era a hora de rever os parentes, de receber o carinho e a atenção dos pais, os cuidados com a alimentação, a liberdade: mas, sem descuidar da disciplina, da ordem e da religião.

⁸⁹ PRUDENTE, Socorro Souza. Entrevista concedida à autora, no dia 02 de agosto de 2006.



FOTO 17: Pátio do Colégio Nossa Senhora das Graças. FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida

Os passeios também eram muito apreciados pelas internas. Eles aconteciam sempre na companhia de alguma religiosa, seja para o cinema, na seção vespertina ou, para o espetáculo de circo. Quando existiam, a oportunidade era aproveitada pelas alunas com muito entusiasmo.

As refeições, oferecidas no Colégio Nossa Senhora das Graças, eram de boa qualidade. No cardápio básico era incluído: arroz, feijão, carnes, verduras e legumes no almoço; cuscuz, pães, bolos, macaxeira e abóbora no café e no jantar. Porém, as freiras faziam suas refeições em um refeitório separado das meninas, não sendo revelado se comiam ou não o mesmo cardápio de suas alunas. Mas, algumas alunas internas demoravam um pouco para se habituar com a alimentação que era servida na escola, uma vez que, em suas residências, sob o cuidado de seus pais, comiam apenas aquilo que gostavam e desejavam e, no colégio, tinham que comer o que era servido sem reclamações ou desperdícios.

Outras atividades desenvolvidas pelas alunas internas no Colégio Nossa Senhora das Graças eram, além dos trabalhos domésticos, das brincadeiras e das aulas, as atividades de

trabalhos manuais, com a produção de peças em bordado, ponto cheio, vagonite, ponto cruz, flores artificiais, desenho, pintura, canto ofeônico e prática do piano, violão, violino e bandolim, além de teatro e dança, sem esquecer das aulas de educação física. Para cada uma destas atividades, existia um dia e um horário específico, determinado, tudo monitorado e rigorosamente controlado pelas irmãs professoras.

O fardamento era fiscalizado diariamente e era composto de saia plissada, com tamanho definido sempre abaixo do joelho, camisa branca com mangas, gravata azul com o escudo da escola gravado, sapatos pretos e meias brancas. Tudo deveria estar sempre muito limpo e extremamente engomados. Esse cuidado com a higiene era, também, rigorosamente controlado pelas irmãs, não se admitiam meias sujas, blusas amassadas e amareladas e saias sem o maior rigor na forma. Os cabelos muito bem lavados e penteados e as unhas sempre cortadas também eram exigências fundamentais que deveriam ser obedecidas pelas alunas.



FOTO 18: Farda de gala do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1944. FONTE: Acervo particular de Rejane Valente. AUTORIA: Desconhecida

No Colégio Nossa das Graças, para as alunas internas, era exigido um enxoval composto de lençóis, que deveriam ser brancos para forrar e para cobrir, toalhas de banho e de rosto, pijamas, porque não era aconselhada a utilização de camisolas, e, para tanto, as irmãs justificavam que, quando dormiam, as alunas poderiam se decompor, expondo o corpo para as outras.⁹⁰ Todo o enxoval era personalizado. Os pertences de cada aluna era identificado pelas iniciais do nome, que deveriam ser bordadas nas peças, uma outra forma de aplicar, também, as práticas de bordado ou pintura que aprendiam.

Em todas as atividades diárias desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora das Graças, a vigilância das irmãs era constante. A Madre Superiora, geralmente diretora da instituição, era o maior símbolo desse poder controlador. E, nesse ambiente rodeado de normas, vigilância e disciplinamento controlador eram deveres das alunas:

1 - Aplicar a máxima diligência no aproveitamento do ensino ministrado, freqüentando, com pontualidade, as aulas e todos os atos escolares e executando os trabalhos e exercícios que lhes forem prescritos.

2 - Tratar com urbanidade as colegas e funcionários e com urbanidade e respeito os professores e as autoridades escolares.

3 - Pautar seus procedimentos pelas normas da moral e boa educação, evitando discussões e gritarias no estabelecimento e em suas imediações.

4 - Cuidar, com assiduidade, de todos os seus objetos pessoais e zelar pelas instalações e equipamentos da instituição.

E eram consideradas faltas graves:

1 - Ocupar-se, durante as aulas, de coisas estranhas a elas.

2 - Deixar de observar as determinações da Diretoria, dos professores e dos funcionários, relativas à ordem interna do estabelecimento.

3 - Praticar atos que, de qualquer forma, prejudiquem o serviço, sejam contrários aos bons costumes ou excedam os limites da boa educação.⁹¹

Para Michel Foucault, os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear, cujos momentos se integram uns aos outros, e que se orientam para um ponto terminal e estável.⁹² Esse disciplinamento se estendia, inclusive, para as leituras executadas diariamente pelas alunas.

⁹⁰ PRUDENTE, Socorro Souza. Entrevista concedida a autora no dia 02 de agosto de 2006.

⁹¹ Caderneta Escolar do Ginásio Nossa Senhora das Graças, 1948.

⁹² Cf. FOUCAULT, Michel de. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Prtrópolis: Vozes. 2005.

Os hábitos de leitura eram incentivados e monitorados de forma muito intensa pelas religiosas. A leitura deveria, manter a mente ocupada, evitando que idéias consideradas ofensivas aos padrões morais do catolicismo viessem a ocupar o pensamento das moças e, nesse sentido, muitos clássicos da literatura eram proibidos às alunas, que, necessariamente, tinham que ser preservadas e educadas na fé e na moral cristã.

O livro deveria cumprir, portanto, o papel de fixador dos valores morais, não apenas pela mensagem presente no conteúdo do seu texto, mas também, pelas formas de uso que eram dadas, pelas alunas, a ele.⁹³

Os tabus em torno da sexualidade humana eram inúmeros, sendo que a formação moral das moças subordinava-se a padrões que não admitiam o conhecimento a respeito do próprio corpo. Mas, as depoentes revelam que muitos tabus criados na família foram quebrados na escola.

Minha mãe não deixava lavar o cabelo quando eu estava menstruada. Dizia que fazia mal. Quando fui estudar no Colégio das Freiras aqui, em Propriá, as irmãs ensinaram que a gente devia ter ainda mais cautela com a higiene quando estávamos nesse período. Mandavam tomar banho toda hora e aconselhavam lavar os cabelos. Foi um choque pra mim mas, me acostumei.⁹⁴

No Colégio Nossa Senhora das Graças, as alunas formavam grupos de amizade. As relações eram centradas no companheirismo, o que era, segundo as ex-alunas, essencial na manutenção do convívio escolar, possibilitando o surgimento de amizades duradouras. Porém, muitos depoimentos revelam que entre as internas havia um clima de competitividade. Fala-se em privilégios e preferências por parte das irmãs, em relação a algumas alunas que detinham poder econômico. Mas, no geral, todas as alunas ratificam o enorme respeito para com as freiras, bem como a gratidão pelos ensinamentos morais e intelectuais que receberam durante o tempo que permaneceram na instituição. Tempo este que se tornou crucial na vida de cada uma, repercutindo na vida pessoal e profissional.

O regulamento do Colégio Nossa Senhora das Graças, que era aplicado às alunas internas, não permitia, sob nenhum pretexto, que estas recebessem visitas sem a autorização, por escrito de seus pais. Mesmo assim, se essa visita fosse um rapaz, nem com a autorização dos pais era permitido. Isso denota um grande zelo pela integridade física e moral das

⁹³ Cf. COSTA, Rosemeire Marcedo. op. cit., p. 76.

⁹⁴ PRUDENNTE, Socorro Souza. Entrevista concedida à autora, no dia 02 de agosto de 2006.

meninas e moças. Elas deveriam ser preservadas como moças de família e, além disso, ter bons hábitos, ser obediente e aprender a desempenhar bem os afazeres domésticos.

3.2 – As Instalações

A inauguração do Colégio Nossa Senhora das Graças aconteceu no dia 15 de janeiro de 1915, pouco tempo depois da visita do Cônego Antônio dos Santos Cabral, à cidade alagoana de Penedo, para pedir às Irmãs da Congregação Hospitaleira Portuguesa da Imaculada Conceição que instalassem, em sua terra natal, um colégio para meninas. Na programação para a inauguração, foi constatado que houve a celebração de missa e bênção do prédio, o que contou, também, com a apresentação da banda de música e discursos exaltados de muitos políticos e pessoas influentes da sociedade.⁹⁵

Para a realização do projeto, o Cônego Antônio dos Santos Cabral contou com o apoio de muitas pessoas influentes, econômica e politicamente, em Propriá e região. Alguns destes, pais de família, que desejavam oferecer a suas filhas uma educação com a mesma qualidade encontrada nos centros maiores e com o mesmo padrão moral, controlado de perto pela igreja católica, através das congregações religiosas que vieram, para o Brasil, instruir as pessoas.

Ao lado do atual prédio do Colégio Nossa Senhora das Graças, existia o “casarão dos morcegos”, que recebeu este nome por ser um espaço antigo e que se encontrava abandonado. Construído, aproximadamente, quarenta anos antes da instituição, como não houve tempo hábil entre o pedido do Cônego Cabral e a efetivação da instalação do colégio, foi nessa casa antiga que se inaugurou, logo no início de 1915, o Colégio das Freiras de Propriá.

⁹⁵ Acervo particular da instituição. 1915.



FOTO 19: Fachada do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1954. FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida

Não se sabe, ao certo, como fora adquirido oficialmente, o prédio do colégio pela Congregação, mas, alguns poucos registros, encontrados na escola, revelam que na visita da Delegada Geral, em fins de janeiro de 1937, foi executada a compra do colégio, por 40.000\$000 a então Diocese de Aracaju. Porém, os membros da Congregação, por motivos alheios ao meu conhecimento, negam-se a oferecer maiores esclarecimentos sobre o fato.

O suntuoso casarão continha um pavimento térreo e um pavimento superior, na sua parte frontal. O conjunto tinha a forma de um “L” invertido, encontrava-se localizado no ponto mais alto da cidade, dispondo de uma situação privilegiada no que se refere às condições de arejamento e higiene, condições exigidas para o funcionamento de uma instituição de ensino.

Acabar com vícios e cultivar hábitos saudáveis desde a infância. Modelar a sociedade com atitudes higiênicas, com o fito de privá-la de doenças. Aí estão algumas das tarefas que a escola primária do Brasil [...] teve a desempenhar

[...] a escola [...] foi concebida como cenário privilegiado de um conjunto de práticas voltadas para o disciplinamento da infância.⁹⁶

Nas proximidades do Colégio Nossa Senhora das Graças, não se encontravam estabelecimentos fabris, casas comerciais, clubes, cruzamentos, ou fatores que oferecessem qualquer perigo de trânsito, justamente para oferecer comodidade, segurança e tranquilidade às irmãs e às internas.

No andar térreo, na ala direita, ficava o auditório, o refeitório, a cozinha, a dispensa; na ala esquerda, as salas de aula, as salas especiais e uma escada que dava acesso ao andar superior. Também na ala esquerda, entrando no colégio, foi construída a capela. No andar superior estavam, de um lado, o dormitório das internas e do outro a moradia das irmãs, além das instalações higiênicas.

As salas de aula eram bem amplas e arejadas, procurando atender as exigências preliminares. Construídas atendendo à técnica moderna, dispunha, o estabelecimento, um número suficiente para o regular funcionamento das aulas. As onze salas de aula tinham piso de assoalho forrado de madeira e possuíam uma área de 48 metros quadrados, bem arejados e com boa iluminação. As paredes eram foscas, cimentadas em sua totalidade, e pintadas com creme claro. Dispunha, cada sala, de uma porta com 1,30 metros e dois basculantes. A mobília era composta por um quadro negro de madeira, apoiado em cavaletes, com dimensão aproximada de 2 metros quadrados, carteiras bipessoal, com um número que variava de 22 a 42 unidades. Além disso, a mesa e cadeira, para o professor, e o estrado, para facilitar a fiscalização das atividades na sala de aula.

A sala de aula pode ser também analisada, em sua perspectiva espacial e arquitetônica, do ponto de vista higiênico – pedagógico. A ênfase colocada - segundo as ocasiões e os lugares – em aspectos tais como a aeração, a iluminação, a insolação ou a calefação, por exemplo, bem como as mudanças de critério em relação ao contraste entre a teoria, a legalidade e a realidade ou a relação de tudo isso com o discurso médico e psicopedagógico, proporcionam material suficiente ao historiador.⁹⁷

Algumas salas recebiam a denominação de especiais, por causa do uso que se fazia das mesmas. Cada uma disponibilizava de materiais e instrumentos específicos, como a sala de trabalhos manuais, de música, o gabinete de física e química e o de história natural. Com a

⁹⁶ AZEVEDO, Crislane Barbosa. Higienismo e Educação: práticas higiênicas nos grupos escolares de Aracaju no início do século XX. In: **Cadernos UFS – História da Educação**, vol. VI – Fascículo 1. São Cristóvão: Editora da UFS, 2004, p. 88.

⁹⁷ FRAGO, Antônio Viñao e ESCOLANO, Agustín. Op. Cit., p. 132. Op.

implantação do Curso Técnico em Contabilidade na escola, no ano de 1954, instalaram também a sala de datilografia, a de mecanografia e o escritório modelo, todas equipadas para o pleno funcionamento de suas atividades. A escola também podia contar com uma sala destinada à inspetoria, uma tesouraria e uma secretaria.



FOTO 20: Refeitório do Colégio Nossa Senhora das Graças. FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida

Havia um amplo refeitório, com uma área de 80,40 metros quadrados, bem iluminado, ventilado, com piso de ladrilho, dispoendo de nove mesas esmaltadas e cadeiras individuais pra as alunas, além dos demais materiais necessários. A copa e a cozinha eram bem providas de ar e luz, dispunha, também, de piso ladrilho e suas paredes eram revestidas com azulejo até a altura de 1,50 metros. Os alimentos eram conservados em latas de alumínio e armazenados na dispensa. As roupas eram lavadas e engomadas pelas próprias alunas e guardadas em malas, dispostas individualmente nos dormitórios, as quais eram rigorosamente fiscalizadas pelas

irmãs para constatar se as alunas não misturavam roupas sujas com roupas limpas comprometendo a higiene.

O abastecimento de água era feito do rio São Francisco, por meio de animais. Por isso, não haviam bebedouros instalados, devido à falta de água canalizada; mas, existiam alguns filtros para o consumo.

O pátio era um dos lugares preferidos das alunas. Lá brincavam, conversavam, tocavam violão, cantavam, passavam seus momentos de lazer e descanso, recebiam a visita de seus pais, além de executarem as práticas de educação física. Suas imensas árvores ofereciam sombra e ar puro, era um espaço livre, com alguns bancos, muito agradável para as meninas e, também, para as freiras que ali viviam.

As solenidades aconteciam em um auditório amplo, bem arejado e com boa iluminação.



FOTO 21: Apresentações Artísticas. 1938.
FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida



FOTO 22: Apresentações Artísticas. 1938.
FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida



FOTO 23: Pátio do Colégio Nossa Senhora das Graças. FONE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida

O Colégio Nossa Senhora das Graças possuía uma biblioteca com capacidade para dez leitores ao mesmo tempo, cerca de 1.247 volumes distribuídos em compêndios, dicionários, livros didáticos, científicos e literários. Possuía, ainda, duas mesas medindo 1,72 metros de comprimento por 0,80 metros de largura cada uma, dez cadeiras e três armários com prateleiras.

No Colégio também existia uma espécie de enfermaria para cuidar dos casos simples de saúde, tanto das irmãs como das internas. Esta enfermaria não possuía mecanismos mais avançados de tratamento, sendo confirmado que, no ano de 1919, uma epidemia de tifo, que assolou a cidade de Propriá, acabou vitimando uma de suas alunas, Maria Isabel Lima. Porém, esta epidemia não atingiu nenhum membro da Congregação. Em 1918, as irmãs fundaram o Hospital São Vicente de Paula, sendo que estas, também, tornaram-se enfermeiras de todo o município.

O pavimento superior do edifício abrigava os três dormitórios, tanto das freiras como das internas, que era dividido, internamente, com paredes de madeira. Em cada dormitório das alunas havia um local reservado para abrigar uma freira, que seria a responsável pela vigília das meninas, a fim de que não conversassem, evitando também, possíveis desavenças e, sobretudo, evitar qualquer tipo de fuga. Cada aluna dispunha de uma mala, para guardar as roupas de cama e banho e para guardar as roupas pessoais, além de uma cama do tipo patente ou de “campanha”, como muitas ex-alunas denominam.

[...] tinha uma parte do colégio, no dormitório, que era dividido em quartinhos de madeira bem apertadinhos, em cada quartinho ficava uma menina, tinha uma cama de campanha e uma mala. Pronto! Era o necessário para a gente.⁹⁸

Os dormitórios eram espaços muito simples, porém, bem arejados e deveriam estar extremamente limpos. Era ainda neste espaço que ficavam as instalações higiênicas: onze lavatórios, dez chuveiros, um bidê e dois water – closets. Todas as instalações higiênicas encontravam-se em bom estado de conservação e condições necessárias de utilização.

A capela do Colégio Nossa Senhora das Graças foi construída em anexo ao prédio principal e, no decorrer do tempo, foi restaurada e modernizada para bem atender, tanto a comunidade escolar como a sociedade no geral. A Capela de Nossa Senhora das Graças se transformou em um templo de grandes comemorações religiosas de Propriá, onde a elite celebra seus casamentos, aniversários e missas festivas importantes na comunidade.



FOTO 24: Construção da Capela de Nossa Senhora das Graças. 1950. FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida

⁹⁸ Cf. PRUDENTE, Socorro Souza. Entrevista concedida à autora, no dia 02 de agosto de 2006.

O material disponibilizado para a pesquisa, mesmo insuficiente, foi necessário para reconstruir uns poucos espaços do Colégio e, dessa forma, demonstrar a estrutura física da escola, ao longo desses noventa e um anos de funcionamento, como a mais importante instituição de ensino do baixo São Francisco.

3.3 – O Currículo

O currículo representa a prescrição legal de organização das matérias e das disciplinas a serem trabalhadas pela instituição escolar, levando em consideração os conteúdos e as formas avaliativas.

Também, a legislação escolar usualmente emprega a palavra currículo para designar um conjunto de disciplinas a ser desenvolvido em um dado curso [...]. Cabe ponderar que a intensidade da normatização dos currículos, nos diferentes períodos da história da educação, foi diferenciada, indo desde o simples elenco de disciplinas que comporiam as grades curriculares ou planos de estudos dos diferentes cursos, além de abordar, em alguns momentos, aspectos didáticos e metodológicos do currículo.⁹⁹

Os conteúdos ensinados no Colégio Nossa Senhora das Graças foram exaltados, no depoimento das ex-alunas, com a mesma amplitude que se fazia em relação à escola no geral. A mesma era tida como de excelente qualidade. O curso primário era tão elevado que equivalia ao ginásio de hoje, nos disse uma aluna. Além do padrão disciplinar, lembrado por todas e considerado muito importante e necessário.

A proposta educacional aplicada no Colégio das Freiras de Propriá procurava oferecer um ensino voltado para a formação integral, pautado no desenvolvimento de comportamentos e habilidades. Todas as alunas recebiam uma formação científica e religiosa pautada em conteúdos e técnicas capazes de influenciar tanto o corpo como a mente, através do estudo das disciplinas da “base comum” e da prática de música, teatro e da dança. A instrução não era mais importante do que a exigência de um padrão moral e religioso, pois o objetivo principal do Colégio era a formação integral. Ensinava-se a costurar, cozinhar, bordar e a se relacionar.

⁹⁹ Cf. ZOTTI, Solange A. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil**: dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores associados, Brasília: Plano, 2004. p.02.

Em relação às disciplinas estudadas no Colégio Nossa senhora das Graças, os documentos consultados só comprovam a grade curricular aplicada na década de 1960, uma vez que a Inspeção Escolar do Estado, órgão responsável pela avaliação e aprovação do mesmo, não dispõe de dados anteriores.

Para o ensino primário, a grade curricular compunha-se de aulas de Comunicação e Expressão, Educação Artística, Educação Física, Integração Social, Iniciação às Ciências, Matemática, Educação Religiosa, além de Trabalhos Manuais, Música, Teatro e Dança. No ensino ginásial, as disciplinas eram Língua Portuguesa, Língua Estrangeira (Inglês e Francês), Educação Artística, Educação Física, História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira, Ciências Físicas e Biológicas, Matemática, Programa de Saúde, Educação Religiosa, Artes Industriais e aqui vale complementar que se referiam a confecção de peças em bordados diversos, pintura e confecção de flores artificiais, além da disciplina Educação para o Lar e as aulas práticas de Piano, Bandolim, Violão, Dança, Teatro e Interpretação.

O Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Graças oferecia uma estrutura curricular diferenciada daquela oferecida no Curso Técnico em Contabilidade. As alunas do Curso Técnico em Contabilidade recebiam aulas de Língua Portuguesa, Língua estrangeira (Inglês e Francês), Matemática, Elementos de Economia, Contabilidade Geral, Contabilidade Comercial, Contabilidade Industrial, Contabilidade Bancária, Contabilidade Pública, Mecanografia, Física, Química, Biologia, Organização e Técnica Comercial, Prática Jurídica e Comercial, Elementos de Estatística, Geografia Humana e do Brasil, OSPB e História Administrativa, distribuídas em três séries da seguinte forma:

QUADRO V
DISTRIBUIÇÃO CURRICULAR POR SÉRIE DO CURSO TÉCNICO EM
CONTABILIDADE DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1954

MATÉRIAS	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE
Língua Portuguesa	X	X	X
Inglês	X	X	X
Francês		X	X
Matemática	X	X	X
Elementos de Economia	X		
Contabilidade Geral	X		
Contabilidade Comercial		X	
Contabilidade Industrial			X
Contabilidade Bancária			X
Contabilidade Pública			X
Mecanografia	X		
Física	X		
Química	X		
Biologia		X	
Organização e Técnica Comercial		X	
Prática Jurídica e Comercial		X	X
Elementos de Estatística			X
Geografia Humana e do Brasil			X
História Administrativa do Brasil			X

Fonte: Livro de Atas das provas orais do Curso Técnico em Contabilidade do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1954

As alunas do Curso Normal recebiam aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Língua Estrangeira (Inglês e Francês), Educação Artística, Educação Física, História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira (OSP), Educação Religiosa, Matemática, Física, Química, Biologia, Programa de Saúde, Redação e Expressão, Estudos Regionais, Fundamentos Bio – Psicológicos da Educação, Fundamentos Sócio – Históricos e Filosóficos, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau, Didática da Comunicação e Expressão, Didática dos Estudos Sociais, Didática das Ciências Físicas e Biológicas, Didática da Matemática, Medidas Educacionais, Estágio Supervisionado além de Trabalhos Manuais, Educação para o Lar, Música, Canto, Pintura e Teatro.

QUADRO VI
GRADE CURRICULAR DO ENSINO DE 2º GRAU – HABILITAÇÃO PARA O
MAGISTÉRIO DE 1º GRAU DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS 1968

MATÉRIAS	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE
Língua Portuguesa	03 aulas	03 aulas	03 aulas	02 aulas
Literatura Brasileira	02 aulas			
Educação Artística	02 aulas			
Educação Física	02 aulas	02 aulas	02 aulas	02 aulas
História	03 aulas			
Geografia	03 aulas			
Educação Moral e Cívica	01 aula			
Organização Social e Política Brasileira		01 aula		
Matemática	03 aulas	03 aulas	02 aulas	
Física	02 aulas			
Química	02 aulas			
Biologia	02 aulas			
Programa de Saúde	01 aula			
Redação e Expressão			02 aulas	03 aulas
Inglês	02 aulas			
Francês		02 aulas	02 aulas	
Estudos Regionais		02 aulas		
Fundamentos Bio - Psicológicos da Educação		02 aulas	03 aulas	03 aulas
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau		03 aulas		03 aulas
Estatística Educacional			02 aulas	
Didática Geral		02 aulas		
Didática da Comunicação e Expressão		03 aulas		04 aulas
Didática dos Estudos Sociais		02 aulas		
Didática das Ciências Físicas e Biológicas			02 aulas	
Didática da Matemática			03 aulas	
Medidas Educacionais			02 aulas	
Estágio Supervisionado			04 aulas	02 aulas
Educação para o Lar	01 aula	01 aula	01 aula	01 aula
Canto Ofeônico	01 aula	01 aula	01 aula	01 aula
Ed. Religiosa	01 aula	01 aula	01 aula	01 aula
Trabalhos Manuais	01 aula	01 aula	01 aula	01 aula
Música	01 aula	01 aula	01 aula	01 aula
Pintura	01 aula	01 aula	01 aula	01 aula
Teatro	01 aula	01 aula	01 aula	01 aula

Além destes cursos, as alunas do Colégio Nossa Senhora das Graças participavam dos “Cursos Extraordinários”, como o Curso de Promoção Humana, o Curso de Ortografia, o Curso de Educação Física, o Curso de Religião, a Jornada Bíblica, que contava com a participação de alunas de outras instituições de ensino que ofereciam os mesmos padrões do Colégio das Freiras de Propriá; e o Seminário de Artes, realizado todos os anos, no qual as alunas expunham trabalhos confeccionados durante todo o ano letivo.

O processo de avaliação consistia de provas orais e escritas. Os exames, para se passar de uma série à outra, eram feitos no próprio Colégio e sob a avaliação de uma banca examinadora, composta por professores, tanto da instituição como convidados, que era acompanhada pelo Inspetor Federal e pela Diretora da instituição.

Dentre as atividades curriculares desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora das Graças, estavam as atividades artísticas: música, literatura, artes cênicas, artes plásticas e atividades de produção artesanal. O currículo continha disciplinas voltadas para o desenvolvimento de diferentes habilidades, aguçando o talento das alunas, através das prendas domésticas, dos bordados diversos, piano, bandolim, violino e desenho linear.

Durante todo o ano letivo, as alunas participavam de eventos nos quais podiam exibir as habilidades e talentos desenvolvidos. Sempre no mês de agosto, as alunas executavam o “Festival de Arte”, que era noticiado na imprensa, com o intuito de atrair a comunidade e expor todos os dotes das meninas. Além dos recitais de poesia, o teatro também estava presente na instituição de ensino, principalmente nas solenidades religiosas.

O Colégio Nossa Senhora das Graças não negligenciava a formação que se propunha a ministrar. Possuía, dentro de seus muros, condições de dar às jovens a educação, a formação e informação que a sociedade exigia para o sexo feminino. Lá, elas podiam aprender a ler, a escrever, a falar uma ou mais línguas estrangeiras, a tocar piano, a cantar, a pintar, a costurar, a bordar, dentre outras atividades.

3. – As Festas

No Colégio Nossa Senhora das Graças as comemorações festivas consistiam em algumas datas ligadas ao calendário religioso e ao calendário cívico, bem como aos momentos de encenações de peças teatrais, de exposições dos trabalhos manuais confeccionados pelas alunas e, ainda, das formaturas, dos aniversários da instituição, das irmãs e das próprias internas. Para as ex-alunas, essas festas possuíam *status* diferentes. Porém, todas eram de extrema relevância e muito esperadas por todos.

Atendendo a que as festas escolares têm por fim interessar o povo na educação da infância e despertar o estímulo e a emulação entre os alunos, os inspetores deverão dar a maior solenidade possível a tais festas e procurar associar a esses atos as autoridades, as famílias, e as pessoas gradas de cada localidade de seu distrito.¹⁰⁰

Nas festas religiosas, organizadas pelo Colégio, aconteciam procissões e missas solenes. Ano a ano, a escola comemorava todo o mês de maio em homenagem à Virgem Maria. No último dia do mês, acontecia uma missa, na qual participavam as alunas e suas famílias, feita à Coroação de Maria. As alunas eram trajadas de anjos e, uma delas, escolhida para representar a Mãe e Jesus na solenidade, o que era motivo de muito orgulho. Também no mês de maio, acontecia, por parte das alunas, a encenação do momento em que a Virgem Maria confia à Catarina a grande missão: difundir a Medalha Milagrosa para fazer o mundo voltar a Seu Divino Filho. Esse ato era assistido com muita emoção e representado com muito entusiasmo. A páscoa também era um acontecimento extremamente importante para os membros do Colégio das Freiras de Propriá.

¹⁰⁰ Cf. SOUZA, Rosa Fátima de. op. cit., p. 243.



FOTO 25: Desfile Cívico. 1960. FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças.
AUTORIA: Desconhecida

Os desfiles cívicos aconteciam em datas comemorativas como a Independência do Brasil, no sete de setembro; no dia da árvore, que também era comemorado com muita relevância e no aniversário da instituição. No sete de setembro, as alunas empolgadas exibiam seu fardamento de gala e os pais orgulhosos lotavam as praças e avenidas para aplaudir suas filhas, pois, como já foi destacado anteriormente, era motivo de muito orgulho para as famílias ribeirinhas ter uma filha estudando no Colégio Nossa Senhora das Graças¹⁰¹. Na ocasião das comemorações cívicas eram grandes os cuidados, principalmente com os uniformes que deveriam estar impecáveis. As saias plissadas deveriam estar todas rigorosamente na mesma altura, as blusas extremamente brancas e engomadas. As irmãs verificavam tudo de perto porque o Colégio prezava sempre pela organização.

No dia da árvore, as alunas plantava, cantavam e promoviam recitais. Era um momento muito importante para todos afirma, Socorro Prudente, ex-aluna interna da instituição.

¹⁰¹ VIEIRA, Zenaide. Entrevista concedida a autora em 02 de novembro de 2005.



FOTO 26: Desfile cívico. 1960.
FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida



FOTO 27: Desfile cívico. 1960.
FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida

Outro evento da maior importância para o Colégio era o aniversário do mesmo. Esse momento, de muita alegria para as irmãs e as alunas, era compartilhado com as famílias e a comunidade em geral. Também, outras comunidades escolares, principalmente aquelas que eram dirigidas pela mesma congregação, participavam. Eram alunas vindas dos colégios de Aracaju, Estância, Penedo, Arapiraca, além de representação de Salvador, sede da Congregação.

Na programação alusiva ao aniversário da instituição, que se estendia por vários dias, as alunas apresentavam: peças teatrais; recitavam poesias; a música também se fazia presente, através dos corais; desfiles cívicos pelas ruas da cidade; missa solene, envolvendo toda a comunidade, enfim, era um momento tão importante que outras escolas da cidade de Propriá determinavam feriado, dispensando suas atividades, como uma forma de homenagear o Colégio que representava um verdadeiro marco no processo educativo da região ribeirinha do baixo São Francisco. Nesse sentido, podemos destacar a atitude tomada pelo diretor do Colégio Diocesano de Propriá que, em ofício, comunicou à Madre Superiora a suspensão de suas atividades por dois dias, como presente oferecido ao Colégio das Freiras.

Festas, exposições escolares, desfiles dos batalhões infantis, exames e comemorações cívicas constituíram momentos especiais na vida da escola, pelos quais ela ganhava ainda maior visibilidade social e reforçava sentidos culturais compartilhados. Eles podiam ser vistos como práticas simbólicas que, no universo escolar, tornaram-se uma expressão do imaginário sociopolítico da República.¹⁰²

¹⁰² Cf. SOUZA, Rosa Fátima. op. cit., p. 241.

As festas de formatura eram, também, eventos de grande repercussão social. As solenidades, que contavam com atividades religiosas e festivas, eram prestigiadas por diversas autoridades. O Bispo Diocesano, o Governador do Estado, o Diretor do Departamento de Educação e o Prefeito da Cidade de Propriá eram convidados de honra. A primeira turma de normalistas foi formada na escola no ano de 1937.



FOTO 28: Aluna com beca de formatura.
1948. FONTE: Acervo do Colégio Nossa
Senhora das Graças. AUTORIA:
Desconhecida

No dia 08 de dezembro do ano de 1948, aconteceu a solenidade de formatura da 12ª turma do Curso Normal, do então Ginásio Nossa Senhora das Graças. Às sete horas, houve missa em ação de graças na capelinha do Ginásio e benção dos anéis. Às nove horas e meia, teve início a sessão solene de entrega dos diplomas, que foi presidida pelo Professor Cesário Siqueira, figura ilustre; tendo a participação do professor Gumercindo Batista, representante do Diretor do Departamento de Educação; do Cônego Afonso Chaves, paraninfo da turma e

da Irmã Superiora Maria Aldete. Na ocasião, foi lido um telegrama do Governador do Estado, felicitando as formandas e pedindo desculpas pela ausência.

As formandas prestaram o juramento de praxe, e em seguida, a Irmã Superiora entregou os diplomas. De posse dos referidos diplomas, foi concedida a palavra à oradora da turma, Maria Hildete Rocha, filha de um dos colaboradores da instituição, o Sr. José da Rocha, que, entusiasmada, pronunciou um belo discurso, tendo sido muito aplaudida. O Cônego Afonso Chaves também pronunciou belas e expressivas palavras, falando a suas afilhadas acerca da importância da profissão que iriam executar, a de professora. Posteriormente, a formanda Zoraide Nascimento pronunciou a “Página de Despedida”¹⁰³, aumentando a emoção de todos os presentes. A solenidade foi encerrada pela Madre Superiora no salão da secretaria.

QUADRO VII
FORMANDAS NO CURSO NORMAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS
GRAÇAS NOS ANOS DE 1948 – 1950

Turma de 1948	Turma de 1950
Maria Betibha Alves	Deusdete Góis
Maria Celuta Gomes de Freitas	Dulce Santana Barreto
Maria das Dores Campos	Ibéria Guimarães Lima
Maria Hildete Rocha (Oradora)	Ivelina Bancillon
Maria Terezinha Menezes	Juraci Oliveira
Olindina Santos	Lígia Soares Campos
Zoraide Nascimento	Margarida Maria Velozo
	Maria Neide Silva
	Maria Norma da Mota Guimarães
	Maria da Conceição Dantas
	Maria Elizabete Bezerra Moura
	Maria Carmem Souza
	Maria Morais de Castro (oradora)
	Petronila Oliveira Almeida
	Rosa Cecília Figueiredo
	Terezinha Aguiar Barros
	Terezinha Cotias de Andrade
	Zélia Santos

FONTE: Livro de Atas do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1948 – 1962

Na primeira parte da programação da solenidade de formatura desta turma de 1950, houve uma missa cantada, proferida pelo Padre Luciano Duarte. À noite, no Cine-Teatro

¹⁰³ Página de Despedida era um poema escrito pelas irmãs e que representava os momentos vividos pelas alunas no colégio.

Propriá, gentilmente cedido pelo seu gerente, o Sr. Narbal Sampaio, realizou-se a entrega dos anéis e dos diplomas. Logo após, a oradora da turma, Maria Morais de Castro, fez uso da palavra. Em seguida, discursou D. Juvêncio de Britto, propriaense que ora exercia o cargo de Bispo de Garanhuns/PE, paraninfo da turma. Prosseguindo a solenidade, o Rev.^{mo} Padre José Soares leu o juramento e prosseguiu com a colação de grau. Alunas do Ginásio Imaculada Conceição, de Penedo/Al, também estiveram presentes.

Na noite do dia seguinte, as alunas participaram, no salão da Sociedade recreativa Cavalheiros da Noite, do Baile das Formandas, que se prolongou até a madrugada e teve uma participação especialmente escolhida pelas irmãs¹⁰⁴. Como podemos perceber, as festas de formatura do Colégio Nossa Senhora das Graças eram um eventos da maior relevância para a sociedade local e representavam uma oportunidade de cooperação dessa mesma sociedade com as irmãs franciscanas.

As freiras organizavam, também, outros eventos festivos na instituição, para cumprir determinadas obrigações sociais. Foi realizado, nos dias um, dois, três e quatro de novembro do ano de 1945, uma exposição dos trabalhos manuais executados pelas alunas durante todo o ano letivo, evento que contou com a participação da comunidade local.

Já no ano de 1946, mais precisamente no dia 25 de agosto, realizou-se no Educandário Nossa Senhora das Graças, um festival em benefício das obras de equiparação a ginásio. Todos os jornais propagaram e noticiaram o evento, que teve grande repercussão social, tendo estado presente representantes da mais alta sociedade propriaense e de todas as classes profissionais.

A programação contou com o seguinte:

I – Meu Brasil. 2 vozes a seco. Ambientado por Vila-Lobos.

II – A Quinta da Camélia. Comédia.

III – Coro ofeônico, obedecendo a seguinte ordem:

- a) A Jangada, com arranjos de Vila-Lobos;
- b) Canção do Pescador Brasileiro, também com arranjos de Vila-Lobos;
- c) Noturno das Folhas Scitas;
- d) Nigru – Ninnas;
- e) A Voz dos Sinais.

IV – A Visita do Inspetor. Comédia.

¹⁰⁴ Cf. Jornal **Correio de Propriá**. 16 de dezembro de 1948, p. 03.

V – Gabriela. Marcha.

VI – Meu Sapinho. Cantiga.

VII – Negro samba.

VIII – Remar – Remar.

IX – Minueto de Beethoven. Coro ofeônico acompanhando.

X – Lês Cantos d’ Haffman. Coro ofeônico acompanhando¹⁰⁵.

Os acompanhamentos foram executados pela pianista Maria Odete Silva, dirigente do coro ofeônico do “Educandário Nossa senhora das Graças”. D. Odete, diplomada pelo Conservatório de Música da Bahia, era uma personalidade muito admirada.

A participação política das alunas resumia-se à participação delas nos eventos cívicos, porque, outros discursos eram alheios às mulheres. Algumas afirmam que quando adquiriam a maior idade até votavam, mas não se envolviam com política, “não era permitido”.

3.5 – As Práticas Religiosas na Escola

A religiosidade era o ponto de destaque do Colégio Nossa Senhora das Graças, que desde a sua implantação teve como objetivo a formação cristã feminina. Diariamente, as meninas eram submetidas a orações e rituais religiosos que exaltavam a devoção à Cristo, através dos respeito aos dogmas da Igreja Católica. É necessário compreender que a escola surge num período em que começava a se defender uma educação mais institucionalizada para a mulher e, nesse sentido, é importante perceber que, a partir da década de 1930, começa a aparecer a figura da “mãe – cívica”, aquela que tem consciência de que pela força de suas virtudes e qualidades estará formando física, moral e intelectualmente os defensores da pátria. Assim, as mulheres foram encarregadas da responsabilidade de inculcar esses valores, que fariam das crianças membros produtivos da sociedade¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Cf. Jornal **A Cruzada**. 11 de setembro de 1946, p. 03.

¹⁰⁶ Cf. SOUZA, Valéria Carmelita de. op. cit., p. 97.

Os colégios católicos controlados pela Igreja, através das ordens religiosas, apresentavam o melhor caminho para a mulher adquirir os padrões essenciais à formação da família.

No concernente à formação feminina, os princípios religiosos iam, pouco a pouco, criando um padrão feminino e desfazendo outros. Seguindo ainda uma linha do Concílio de Trento, empenhavam-se numa formação moralizadora, mostrando os caminhos lícitos e ilícitos que precisavam ser evitados. O estímulo à confissão e à orientação, acerca das orações que deveriam fazer diariamente, demonstram essa tendência.¹⁰⁷

As irmãs da Congregação Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição preparavam suas alunas para uma vida consagrada a Deus, incentivando-as, inclusive, a abrir mão de atividades ditas profanas e ensinando-as a viver na fé e na moral cristã.

As aulas de religião faziam parte da rotina escolar. Todos os dias as meninas eram convocadas a executar as orações diárias, na capela, como primeira atividade do dia. Vale destacar que, aquelas meninas que pertencessem a famílias não católicas, as ditas protestantes ou “crentes”, como eram popularmente chamadas, eram dispensadas destas atividades religiosas. O ensino religioso passou a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de formação moral e um mecanismo de cooptação da igreja católica como uma arma poderosa contra o liberalismo¹⁰⁸. Também no Colégio das Freiras de Propriá, as alunas estudavam o catecismo, liam e interpretavam, com a ajuda das irmãs, tanto o Evangelho como a história sagrada.

As missas, celebradas no Colégio todos os domingos, eram momentos muito disputados entre as alunas. Contudo, as novenas tinham a preferência das meninas. Toda a organização do Colégio revelava as finalidades doutrinárias cristãs. A capela e a gruta de Nossa Senhora das Graças eram espaços privilegiados para as orações e o lazer. A gruta de Nossa Senhora das Graças, erguida no pátio, era um santuário construído de pedra, com a imagem da santa, e que, ao longo do tempo, passou por muitas reformas.

Os grupos de oração faziam parte do cotidiano da escola, compondo o conjunto de práticas doutrinárias. No dia 22 de agosto do ano de 1921, foi instalado o Apostolado da Oração, pelo Monsenhor Juvêncio de Britto, então vigário de Propriá e, mais tarde Bispo de Caetité – BA. Do Apostolado da Oração, faziam parte todas as alunas que já tivessem feito a

¹⁰⁷ PASSOS, Elizete Silva. **A Educação das Virgens**: um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula. 1995, p. 246.

¹⁰⁸ Cf. Ibid., p. 96.

Primeira Comunhão. As meninas recebiam uma fita vermelha, representando o sangue de Cristo, como uma forma de identificação e deveriam usá-la em todos os atos religiosos dentro e fora da instituição, para que fossem reconhecidas oficialmente na irmandade.

Já em 04 de agosto do ano de 1922, foi instalado, exclusivamente para as alunas internas, a Pia União das Filhas de Maria, por iniciativa de Dom José da Silva, Bispo Diocesano de Aracaju. Era motivo de relevância social pertencer a esse grupo, e motivo destaque. Porém, não é possível conhecer maiores detalhes, devido à ausência de informações, tanto por parte das irmãs como por parte das ex-alunas do Colégio.

O objetivo principal dessa organização era trabalhar em prol das famílias do “Coração de Jesus”, que se reuniam sempre na primeira sexta – feira de cada mês. As Filhas de Maria, como ficaram conhecidas, receberam a missão de amar, consolar, amenizar e fazer do seu coração o exemplo das virtudes da mulher, segundo a doutrina do catolicismo.¹⁰⁹

A capela era o espaço reservado para os muitos eventos religiosos, como a primeira eucaristia, as missas em ação de graças e as missas rotineiras do domingo. O dia da bênção do Cristo da capela foi um acontecimento muito importante e mereceu destacada atenção da sociedade local, da imprensa e de diversas autoridades eclesiásticas, políticas e econômicas.



FOTO 29: Bênção do Cristo da capela do Colégio Nossa Senhora das Graças. 1954. FONTE: Acervo do Colégio Nossa Senhora das Graças. AUTORIA: Desconhecida

¹⁰⁹ Cf. COSTA, Rosemeire Marcedo. op. cit., p. 88.

O mês de maio era comemorado, integralmente, com procissões, missas, orações, tudo em homenagem à Virgem Maria. No último dia, a culminância ficava por conta da coroação de “Nossa Senhora”, com celebração de missa na qual participavam a congregação, alunas, e familiares.

Dentre os retiros espirituais que aconteciam anualmente, as alunas deveriam participar do Curso de Religião, promovido sempre no 2º semestre letivo, e também deveriam comparecer à Jornada Bíblica, realizada todos os anos de 20 a 28 de julho. Mas, era a Primeira Eucaristia das alunas a celebração religiosa mais importante promovida pela escola.

As crianças eram preparadas para receber o sacramento da comunhão logo que ingressavam no Colégio, ainda muito pequenas. Diariamente, nas aulas de religião e também nas de catecismo, as alunas eram levadas a ler trechos da Bíblia Sagrada e a refletir sobre o conteúdo, repetindo e seguindo com fé e dedicação as principais mensagens. As alunas desenvolviam a noção de pecado e conheciam as normas a serem seguidas pelos cristãos¹¹⁰. No dia da festa, a capela e o pátio da escola eram enfeitados e as famílias participavam com muito orgulho, devoção e contentamento.

3.6 – O Regimento

O Colégio Nossa Senhora das Graças está situado, desde a sua fundação até os dias atuais, à praça Tobias Barreto, nº 01, em Propriá. O estabelecimento foi fundado em 15 de janeiro de 1915 e é mantido pela Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, sociedade civil religiosa com personalidade jurídica, cujo objetivo principal é promover a educação cristã.

O regimento do Colégio apresenta, como finalidade, proporcionar a suas educandas uma formação integral, compreendendo os direitos e deveres da família, demonstrando os sentimentos de justiça e responsabilidade e revelando sentimentos cívicos e religiosos. Através desse mesmo regimento, ficava determinado que a escola seria dirigida por um

¹¹⁰ Cf., Id.

educador, qualificado membro da Entidade Mantenedora, e por ela nomeado. O diretor, ou melhor, a diretora, pois ao longo de seus noventa e um anos a escola só teve diretoras, além disso os estudos comprovam que, até o ano de 2002, somente membros da Congregação Hospitaleira da Imaculada Conceição, responderiam, perante a Lei e a Sociedade, pelo andamento moral religioso, disciplinar, escolar e administrativo do estabelecimento.

O cargo de secretária seria executado por uma pessoa habilitada e, devidamente, destinada à função. A tesouraria da escola, conforme rege o Art. 28 do Regimento Escolar, seria de responsabilidade de uma religiosa nomeada pelo Conselho Provincial da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, com sede em Salvador – Ba. Isso denota que as partes mais sérias da administração escolar, como a direção geral e a responsabilidade acerca dos recursos financeiros, ficavam extremamente, sobre a guarda dos membros da congregação.

Um outro ponto de muita relevância no Regimento Escolar é a manutenção, por parte da escola, de um serviço médico, como órgão auxiliar do departamento de Educação Física, executando, dentre outras coisas, o direito de examinar as alunas, atestar sua capacidade para a prática dos exercícios físicos e, ainda, dispensar das aulas aquelas consideradas incapacitadas, levando ao conhecimento da diretora os casos que necessitavam de assistência médica especializada. Nesta perspectiva, Vago¹¹¹ analisou a introdução dos exercícios físicos como um recurso para organizar, afirmar e instruir uma nova cultura escolar.

O processo avaliativo, também elucidado no regimento interno da instituição, terá por fim diagnosticar o rendimento escolar, em relação a conhecimentos, atitudes e habilidades, tendo em vista a promoção da aluna. Além das notas de desempenho, a escola analisava, também, a ordem, o comportamento, as boas maneiras e a organização das alunas. Os livros e cadernos deveriam estar muito bem cuidados, assim como o fardamento e os objetos pessoais. O rendimento das discentes era acompanhado pelas freiras e pelas famílias.

As notas atribuídas eram registradas pelos professores em uma caderneta individual da aluna que, periodicamente, deveria ser assinada pelos pais.

¹¹¹ Cf. VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

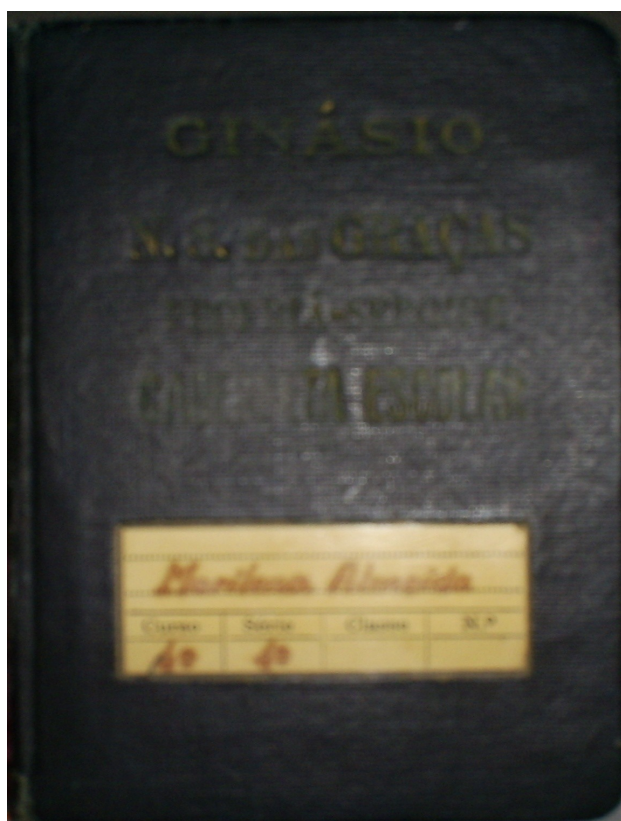


FOTO 30: Caderneta Escolar. 1948. FONTE: Acervo particular de Marilena Almeida. AUTORIA: Desconhecida

As provas eram mensais e as arguições eventuais, sem que houvesse qualquer divulgação quanto ao dia de realização dessa atividade, o que obrigava as alunas estarem sempre preparadas, evitando que estas estudassem somente no período das provas escritas. Além das provas e das arguições, eram utilizados, como mecanismos avaliativos, trabalhos de pesquisa, exercícios, trabalhos individuais e em equipes. Era levada em consideração a observação do professor, considerando, na aluna, atenção, interesse, participação em sala de aula, responsabilidade, conduta individual e grupal, pontualidade no cumprimento dos horários e tarefas, assiduidade, cooperação e iniciativa.¹¹²

As irmãs eram muito exigentes com os padrões de disciplina aplicados na escola. As imposições eram percebidas e foram observadas a partir da fala de algumas ex-alunas. Só foi possível ter acesso aos documentos regimentares referentes ao final da década de 1960 e início da década de 1970. Esta omissão de informações prejudicou, consideravelmente, o trabalho, ao passo que não nos foi possível comparar os dados obtidos e analisar as mudanças.

¹¹² Regimento Interno do Colégio Nossa Senhora das Graças, Art. 132. 1968.

3.7 – A Disciplina

A disciplina escolar constitui uma forma de exercício do poder, praticado para controlar os alunos na sua vida cotidiana e servir como base para a formação moral do indivíduo. Nas escolas confeccionais, especialmente aquelas que se dedicavam à educação feminina, a disciplina era algo que convivía, lado a lado, com as alunas, em todos os momentos do dia. E isso, de certa forma, era visto como algo muito positivo pelas ex-alunas porque impunha respeito e bons hábitos. Disciplinar esse hábitos, conduzir maneiras e aprimorar costumes era o objetivo da escola em seus primórdios.

Nesse sentido, é necessário ratificar que os princípios pedagógicos implantados pelas religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, além de determinar o respeito, contempla, também, o exemplo a ser seguido pelas meninas que estivessem sob os cuidados das freiras, meninas essas que iriam, posteriormente, assumir o controle da família, no que se refere à educação dos filhos e ao direcionamento do lar.

Conforme pode ser percebido, as religiosas acompanhavam as alunas durante as 24 horas do dia: dormiam no mesmo quarto, em ambiente separado; acordavam as meninas e as conduziam para as primeiras orações do dia; determinavam as atividades a serem executadas; conduziam-nas para o banho; fiscalizavam os momentos do refeitório, pois não se admitia qualquer tipo de baderna, reclamação ou desperdício; faziam a vigilância dentro e fora das salas de aula; acompanhavam - nas no momento do recreio; conduziam-nas para as aulas extras, as ditas “bancas”, para os poucos momentos de lazer noturnos, sempre dentro do Colégio, é claro; e, de novo para o dormitório, onde deveriam se recolher.

A disciplina no processo educacional é de grande importância, porque consiste em colocar limites, fazer proibições, indicar obrigações e garantir a obediência. Com isso, determinam os movimentos, os gestos e as atitudes. Para isso, o processo disciplinar precisa ser minucioso a ponto de inspecionar e controlar, cuidadosamente, tudo. Assim, ele exige algumas estratégias especiais, começando pela distribuição dos indivíduos nos espaços existentes, pela delimitação do tempo, pela exigência das filas, pelo controle dos hábitos e etiquetas, pelo controle do discurso e pela vigilância constante.¹¹³

¹¹³ PASSOS, Elizete. op. cit., p. 27.

O regime disciplinar do Colégio Nossa Senhora das Graças era bastante rígido, inspirado nos padrões adotados pela igreja católica. Era necessário “adestrar” as meninas para que se tornassem mulheres de bem, afirmou Socorro Prudente. Nesse sentido, faz-se necessário salientar que adestrar pode ser entendido como civilizar, a partir do discurso de Norbert Elias¹¹⁴. Civilizar se refere, à interiorização individual de dispositivos definidos *a priori* pela estrutura social. Assim, pode-se destacar que as práticas educacionais ministradas no Colégio das Freiras de Propriá funcionavam como um verdadeiro mecanismo de condicionamento social.

Vigiava-se tudo e todas para que se pudesse controlar, passo a passo, a formação intelectual, mas, principalmente, moral das alunas. Havia um rígido controle de tempo: hora certa para acordar, para fazer as refeições, executar as tarefas domésticas, para recreação, para as atividades escolares, para os trabalhos extras, para dormir, tudo sem perder de vista um só momento. Por isso, em todas as visitas executadas pela inspetoria de educação, o relógio era o instrumento mais cobrado e fiscalizado e, a escola desprovida deste instrumento era considerada inapta para as atividades, uma vez que não se podia controlar devidamente o tempo, tornando as atividades aleatórias.

Nas escolas católicas, o tempo, além de servir para ajustar os indivíduos, fazendo com que eles não tivessem possibilidades de praticar atos considerados inapropriados ou terem pensamentos maldosos e impuros, é, também, perpassado por questões místicas.¹¹⁵

As normas disciplinares, impostas no Colégio, impunham um padrão de comportamento que transformava as alunas em pessoas obedientes e estudiosas. Porém, apesar de todos os mecanismos de controle e vigilância existentes no Colégio, algumas alunas conseguiam praticar certos atos transgressores. Entre estes atos, os mais comuns consistiam em tirar frutas e legumes da horta sem a permissão da irmã responsável; conversar, contar piadas e dar risadas na hora de dormir; receber e enviar, o que acontecia geralmente por intermédio das alunas externas, bilhetes. Isso, muitas vezes, ocasionava a fuga das alunas.

Uma aluna fugiu com um cara de um circo que estava armado no fundo do Colégio. Ela tratou com o rapaz no dia em que a gente foi assistir uma sessão da tarde, acompanhadas por uma irmã, porque foi doada ao Colégio. A fuga aconteceu 2 dias depois. Acho que ela recebeu bilhetes por uma aluna externa.

¹¹⁴ Cf. ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zaverucha, 1990.

¹¹⁵ PASSOS, Elizete. op. cit., p. 273.

Só assim pode se explicar o fato, já que nós não saíamos sozinhas e nem tampouco nos comunicávamos com rapazes.¹¹⁶

No Colégio, as infrações resultavam em punições. Era freqüente uma aluna ficar em pé, na sala de aula ou no corredor, por ter cometido alguma “molecagem”; também, passar boa parte do tempo rezando na capela “para se redimir do pecado”; ser proibida de visitar, periodicamente, a casa dos pais; ficar sem brincar no recreio e na hora do lazer noturno; resolver atividades escolares.

Não era permitido usar laços de fita nos cabelos e nem brincos e batons quando as alunas estivessem fardadas, para não descaracterizar o fardamento. Porém, os convites para uma conversa com a Madre Superiora e as repreensões recebidas pelas professoras eram os piores. “Elas diziam coisas duras, às vezes falavam muito e nós nos sentimos humilhadas, algumas até batiam na cara da gente na frente das colegas. Então, ninguém queria passar por isso afirma uma depoente”.¹¹⁷

O controle sobre o comportamento das alunas passava, também, pelo relacionamento entre as meninas. Existia a formação de grupos e essa prática, ao mesmo tempo que proporcionava a aproximação entre as alunas, possibilitava o afastamento entre elas, causando desavenças, intrigas e competições. Os conflitos eram inevitáveis. Contudo, todas lembram com muito carinho da convivência no Colégio.

A maioria das ex-alunas entrevistadas vêem de maneira muito positiva, e com muita naturalidade, o regime disciplinar ao qual foram submetidas no período em que freqüentaram o Colégio Nossa Senhora das Graças, acreditando que tudo isso foi crucial na formação pessoal de cada uma delas. As punições são vistas como a execução continuada de uma tarefa semelhante àquela que fazia parte das atribuições destas na instituição: serem educadas, levando em consideração os princípios da família e os dogmas da religião.

Diante do exposto, fica evidente que, no que se refere aos princípios disciplinares, o Colégio Nossa Senhora das Graças procurou colocar em prática normas comuns em escolas desse mesmo padrão educacional. Assim, as irmãs agiram com rigor quando necessário, a fim de desviar as alunas de um caminho considerado inadequado, ou desfazer possíveis surtos de indisciplina, combatendo o processo de liberdade e emancipação feminina. Para isso, lançou mão de princípios disciplinares, com castigos de ordem moral, os quais serviam não só para

¹¹⁶ PRUDENTE, Socorro de Souza. Entrevista concedida à autora, no dia 02 de agosto de 2006.

¹¹⁷ Cf. Id.

disciplinar o espírito, passando mensagens a serem absorvidas, como também o corpo, pois serviam para criar hábitos e determinar atitudes a serem seguidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de produzir um estudo sobre a educação feminina católica em Própria-SE, através das práticas de cultura escolar de um colégio religioso, como é o caso do Colégio Nossa Senhora das Graças, é da maior importância para a História da Educação. Isso porque o estudo dessas práticas, impostas às mulheres, ainda é um tema que merece relevante atenção por parte dos pesquisadores, pois muito sobre este tema ainda deve ser analisado e, sobretudo, porque falar de instituições controladas pela Igreja Católica também representa um verdadeiro desafio a qualquer pesquisador, visto que as normas que permeiam tais instituições são rígidas.

Ao lançar o olhar sobre as práticas de cultura escolar do Colégio das Freiras de Própria, foi possível discorrer sobre procedimentos, métodos, práticas e pessoas que constituíram esse ambiente cheio de representações e disciplinamento, tomando com base os textos que discorrem sobre escolas desse mesmo nível.

O Colégio Nossa Senhora das Graças, fundado efetivamente em 15 de janeiro de 1915, mantendo os cursos primário, ginasial, normal e técnico em contabilidade; em regime de internato, externato e semi-internato, segundo a orientação confessional católica da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, para atender a educação feminina com princípios morais e cristãos de moças de família, esposas exemplares e mães dedicadas e posteriormente tendo que se adequar às exigências de cada época e se sustentar durante tanto tempo, mesmo tendo que se adequar, mudando toda a estrutura regimentar.

Com a pesquisa, foi possível perceber que durante os anos que se seguiram à fundação da instituição, Própria cresceu e se desenvolveu muito, principalmente no âmbito econômico, tornando-se o segundo maior centro comercial Estado de Sergipe, ficando atrás apenas da capital Aracaju. Ampliaram-se as possibilidades de escolarização e isso atingiu diretamente a mulher. As práticas femininas foram, também, modificando-se. Exigia-se mais. Padrões e conceitos, antes necessários, começaram a ganhar outros rumos. A mulher sai do

recesso do lar e busca a escola, não apenas para as tarefas da casa, mas para se profissionalizar, sendo o ofício de educar o mais procurado e o que oferecia maior relevância. O curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Graças representava esse status à mulher de Própria e de toda a região ribeirinha do baixo São Francisco.

Mas, além do Curso Normal, o Colégio das Freiras de Própria ofereceu, mesmo que por um curto tempo, o Curso Técnico em Contabilidade, representando uma nova oportunidade de profissionalização para a mulher do baixo São Francisco.

Por outro lado, a pesquisa trilhou caminhos até então completamente desconhecidos pela maioria das pessoas, inclusive participantes da instituição. Caminhos estes que levam à Escola Gratuita de Santos Antônio. Escola que representa a caridade, o amor ao próximo, mas, também, diz respeito à separação, à diversidade, ao preconceito. Por que uma escola para as pobres? Por que separar se os objetivos eram cristãos: solidariedade, dedicação, perseverança, amor ao próximo? Se o Colégio pregava princípios de caridade pautados no coração da Virgem Mãe? São indagações que os estudos, até o momento, não conseguiram responder.

Também foi possível levantar dados referentes às normas regimentares, às determinações disciplinares, conhecer um pouco das instalações e discorrer sobre comportamentos internos, no que se refere à convivência. Falar sobre as festas, enfatizar as celebrações religiosas e demonstrar a importância que a instituição dava aos dotes domésticos e artísticos das meninas, com as aulas de práticas domésticas, bordados, pinturas, além de piano, violão e bandolim. Mas, o certo é que a escola conseguiu, no decorrer destes 91 anos de pleno funcionamento, conquistar seu espaço de destaque, representando um verdadeiro marco no processo escolar do Estado de Sergipe.

Entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, o Colégio Nossa Senhora das Graças perdeu muitos de seus alunos, devido à abertura de escolas gratuitas de grande porte no município de Própria, o que abalou muito a manutenção do Colégio. Porém, com a ajuda da diocese e a persistência das irmãs educadoras, o Colégio conseguiu se reestruturar e retomar seu padrão, muito embora tenha tido que mudar completamente suas exigências e seus conceitos de disciplina. O internato não significava mais o melhor meio de educar as meninas e a escola foi levada a aderir ao ensino misto, tudo para continuar funcionando com êxito e não ter o mesmo destino de muitas escolas confessionais católicas femininas que fecharam suas portas.

Com esta pesquisa, ficou evidente que o Colégio Nossa Senhora das Graças representou, e ainda representa, uma das mais importantes instituições de ensino do Estado, sendo que as fontes levantadas e utilizadas denotam toda essa representatividade e importância. E, por ser um trabalho exploratório, muitos caminhos ainda se acham abertos, na expectativa que pesquisadores desejem percorrê-los.

FONTES

Jornais

A CRUZADA. 1924. “Missa Nova – Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 02 de março.

A CRUZADA. 1924. “Uma Parochia e um Parocho dignos de admiração”. Notícia publicada na edição do dia 16.

A CRUZADA. 1924. “Regulamento da instrução Pública do Estado”. Notícia publicada na edição do dia 23 de março.

A CRUZADA. 1924. “Obras das Vocações Sacerdotais”. Notícia publicada na edição do dia 13 de abril.

A CRUZADA. 1925. “Propriá em Face da Actualidade”. Notícia publicada na edição do dia 26 de abril.

A CRUZADA. 1925. “Monsenhor Juvêncio de Britto Visita a Igreja do Seminário São Francisco.” Notícia publicada na edição do dia 20 de maio.

A CRUZADA. 1945. “Eduque-se a Mulher”. Notícia publicada na edição do dia 04 de março.

A CRUZADA. 1945. “Colégios Católicos e Acatólicos”. Notícia publicada na edição do dia 11 de março.

A CRUZADA. 1945. “Notícias de Nossa Terra - Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 18 de março.

A CRUZADA. 1945. “Notícias de Nossa Terra – Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 25 de março.

A CRUZADA. 1945. “Juventude Feminina Católica”. Notícia publicada na edição do dia 05 de agosto.

A CRUZADA. 1945. “Juventude Feminina Católica”. Notícia publicada na edição do dia 12 de agosto.

A CRUZADA. 1945. “Juventude Feminina Católica”. Notícia publicada na edição do dia 26 de agosto.

A CRUZADA. 1945. “Juventude Feminina Católica”. Notícia publicada na edição do dia 02 de setembro.

A CRUZADA. 1945. “A Mulher Brasileira e o Comunismo”. Notícia publicada na edição do dia 02 de setembro.

A CRUZADA. 1946. “A Adesão do Educandário Nossa Senhora das Graças de Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 24 de agosto.

A CRUZADA. 1946. “Notícias do Educandário Nossa Senhora das Graças de Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 11 de setembro.

A CRUZADA. 1947. “Acrísio Cruz e o Ensino Religioso”. Notícia publicada na edição do dia 19 de abril.

A CRUZADA. 1947. “Pelos Paróquias – Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 28 de junho.

A CRUZADA. 1947. “Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 02 de agosto.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 16 de agosto.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 23 de agosto.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 30 de agosto.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 06 de setembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 13 de setembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 20 de setembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 27 de setembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 04 de outubro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 11 de outubro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 18 de outubro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 25 de outubro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 01 de novembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 15 de novembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 22 de novembro.

A CRUZADA. 1947. “Nossa Senhora das Graças do Padre Manoel Soares”. Notícia publicada na edição do dia 22 de novembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 29 de novembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 06 de dezembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 13 de dezembro.

A CRUZADA. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 20 de dezembro.

A CRUZADA. 1948. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 17 de janeiro.

A CRUZADA. 1948. “Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 17 de janeiro.

A CRUZADA. 1948. “Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá”. Notícia publicada na edição do dia 24 de janeiro.

A CRUZADA. 1948. “Caminho da Escola”. Notícia publicada na edição do dia de fevereiro.

A CRUZADA. 1948. “Festa Jornalística em Propriá”. Notícia publicada na edição do dia . de julho.

A CRUZADA. 1948. “Ginásio Nossa Senhora das Graças (Sob Inspeção Federal)”. Notícia publicada na edição do dia 30 de novembro

CORREIO DE PROPRIÁ. 1945. “Educandário Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 28 de outubro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1945. “Educandário Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 03 de novembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1946 “Aviso Sobre o Educandário Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 15 de janeiro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. “Aviso Sobre o Educandário Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 27 de janeiro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. “Pelo Educandário Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 06 de agosto.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. “Hora de Arte no Educandário Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 06 de agosto.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. “Educandário Nossa Senhora das Graças Fundado em 1915”. Notícia publicada na edição do dia 07 de setembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. “Educandário Nossa Senhora das Graças Fundado em 1915”. Notícia publicada na edição do dia 11 de setembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. “Educandário Nossa Senhora das Graças Fundado em 1915”. Notícia publicada na edição do dia 21 de setembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. “Ginásio Nossa Senhora das Graças Sob Inspeção Federal”. Notícia publicada na edição do dia 10 de outubro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. “Propriá sem Literatura”. Notícia publicada na edição do dia 10 de janeiro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças sob Inspeção Federal”. Notícia publicada na edição do dia 13 de setembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 15 de novembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 29 de novembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. “Ginásio Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 06 de dezembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1948. “Colação de Grau”. Notícia publicada na edição do dia 14 de novembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1948. “Colação de Grau no Ginásio Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 25 de dezembro.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1950. “Ginásio Nossa Senhora das Graças”. Notícia publicada na edição do dia 12 de agosto.

CORREIO DE PROPRIÁ. 1950. “Festa da Formatura das Professoras de 1950”. Notícia publicada na edição do dia 04 de dezembro.

Jornais Consultados

A Cruzada

A CRUZADA. 1924. Edição da dia 02 de março.
A CRUZADA. 1924. Edição do dia 16 de março.
A CRUZADA. 1924. Edição do dia 23 de março.
A CRUZADA. 1924. Edição do dia 13 de abril.
A CRUZADA. 1924. Edição do dia 26 de abril.
A CRUZADA. 1925. Edição do dia 03 de maio.
A CRUZADA. 1926. Edição do dia 30 de maio.
A CRUZADA. 1945. Edição do dia 04 de março.
A CRUZADA. 1945. Edição do dia 11 de março.
A CRUZADA. 1945. Edição do dia 18 de março.
A CRUZADA. 1945. Edição do dia 25 de março.
A CRUZADA. 1945. Edição do dia 05 de agosto.
A CRUZADA. 1945. Edição do dia 02 de setembro.
A CRUZADA. 1946. Edição do dia 24 de agosto.
A CRUZADA. 1946. Edição do dia 11 de setembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 19 de abril.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 28 de junho.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 02 de agosto.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 16 de agosto.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 23 de agosto.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 30 de agosto.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 06 de setembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 13 de setembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 20 de setembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 27 de setembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 04 de outubro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 11 de outubro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 18 de outubro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 25 de outubro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 01 de novembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 15 de novembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 22 de novembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 29 de novembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 06 de dezembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 13 de dezembro.
A CRUZADA. 1947. Edição do dia 20 de dezembro.
A CRUZADA. 1948. Edição do dia 17 de janeiro.
A CRUZADA. 1948. Edição do dia 24 de janeiro.
A CRUZADA. 1948. Edição do dia 28 de fevereiro.

A CRUZADA. 1948. Edição do dia 17 de julho.
A CRUZADA. 1948. Edição do dia 30 de novembro.

Correio de Propriá

CORREIO DE PROPRIÁ. 1945. Edição do dia 28 de outubro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1945. Edição do dia 03 de novembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. Edição do dia 15 de janeiro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. Edição do dia 27 de janeiro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. Edição do dia 06 de agosto.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. Edição do dia 07 de setembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. Edição do dia 07 de setembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. Edição do dia 11 de setembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. Edição do dia 21 de setembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1946. Edição do dia 10 de outubro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. Edição do dia 10 de janeiro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. Edição do dia 13 de setembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. Edição do dia 15 de novembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. Edição do dia 29 de novembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1947. Edição do dia 06 de dezembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1948. Edição do dia 14 de novembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1948. Edição do dia 25 de dezembro.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1950. Edição do dia 12 de agosto.
CORREIO DE PROPRIÁ. 1950. Edição do dia 04 de dezembro.

Entrevistas

ALMEIDA, Marilena. 2006. Entrevista concedida à autora, no dia 17 de agosto.

BATISTA, Laís Caetano. 2006. Entrevista concedida à autora, no dia 15 de agosto.

FREIRE, Maria de Lourdes Barbosa. 2006. Entrevista concedida à autora, no dia 11 de agosto.

PRUDENTE, Socorro Souza. 2006. Entrevista concedida à autora, no dia 02 de agosto.

SANTANA, Aurélia. 2006. Entrevista concedida à autora, no dia 16 de julho.

SILVA, Madalena. Entrevista concedida à autora, no dia 12 de abril.

VALENTE, Rejane. 2006. Entrevista concedida à autora, no dia 08 de novembro.

VIEIRA, Zenaide. 2005. Entrevista concedida à autora, no dia 02 de novembro.

Documentos Institucionais

ATAS DAS PROVAS ORAIS DO CURSO TÉCNICO EM CONTABILIDADE DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1954.

ATAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1948 A 1962.

CADERNETA ESCOLAR DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1948.

ESTATUTO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO. 1935.

ESTATUTO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1945.

LIVRO DE CRÔNICAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1932.

LIVRO DE MENSAGENS DA DIOCESE DE PROPRIÁ. 1983.

LIVRO DE REGISTROS DA CODEVASF. 2005.

LIVRO DE REGISTROS DO CORPO DOCENTE DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1915 – 1973.

LIVRO DE REGISTROS E MAPAS DAS ESCOLAS PARTICULARES . APES. 1916 – 1925.

REGIMENTO INTERNO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1956.

REGIMENTO INTERNO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1968.

RELATÓRIO DE VISITAS DA INSPEÇÃO ESCOLAR DO ESTADO DE SERGIPE. 1916.

RELATÓRIO DE VISITAS DA INSPEÇÃO ESCOLAR DO ESTADO DE SERGIPE. 1919.

RELATÓRIO DE VISITAS DA INSPEÇÃO ESCOLAR DO ESTADO DE SERGIPE. 2006.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Úrsula Rangel Goothuzem. **Docência e luta na literatura modernista: a educação feminina nos romances “Simão Dias” e “Estrada da Liberdade” de Alina Paim (1928 – 1958)**. São Cristóvão: NPGED / Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação de Mestrado).

ALMEIDA, Jane Soares de. **Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século**. São Paulo: UNESP, 1998.

ANDRADE, Helvécio de. **A escola e a nacionalidade**. Aracaju: Emp. Typ. D’ O Lucrador, 1931.

_____. **Plano de organização do Ensino em Sergipe**. Aracaju: Editora – Casa A’ Vila, 1935.

ARAGÃO, Carlos Roberto Britto. **Propriá 200 anos: notas e fotos do bicentenário**. Aracaju: Sociedade Semear, 2002.

ARAUJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 1999.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. Higienismo e Educação: Práticas higiênicas nos grupos escolares de Aracaju no início do século XX. In: **Cadernos UFS – História da Educação**, vol. VI – Fascículo 1. São Cristóvão: Editora da UFS, 2004

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: parte 3ª. A transmissão da cultura**. 5ª edição. São Paulo: Melhoramentos, Brasília: INL, 1996.

_____. As origens das instituições escolares. In: **A cultura brasileira**. Parte III. A transmissão da cultura. 6ª ed. Brasília Editora UNB, 1996.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os padres de D. José**. São Cristóvão: NPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação de Mestrado).

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomás. **A construção social da realidade**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BONTEMPI, Jr., Bruno. **História da educação brasileira: o terreno do consenso** (Dissertação / Mestrado). São Paulo: PUC, 1995. (Dissertação de Mestrado).

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional - um percurso com Pascoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista: IFAN – CDAPH. Editora da Universidade São Francisco / EDUSF, 1999.

_____. A teoria como hipótese. In: **A intelligentsia educacional - um percurso com Pascoal Lemme por entre as memórias e as histórias da escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista: IFAN – CDAPF. Editora da Universidade São Francisco / EDUSF, 1999.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUZA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denice Bárbara (Org.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editoras, 1998. p. 31-40.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903 – 1973)**. São Cristóvão: NPGED / Universidade Federal de Sergipe, 2003. (Dissertação de Mestrado).

CRUZ, Maria Helena Santana; ALVES, Amy Adelina C. de F. e MELO, Ana Maria V. A construção do feminino: imagens e representações de educadoras sergipanas na primeira metade do século XX. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. Vol. VI – Fascículo 1. São Cristóvão: Editora da UFS, 2004.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador I: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane M. Teixeira, FARIA Filho, Luciano Mendes de e VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Literatura escolar e História da Educação: cotidiano, ideário e práticas pedagógicas**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000. (Tese de Doutorado).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência na prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 3ª edição. Petrópoles: Vozes, 2005.

FRAGO, Antônio Vinão e ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DPeA, 1998.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Pesquisando a educação feminina em Sergipe na passagem do século XIX para o século XX. In: **Revista do Mestrado em Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. v. 4. p. 45 – 65, jan. /jun., 2002.

_____. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Campinas / São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2003. (Tese de Doutorado).

_____. **Vestidas de Azul e Branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920 – 1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação / NPGED / UFS, 2003. (Coleção: Educação é História), 3).

_____. Vestígios da Dra. Laura Amazonas: aspectos da condição feminina em Sergipe. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. Vol. VI – Fascículo 1. São Cristóvão: Editora da UFS, 2004.

GANDINE, Raquel. Intelectuais, estado e Educação. In: **Revista brasileira de estudos pedagógicos. 1994 – 1952**. Campinas / São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de Anjo e Letreiros de Néon**: ginásianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão: Editora da UFS, 2002.

HAMILTON, David. Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. nº 1. p. 45 – 73, jan. / jun., 2001.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira**: leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil (1930 – 1945). Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

INÁCIO FILHO, Geraldo. Escolas para mulheres no Triângulo Mineiro (1880 – 1960). In: **Novos Temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2002.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados; nº 1, p. 9 – 43, jan. / jun., 2001.

LAGUNA, Shirley Puccia. **Reconstrução Histórica do Curso Normal da Escola Americana de São Paulo (1889 – 1933)**. Internato de Meninas: uma leitura de seu cotidiano e da instrução e educação feminina aí ministradas. São Paulo: PUC, 1999. (Dissertação de Mestrado).

LE GOFF, Jacques. **Memória – História**. Trad. Bernardo Leitão. et. al Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi nº 1).

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e Antiprendas**. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, UFRGS, 1987.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiolla. O perfil de educação feminina das casas de caridade do padre Ibiapina no Ceará (1855 – 1883). In: **História e Memória da Educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

MAGALHÃES JUNIOR, Antônio Germano. As “moças de família” e seus estabelecimentos educacionais católicos na década de sessenta. In: VASCONCELOS, José Gerardo e ADAD, Shara Jane Holanda Costa (Org.). **Coisas de Cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

MAIA, Flora do Prado. **Cenários de Uma Vida**. Aracaju: Escala Industrial, 1957.

MARGOTTO, Lillian Rose. **A Igreja Católica e a Educação Feminina nos Anos 60**: o Colégio Sacré-Coeur de Marie (Vitória – 1960/1969). Vitória: EDUFES, 1997.

MELO, Marcos. **Propriamente Falando**. Aracaju / Sergipe: Editora do Conde, 2003.

MELO, Valéria Alves. **Memórias da Indústria Têxtil em Propriá (1940 / 1970)**. São Cristóvão: DHI / Universidade Federal de Sergipe, 2002. (Monografia / Licenciatura em História).

MENEZES, Otávio (Org.). **Álbum Fotográfico e Comercial de Propriá**. Propriá / Sergipe: Imprensa Guarani, 1952.

MONARCHA, Carlos. **A Reinvenção da Cidade e da Multidão** - Dimensões da Modernidade Brasileira: a escola nova. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.

_____. **Escola Normal da Praça**: o lado noturno das luzes. Campinas / São Paulo: Editora da UNICAMP, 1999.

MORLEY, Helena. **Minha Vida de Menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NAGLE, Jorge. **A educação na virada do século**. São Paulo: UNESP, 1986.

NASCIMENTO, Éster Fraga Vilas - Bôas Carvalho do. Professora Penélope Magalhães, Memórias de Uma Viajante. In: **Cadernos UFS – História da Educação**, Vol. VI – Fascículo 1. São Cristóvão: Editora da UFS, 2004.

_____. **A Escola Americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886 – 1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação / NPGED / UFS, 2004. (Coleção Educação é História, 4).

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana**: uma crítica aos estudos de História da Educação. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação / NPGED / UFS, 2003. (Coleção Educação é História, 1).

_____. Graccho Cardoso e a Educação dos Pobres: O Patronato São Maurício. In: **Cadernos UFS – História**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2004. vol. V. nº 6, jan./dez.

_____. As interpretações da história da educação e os problemas para o estudo do ensino agrícola em Sergipe. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. Vol. VI. Fascículo 1. São Cristóvão: Editora da UFS, 2004.

_____. **Memórias do Aprendizado**: 80 anos do ensino agrícola em Sergipe. Maceió / Alagoas: Edições Catavento, 2004.

_____. A Escola do espelho: São Paulo e a Implantação dos Grupos Escolares no Estado de Sergipe. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares, Cultura Escolar Primária e escolarização da Infância no Brasil (1893 – 1971)**. Campinas / São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PASSOS, Elizete Silva. **A educação das virgens**: um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1995.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**. Campinas / São Paulo: Autores Associados, 2002.

SANTOS, Ana Luzia. **Educação na Imprensa Católica**: as representações do jornal *A Defesa* sobre a formação da juventude (1961 – 1969). São Cristóvão: NPGED / Universidade Federal de Sergipe, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Fábio Alves dos. **Olhares de Clio Sobre o Universo Educacional**: um estudo das monografias sobre educação do Departamento de História da UFS (1996 – 2002). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação / NPGED / UFS, 2003. (Coleção Educação é História, 2).

SANTOS, Sandra Maria dos. **A Trajetória Educacional em Capela**: experiência das missionárias da Imaculada Conceição (1929 / 1954). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2002. (Monografia / Licenciatura em História).

SILVA, Geraldo Bastos. **A Educação Secundária**. Campinas / São Paulo: Editora Nacional, 1969.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 – 1910). São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Valéria Carmelita Santana. **A “Cruzada” Católica**: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. São Cristóvão: NPGED / Universidade Federal de Sergipe, 2005. (Dissertação de Mestrado).

SIQUEIRA, Luis. **De La Salle a Lancaster**: os métodos de ensino na Escola de primeiras Letras sergipana (1825 – 1875). São Cristóvão: NPGED / Universidade Federal de Sergipe, 2006. (Dissertação/ Mestrado), 2006.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Fernando de Azevedo e a Cultura Brasileira** ou as Aventuras e Desventuras do Criador e da Criatura. São Paulo: PUC, 1995. (Dissertação de Mestrado).

VALENÇA, Cristina de Almeida. **Entre Livros e Agulhas**: representações da cultura escolar feminina na Escola Normal em Aracaju (1871 – 1931). Aracaju: Nossa Gráfica, 2005.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e o Processo Educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZOTTI, Solange A. **Sociedade e currículo no Brasil**: dos jesuítas aos anos se 1980. Campinas: Autores Associados, Brasília: Plano, 2004.

ANEXO I – Roteiro de Entrevistas

Para ex-alunas

- 1 – Com que idade você ingressou no Colégio Nossa Senhora das Graças?
- 2 - Quanto tempo estudou lá?
- 3 – O que você achava das colegas? E das professoras?
- 4 – Quem eram essas colegas?
- 5 – Na época em que estudou no Colégio Nossa Senhora das Graças estudava meninos também?
- 6 – Na escola havia a formação de grupos?
- 7 – Como era a disciplina na escola?
- 8 – O que acontecia quando alguma aluna cometia atos transgressores?
- 9 – Quais eram as matérias estudadas no Colégio Nossa Senhora das Graças?
- 10 – Quais eram as suas aulas preferidas?
- 11 – Tinha professor homem?
- 12 – Quais eram as exigências para entrar na escola?
- 13 – Era aluna interna, semi-interna ou externa?
- 14 – Conhece a Escola Gratuita de Santo Antônio?
- 15 – Qual era a diferença entre a Escola Gratuita de Santo Antônio e o Colégio Nossa Senhora das Graças?
- 16 – Onde ficava localizado o Colégio Nossa Senhora das Graças?
- 17 – E a Escola de Santo Antônio, onde ficava?
- 18 – Como era o dia-a-dia no Colégio Nossa Senhora das Graças?
- 19 – Que tipo de material você levava par o Colégio (enxoval)?
- 20 – Descreva o fardamento utilizado.
- 21 – Descreva as instalações do Colégio Nossa Senhora das Graças. E da Escola de Santo Antônio.
- 22 – E a sala de aula, como era?
- 23 – Quais espaços do Colégio eram mais freqüentados? Por que?
- 24 – Como era o relacionamento das freiras com as alunas?
- 25 – Havia festa na escola? Quem organizava?
- 26 – Tinha alunas de outra religião que não a católica?
- 27 – Você fez a primeira eucaristia? Como isso aconteceu?

- 28 – Como a mulher era vista, pela sociedade, naquela época
- 29 – O que representa para você enquanto mulher ter tido a oportunidade de estudar ?
- 30 – O que você cursou no Colégio?
- 31 – E depois que saio, continuou estudando?
- 32 – Frequentou o curso superior?
- 33 – O que significou naquela época estudar no Colégio Nossa Senhora das Graças?
- 34 – E, hoje, como você vê o período em que estudou no Colégio?
- 35 – Você já ouviu falar na Pia União das Filhas de Maria?

Para ex – professoras

- 01 – Por que instalar em Propriá um colégio religioso?
- 02 – Qual foi o procedimento para a instalação do Colégio Nossa Senhora das Graças em Propriá?
- 03 – Qual era o público alvo da escola? Por que?
- 04 – Como era o cotidiano no Colégio?
- 05 – Naquela época, como eram selecionadas as alunas?
- 06 – Por que não aceitavam meninos na escola?
- 07 – Pode me falar em que período os meninos começaram a serem aceitos no Colégio.
- 08 – O que se ensinava no Colégio?
- 09 – Quem eram os professores?
- 10 – Qual era o momento mais importante da escola?
- 11 – Qual a origem da Congregação?
- 12 – Por que vieram para o Brasil?
- 13 – Por que envolveram-se com a educação especialmente de moças?
- 14 – Fale um pouco sobre a Escola de santo Antônio.
- 15 – tinha festa na escola? Quais? Quem organizava?
- 16 – As famílias participavam das atividades da escola? e a comunidade?
- 17 – E no tocante a religião, quais eram as práticas no Colégio?
- 18 – promoviam a primeira eucaristia das alunas? Como isso acontecia?
- 19 – Como eram as instalações do Colégio? O que mudou?
- 20 – Como era a disciplina no Colégio?

- 21 – O que representa para você noventa anos dedicados a educação?
- 22 – Se as alunas cometessem atos transgressores, o que lhes acontecia? Como a escola lidava com isso?

Para membros da Congregação

- 01 – Por que a Congregação recebeu este nome?
- 02 – Por que se instalou em Propriá?
- 03 – Foi aluna do Colégio Nossa Senhora das Graças?
- 04 – Em que período foi aluna do Colégio Nossa Senhora das Graças?
- 05 – Por que uma escola para meninas?
- 06 – O que se estudava no Colégio?
- 07 – Havia algum professor homem?
- 08 – Quais as exigências para entrar na escola?
- 09 – Fale sobre a Escola de Santo Antônio?
- 10 – Como esta escola funcionava?
- 11 – Descreva as instalações da Escola de Santo Antônio.
- 12 – Qual a diferença entre o colégio e a escola?
- 13 – Onde ficava localizado o Colégio? E a Escola?
- 14 – Como era o dia no Colégio?
- 15 – E a disciplina?
- 16 – Que tipos de materiais as alunas levavam para a escola?
- 17 – Descreva o fardamento utilizado.
- 18 – Descreva a sala de aula do Colégio. E a da Escola, como era?
- 19 – Quais espaços do Colégio eram mais freqüentados pelas alunas? Por que?
- 20 – Como era o relacionamento das irmãs com as alunas?
- 21 – Havia festa no Colégio? Quem organizava?
- 22 – Alunas pertencentes a outra religião freqüentavam o Colégio?
- 23 – O que era a Pia União das Filhas de Maria?

ANEXO II - Hino de Propriá.

Propriá, ó estrela famosa,
Alcandor de lascivos madrigais!
De Sergipe és filha afanosa
No cultivo dos teus arrozais!
O teu Céu de manhãs cor de rosa
Faz de ti nosso eterno fanal
Te adoramos princêsa formosa
Do amor e da paz Cathedral.

Teu futuro feliz haverá de ser
Do passado ostentas a glória
Se eu clã é trabalho, cultura e saber (bis)
De lauréis cobrirás tua história!

Se o Sol tens calor permanente
Teu luar tem beleza e poesia
Tuas noites confundem a gente
Quando é hora da Ave-Maria.
Se o teu “São Francisco” murmura
Sinfonias de sons magistrais,
Teus barquinhos com alma e doçura
Vão cantando canções tropicais!

(Letra e Música: Otávio Menezes)

ANEXO III – Hino do Colégio Nossa Senhora das Graças.

Letra: Padre Manoel soares

Música: Profª Maria Odete Silva

Coro: Virgem Santa das Graças bondosa

Nossos passos na estrada conduz

Mãe querida, gentil, carinhosa

Com meiguice nos leva a Jesus.

I - Somos jovens, a vida nos chama

Ao estudo, ao trabalho, ao dever

O mais belo ideal nos inflama

Pela Pátria, lutar e vencer.

II – Quando um dia esta casa surgiu

E somente de luz semeou

Propriá, de esperança freuiu

Sua gente, feliz, exultou!

III – Quem estuda ilumina o futuro

A grandeza da Pátria prepara!

O Colégio é abrigo seguro,

Deste povo é a jóia mais rara!

IV – Nossa terra olhando pros céus!

Nosso rio correndo pro mar...

Nossas almas louvando o bom Deus

Que nos deu esta terra sem par!

V – Santo Antônio, protege, abençoa

Propriá a cidade feliz

Não te esqueças da gente tão boa
Que te louva, te quer e bendiz!

ANEXO IV – Certidão do Estatuto do Ginásio Nossa Senhora das Graças. 1956.